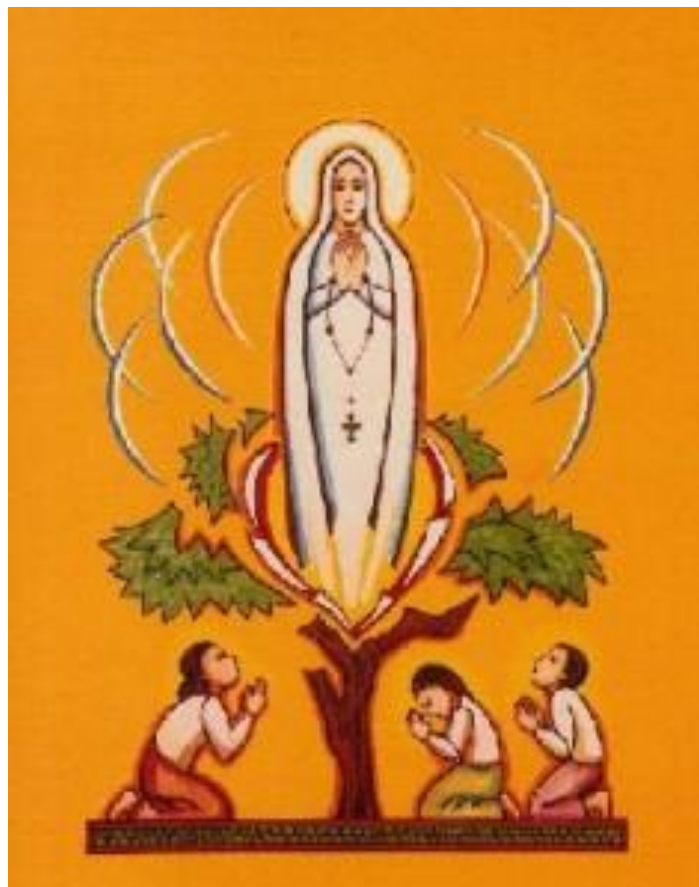


**Antônio Monteiro**

# **AS APARIÇÕES DA COVA DA IRIA**



**Edição Digital**  
Rio de Janeiro  
2009

**Editado pela Fraternidade Rosacruz Max Heindel**  
Centro Autorizado do Rio de Janeiro  
Com expressa autorização do autor

# AS APARIÇÕES DA COVA DA IRIA

## CONTEÚDO

**Advertência**

**Introdução**

**I - Enquadramento histórico das aparições**

**II - Os acontecimentos, segundo os relatos de 1917**

Introdução

Os protagonistas

*A Senhora*

Lúcia

Jacinta

Francisco

Primeira aparição

Segunda aparição

Terceira aparição

O segredo

Quarta aparição

Quinta aparição

Sexta aparição

*As figuras celestiais*

*O milagre do sol*

Outras aparições

*O vulto da Estrumeira*

*A Senhora e Jacinta*

*Um anjo e outros videntes*

Em suma ...

**III - Os acontecimentos, segundo a versão da Igreja Católica**

Introdução

Os protagonistas

*A Senhora*

Lúcia

Jacinta

Francisco

Carolina e Conceição

Primeira aparição

Acrescento I

Acrescento II

Acrescento II

Segunda aparição

Terceira aparição

*O segredo*

*Primeira parte - Visão do inferno*

*Segunda parte - Devoção do Imaculado Coração de Maria*

*Terceira parte – O massacre do papa e de prelados no alto de uma montanha.*

Quarta aparição

Quinta aparição

Sexta aparição

Outras aparições

*O Anjo da Paz ou Anjo de Portugal*

*A Virgem, o Menino Jesus e Jesus*

*A Santíssima Trindade*

Em suma ...

#### **IV - Os acontecimentos, segundo outras versões**

A versão do embuste

A versão *OVNI*

A versão Imamita

A versão espírita

#### **V - A minha versão dos acontecimentos**

Introdução

A Serra de Aire

O esoterismo da região

Aparições da Virgem

Simbólica da região

Os protagonistas

*A Senhora*

Os videntes

Outras aparições

Alguns conceitos rosicrucistas

A minha explicação

#### **VI - Uma palavra final**

Bibliografia

Notas

## ADVERTÊNCIA

Este livro é uma versão revista e actualizada de *O que é Fátima?*, publicado em Lisboa, pela *Hugin Editores*, em 2000 e que teve um destino algo misterioso: depois de ter estado exposto nas livrarias e bancas habituais, durante poucos dias, todos os exemplares desapareceram; contactado o editor, este limitou-se a *explicar* que a empresa distribuidora os tinha extraviado e não sabia do seu paradeiro.

Entretanto o Reitor do Santuário de Fátima, fez um inquérito junto dos leitores de *Fraternizar*, uma publicação do padre Mário de Oliveira, antigo pároco de Lixa, onde este afirmava que o número de peregrinos a Fátima tinha diminuído depois da publicação do seu livro *Fátima Nunca Mais*. Como era um dos leitores do *Fraternizar*, respondi ao inquérito e achei por bem enviar um exemplar do meu livro *O que é Fátima?*, pedindo o favor de me transmitir os comentários que o mesmo lhe suscitasse.

O Reitor nunca me respondeu nem agradeceu o livro.

## INTRODUÇÃO

Ao fim da tarde de um domingo de Primavera, 13 de Maio de 1917, no lugar de Aljustrel, Jacinta, uma pequena pastora de sete anos, aguardava impacientemente que os pais regressassem da feira da Batalha, onde tinham ido de madrugada comprar gado. Mal os viu surgir na curva da estrada poeirenta, correu para a mãe, abraçou-se-lhe às pernas e disse:

- "*Ó mãe! Eu vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria!*"

- "*Credo, filha! Estás uma boa santinha para veres Nossa Senhora*", respondeu-lhe a mãe.

- "*Mas eu vi-a, minha mãe*", insistiu Jacinta.

- "*És bem doidinha, rapariga. Nem que Nossa Senhora te fosse aparecer a ti*"<sup>i</sup>, retorquiu a mãe, pondo um ponto final na conversa.

Assim começou a história de Fátima e, naturalmente, uma longa polémica sobre o que teria acontecido nesse domingo e se iria repetir nos dias 13 dos cinco meses seguintes, excepto em Agosto. Estariam as crianças, Jacinta, Lúcia e Francisco, pura e simplesmente a mentir, ou teriam, de facto, visto *uma mulher em cima de uma carrasqueira, vestida de branco?*<sup>ii</sup> E quem seria a mulher?

- "*Se os cachopos viram uma mulher vestida de branco, quem poderia ser senão Nossa Senhora?*"<sup>iii</sup> decidiu o pai de Jacinta.

Em breve a discussão transbordou do nível familiar para o regional e, pouco depois, para o nacional, dando origem a um imenso cortejo de crentes, descrentes e, principalmente, de oportunistas que, mais ou menos indiferentes ao cerne da questão, viram na Cova da Iria uma segunda Lurdes, ou seja, uma nova fonte de rendimentos.

Fosse qual fosse a sua natureza, o que aconteceu na Cova da Iria em 1917 é verdadeiramente extraordinário e merece a melhor das atenções.

Se, como pretendeu o senhor Marto - e a Igreja Católica iria corroborar alguns anos depois com um fervor religioso tão exaltado quanto tardio - ali apareceu Nossa Senhora, é um acontecimento verdadeiramente extraordinário, mesmo considerando a frequência com que há dois mil anos a Virgem vem aparecendo por todo o mundo, como crêem os fieis.

Se, como querem alguns espíritas, as crianças eram *médiuns* e o que viram foi uma alma desencarnada, continua a ser um acontecimento verdadeiramente extraordinário, pese embora a frequência com que se diz que tais almas visitam os inúmeros centros espíritas de todo o mundo.

Se, como entretanto afirmam os *ovnilogistas*, o que se passou foi um *contacto imediato do terceiro grau*, continua a ser um acontecimento verdadeiramente extraordinário, mesmo considerando a frequência com que estes *contactos* têm ocorrido por todo o mundo, conforme afirmam os apaixonados por discos voadores e o cinema, a televisão e demais *media* vêm documentando.

Mas se, como garantem alguns críticos, tudo não passou de um colossal embuste arquitectado por alguns padres e que, treze anos depois, a Igreja teve de aceitar e declarar como milagre, nem por isso deixa de ser um acontecimento verdadeiramente extraordinário, não as teofanias, é claro, mas o indesmentível facto, que os críticos se esforçam por ignorar, de cerca de 50.000 pessoas estarem convictas de que, no dia 13 de Outubro de 1917, viram o sol rodopiar três vezes e precipitar-se sobre a terra para se deter a curta distância das copas das árvores, o que, para eventual desespero desses críticos, é pouco frequente, embora não inédito, ao contrário dos embustes da Igreja que, para deleite dos mesmos, são prática vulgar.

Fosse Nossa Senhora, fosse um espírito de luz, fosse um extraterrestre, fosse um embuste, o facto é que a Igreja Católica viu ali um excelente pretexto para eleger Fátima como símbolo vivo do restabelecimento em Portugal do seu poder e do triunfo da fé sobre as forças anticlericais que, durante mais de um século e meio, se tinham esforçado por destruir.

Mas essa eleição fez-se de forma tosca, ridícula, por vezes blasfema até, inventando novas aparições e atribuindo a Nossa Senhora intenções que de forma alguma se coadunam com a ideia que se faz da principal figura feminina do Cristianismo; refiro-me, concretamente, aos sacrifícios de extrema crueldade que, diz a Igreja, os pobres videntes suportaram, alegremente, em troca das graças que Deus

lhes concedeu, em especial a pobre Lúcia que, depois de encarcerada num convento, se tornou amiga, confidente e mensageira da Virgem Maria, de Nosso Senhor e de outras celestiais entidades.

\* \* \*

Com o presente trabalho pretendo, em primeiro lugar, levar os interessados a uma reflexão crítica sobre a versão oficial da Igreja que esperava fosse incluída no pedido público de perdão feito pelo Papa em 2000; em segundo lugar, apresentar outras versões correntes, que não subscrevo, embora algumas se baseiem em dados aceitáveis; por fim, propor a explicação que considero a mais verosímil, mas que poderá não passar de mais uma entre tantas.

Seja como for, gostaria de contribuir para uma visão menos distorcida do que há quase um século se passou num lugar pobre e ermo da Serra de Aire e que hoje atrai peregrinos, turistas ou simples curiosos que, de todas as partes do mundo, ali vão, anualmente, aos milhares.

# I

## ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DAS APARIÇÕES <sup>iv</sup>

As aparições da Cova da Iria ocorreram durante um período particularmente difícil para a Igreja Católica em Portugal, já que, para as forças políticas instaladas no poder desde 5 de Outubro de 1910, esta representava um perigo muito maior do que a própria monarquia, sendo, por isso, um inimigo a abater.

Os problemas, que tinham começado com o Marquês de Pombal, foram-se agravando, primeiro, com as ideias liberais saídas da Revolução Francesa, depois, com a derrota das forças absolutistas que, desastrosamente, a hierarquia da Igreja tinha apoiado, e, por fim, com a proclamação da república. É que as medidas anticlericais imediatamente tomadas pelo governo provisório levaram republicanos e maçons mais extremistas a incitar as massas contra a Igreja, do que resultou o assassinato de alguns sacerdotes, a prisão de diversos párocos e, em Lisboa, o assalto das sedes de algumas ordens, nomeadamente da Sociedade de Jesus (que, entretanto, tinha regressado sub-repticiamente), onde os populares tudo fizeram para descobrir os subterrâneos que se dizia terem os Jesuítas escavado debaixo da capital a fim de esconderem armas, barras de ouro e os restos das suas vítimas.

Em Dezembro de 1910 os bispos protestaram e em 20 de Abril de 1911 Afonso Costa ripostou: garantindo que em duas gerações o catolicismo estaria extinto em Portugal, fez promulgar a Lei da Separação entre o Estado e a Igreja. De novo os bispos se manifestaram contra e de novo o governo respondeu expulsando os prelados das sedes das suas dioceses por um prazo de dois anos.

Em Agosto de 1914 deflagrou a Primeira Guerra Mundial. Apesar de não estar preparado, nem económica, nem financeira, nem militarmente, e de não ser essa a vontade da velha aliada Inglaterra, o nosso país entrou no conflito enviando duas expedições para África e, em Janeiro de 1917, fazendo deslocar para a Flandres o Corpo Expedicionário Português (CEP), ao qual foi dada a missão de garantir a defesa de uma frente de 12 quilómetros no sector britânico. Porém, as nossas tropas reflectiam o estado calamitoso da nação; com um enquadramento deficiente, um armamento inadequado ou obsoleto e um moral baixo, o CEP era incapaz de se opor ao poderoso e disciplinado exército alemão, como se verificou logo a partir do Verão de 1917.

Entretanto, num remoto e pacato lugarejo da Serra de Aire, “*uma Senhora mais brilhante do que o Sol*” apareceu, por seis vezes, a três crianças e, para que todos acreditassem no que estas diziam, em 13 de Outubro de 1917 despediu-se com um espectacular *milagre*: cerca de 50.000 pessoas *viram* o sol rodopiar sobre si mesmo e quase se despenhar sobre a terra.

A primeira notícia das aparições foi publicada em 23 de Julho de 1917 pel’ *O Século*, o maior jornal da época, mas o grande *boom* noticioso foi, naturalmente, provocado pelo *milagre do sol*; um ou dois dias depois, quase todos os jornais portugueses, católicos e anticatólicos, deram o maior destaque ao sucedido, complementando-o com declarações dos videntes e testemunhos de diversas pessoas, algumas de elevada posição, que assistiram ao *fenómeno*. Como é evidente, toda esta publicidade suscitou a fé ou a curiosidade de muitos portugueses, incluindo sacerdotes de prestígio, como o célebre Padre Cruz, que passaram a afluir à Cova da Iria em número sempre crescente.

De nada valeram os actos de vandalismo intimidatório praticados por facções anticlericais mais extremistas, como o derrube, à machadada, de uma pobre carrasqueira que, afinal, tinha sido confundida com aquela onde a *Senhora* aparecia e que os fieis, sequiosos de relíquias, tinham já feito desaparecer, ou, em 6 de Março de 1922, a destruição, à bomba, de uma pequena capela ali erguida pela devoção popular<sup>v</sup>.

Nem um clamoroso engano da *Senhora* abalou a fé em Fátima. Em 13 de Outubro de 1917, na sua última aparição, afirmou que a guerra acabaria nesse dia e que os nossos soldados iriam regressar em breve<sup>vi</sup>. O que sucedeu, porém, foi bem diferente: no final desse ano a situação na Flandres tornou-se quase desesperada e em 9 de Abril de 1918, quando os ingleses se preparavam para render as nossas enfraquecidas tropas, os alemães lançaram uma ofensiva em larga escala contra o sector português e destroçaram, por completo, o CEP na tristemente célebre *Batalha de La Lys*.

\* \* \*

Creio que a crescente importância religiosa que o povo atribuía aos acontecimentos, nomeadamente ao *milagre do sol*, tenha colocado a Igreja numa posição embaraçosa, uma vez que o reconhecimento oficial de uma intervenção divina na Cova da Iria poderia ser tomada como uma afronta à política anticlerical, materialista e ateia da república e dar origem a novas represálias; nestas condições, a sua reacção limitou-se à elaboração de três tímidos inquéritos que a nada conduziram.

O consulado de Sidónio Pais permitiu o renascer das esperanças da Igreja, mas o seu assassinato veio repor o país no seu calamitoso estado; as lutas partidárias, os assassinatos políticos, as prisões arbitrarias, os golpes e contragolpes, a anarquia nas ruas, a obstrução sistemática aos governos - que passaram a suceder-se à cadência de um por trimestre - e as constantes greves selvagens, levaram o país à beira do caos.

Entretanto, em princípios de 1921, o novo Bispo de Leiria, cuja diocese fora restaurada três anos antes, decidiu enviar Lúcia para bem longe dali, onde não pudesse ser contactada; a escolha do local recaiu sobre o Asilo de Vilar, das Irmãs Doroteias, próximo do Porto, onde, em 17 de Maio de 1921, a pobre adolescente foi forçada a iniciar a sua clausura perpétua. **Na véspera da sua partida, D. José Alves Correia da Silva chamou-a para a proibir, terminantemente, de dizer quem era, para onde ia e, acima de tudo, de falar sobre as aparições com quem quer que fosse** <sup>vii</sup>. Diz a Igreja que desta forma, e em conformidade com a sua própria vocação e os desejos de Nossa Senhora, se proporcionou à jovem uma educação e formação católica longe da vida mundana.

Penso, porém, que o verdadeiro motivo foi outro e bem diferente: o que a Igreja quis foi controlar e preservar, para ulterior e oportuna exploração, uma preciosa fonte de graças e privilégios divinos já consagrada pela devoção popular. Se assim não foi, então como se compreende que, em 3 de Maio de 1922, ou seja, **um ano depois do afastamento da única vidente viva** <sup>viii</sup>, o Bispo de Leiria tenha nomeado uma comissão para estudar o caso da Cova da Iria? E como se compreende que essa comissão tivesse arrastado os seus trabalhos ao longo de oito anos? <sup>ix</sup> Compreende-se... se virmos nesta atitude uma cautelosa e paciente espera por uma alteração total da política portuguesa, a qual, aliás, há muito se adivinhava ...

De facto, em 28 de Maio de 1926, o general Gomes da Costa, à frente de uma coluna militar e com o apoio imediato e incondicional de praticamente todo o país, saiu de Braga e marchou sobre Lisboa, onde, quatro dias depois, entrou triunfalmente sem disparar um tiro; estavam lançadas as bases do Estado Novo.

Com Salazar, a Igreja Católica recuperou, rapidamente, o poder que liberais, maçons e republicanos tudo tinham feito para lhe retirar, e para assinalar o seu triunfo, erigiu um novo *altar do mundo* - Fátima.



## II

### OS ACONTECIMENTOS, SEGUNDO OS RELATOS DE 1917

#### INTRODUÇÃO

Para reconstituir o que se passou em 1917 na Cova da Iria, vou-me basear, fundamentalmente, nos primeiros relatos que os videntes e algumas testemunhas fizeram a diversas personalidades, na maioria eclesiásticas, que os passaram a escrito mas permaneceram inéditos durante setenta e cinco longos anos.

De facto, só em 1992 é que no âmbito de uma projectada história crítica das aparições, o Santuário de Fátima publicou o primeiro volume da *Documentação Crítica de Fátima*, intitulado *Interrogatórios aos Videntes – 1917*.

Contém este livro:

- os apontamentos do Pároco de Fátima sobre os interrogatórios a que submeteu as crianças, sobretudo Lúcia, após cada uma das aparições;
- as notas do Cónego Dr. Manuel Nunes Formigão sobre as suas visitas à região e os interrogatórios aos videntes e alguns familiares, feitos por si a partir de Setembro de 1917;
- os três inquéritos atrás referidos: de Porto de Mós, de Ourém e de Fátima, este praticamente igual aos apontamentos do pároco;
- e cinco testemunhos: dois de sacerdotes, um do administrador de Vila Nova de Ourém, outro de um advogado e futuro deputado, e o último de um funcionário dos correios.

Sendo estes relatos, portanto, os primeiros e coetâneos, sem dúvida que reproduzem os acontecimentos com muito maior autenticidade e fidelidade do que todos aqueles que, mais tarde, vieram a lume; por outro lado, o facto desta obra ser da responsabilidade do Santuário de Fátima e conter passagens que, surpreendentemente, contrariam, ou não corroboram, a versão oficial da Igreja, confere-lhe toda a credibilidade.

#### OS PROTAGONISTAS

Antes de entrar na reconstituição dos acontecimentos, vou apresentar os quatro principais protagonistas tal como foram descritos em 1917: uma *Senhora vinda do céu* e três pequenos pastores, Lúcia, Jacinta e Francisco. Lúcia via, ouvia e falava com a *Senhora*; Jacinta via e ouvia o que esta dizia, embora com muitas interrupções; Francisco apenas via, mas com frequentes lapsos de visão.

##### A *Senhora*

Segundo as primeiras descrições das crianças, a *Senhora* era uma *mulherzinha (sic)*<sup>x</sup> de tez branca e luminosa, olhos negros e de uma beleza extraordinária e ofuscante que quase cegava, sendo difícil fixá-la com o olhar; aparentava ter uns quinze anos e não media mais do que um metro e dez de altura<sup>xi</sup>.

A sua expressão era sempre séria<sup>xii</sup>, nunca tendo chorado nem sorrido; nunca olhou para o povo que, a partir da segunda aparição, passou a ir à Cova da Iria nos dias 13. Tinha uma voz doce e meiga; quando falava alargava os braços e abria as mãos, mas mantinha a boca fechada, sem mexer os lábios<sup>xiii</sup>. Uma das pessoas que a partir da segunda aparição estiveram presentes na Cova da Iria, disse que da

carrasqueira vinha "*uma voz muito sumida, semelhante ao zumbir d' uma abelha, mas sem distinguir palavra alguma*" <sup>xiv</sup>.

Trazia um manto branco que descia da cabeça ao fundo da saia, dourado da cintura para baixo e ornamentado com uns cordões dourados; por baixo, um vestido branco, com dois ou três cordões dourados nos punhos: a saia era, também, branca e dourada, com o mesmo género de cordões, e chegava, somente, aos joelhos. Nos pés, apenas usava meias brancas.

Como adereços trazia umas pequenas arrecadas e, ao pescoço, um cordão de ouro com uma medalha aos bicos; das mãos pendiam-lhe umas contas muito brancas, ou um terço, que segurava entre os indicadores e os polegares <sup>xv</sup>.

As crianças, nomeadamente Lúcia, diziam, umas vezes, que a *Senhora*, pura e simplesmente, aparecia em cima da carrasqueira, outras, que vinha de Nascente, para onde regressava depois de falar com Lúcia. As aparições ocorreram sempre ao meio-dia solar dos dias 13, de Maio a Outubro de 1917, excepto em Agosto, e eram precedidas de um ou dois trovões e, ou, relâmpagos. Houve, também, quem verificasse a ocorrência de fenómenos inexplicáveis associados às aparições: em 13 de Julho e 13 de Agosto (data em que a aparição se malogrou em virtude das crianças terem sido levadas para Vila Nova de Ourém), "*uma nuvem baixou sobre a carrasqueira*" e "*empooou os ares, que pareciam ennevoados*"<sup>xvi</sup>; em 13 de Outubro houve quem tivesse visto "*pequenas nuvens de fumo (...) semelhantes ao fumo do thuríbulo (...) ou às fumaradas de sigarro*" (*sic*) <sup>xvii</sup>, ou, saindo da carrasqueira, "*uma espécie de névoa ou de nuvem que se foi elevando (...) para Nascente chegando a impallidecer o brilho do sol*"<sup>xviii</sup>.

## Lúcia

Lúcia de Jesus dos Santos nasceu em Aljustrel no dia 22, ou 28, de Março de 1907, filha de António dos Santos, o *Abóbora*, homem rude, dado à bebida, mas de boa índole, e de Maria Rosa, uma camponesa apagada, religiosa, que de início não acreditava no que as crianças diziam e que, talvez por isso, fez questão em levar a filha a Fátima para ser interrogada pelo pároco, depois de cada aparição.

Lúcia era uma criança boçal, de feições grosseiras, cabelos e olhos negros, bondosa, mas que gostava de se impor às crianças com quem brincava. Era analfabeta, aliás como todas as crianças do sexo feminino da sua terra. Teve uma educação religiosa e fez a primeira comunhão aos seis anos, idade em que começou a vida de pastora.

Como vimos, em 17 de Maio de 1921 entrou para o Asilo de Vilar onde fez, apenas, a instrução primária. Em 25 de Outubro de 1925, já como postulante, deu entrada no Instituto de Santa Doroteia, em Pontevedra, Espanha, onde concluiu o noviciado, após o que professou em 3 de Outubro de 1928, tendo adoptado o nome de Maria Lúcia das Dores. Em Maio de 1946 regressou a Portugal e entrou para a Casa do Sardão, em Vila Nova de Gaia. Em 25 de Março de 1948 foi transferida, a seu pedido, para o Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, onde adoptou novo nome, o de Maria Lúcia do Coração Imaculado de Maria. Aqui faleceu em 13 de Fevereiro de 2005.

Lúcia foi, sem dúvida, uma mulher profundamente traumatizada. Em criança, foram as aparições, as suspeitas de fraude ou de engano, as repreensões, os interrogatórios, os pedidos, a curiosidade, por vezes mórbida, dos estranhos que a não largavam; na adolescência, foi o afastamento forçado da sua terra, da mãe, já viúva <sup>xix</sup>, dos irmãos e amigos, e a clausura perpétua num distante asilo; a partir da juventude, foi a continuidade da reclusão num ainda mais longínquo convento em Espanha, prosseguida, já na velhice, numa das mais severas ordens religiosas femininas, as Carmelitas.

Daí que, na opinião de Fina d'Armada, a pobre Lúcia pudesse sentir-se revoltada e culpabilizasse a *Senhora* pela sua vida de clausura, sentindo, mesmo, por ela um certo desprezo; são, de resto, estes sentimentos e uma camuflada frustração pela ausência de uma sadia vida sexual, que esta autora encontra em muitas páginas do livro *Fátima*, de Antero de Figueiredo, que entrevistou a freira em 1935 ou 1936 <sup>xx</sup>.

## Jacinta

Jacinta de Jesus Marto era prima de Lúcia e nasceu em 11 de Março de 1910, também em Aljustrel, filha de Manuel Pedro Marto, homem “*demasiadamente crente – se não alucinado*”, na opinião do Pároco de Fátima<sup>xxi</sup>, e de Olímpia de Jesus.

Era uma criança bonita, tímida, de feições delicadas, alegre, folgazã, e que, tal como a prima, cedo começou a vida de pastora. Nos interrogatórios a que foi sujeita revelou uma fraca e confusa memória, já que esquecia e confundia muito do que a *Senhora* dizia a Lúcia.

Em Outubro de 1918, uma broncopneumonia, depois a tuberculose, prostrou-a na cama, mas, incompreensivelmente, só no Verão do ano seguinte foi internada no hospital de Vila Nova de Ourém. Em 21 de Janeiro de 1920 foi para Lisboa e alguns dias depois deu entrada no Hospital de D. Estefânia, onde faleceu em 20 de Fevereiro desse ano.

## Francisco

O único protagonista do sexo masculino, irmão da Jacinta, também pastor, nasceu em Aljustrel em 11 de Junho de 1908. Francisco dos Santos Marto era um garoto taciturno, olhos parados e tão apagado que no célebre dia 13 de Outubro passou despercebido da maior parte dos jornalistas<sup>xxii</sup>. O seu contributo para a história de Fátima foi praticamente nulo.

Por ser rapaz e a escola da região, na época, apenas admitir alunos do sexo masculino, foi o primeiro dos videntes que começou a aprender a ler e escrever, seguindo, assim, as instruções da *Senhora*; porém, adoeceu na mesma altura da irmã e faleceu, ainda antes desta, em Aljustrel, em 4 de Abril de 1919.

\* \* \*

No seu *Estudo apologético sobre os videntes*, datado de Novembro de 1917, o Dr. Formigão diz estar certo da sinceridade das crianças, que, em sua opinião, eram perfeitamente normais, em nada diferindo das outras daquele meio rural, nem em inteligência, nem em religiosidade. Não mostravam sinais de perturbação mental, nem de exaltação religiosa, nem a mínima inclinação para o misticismo; Jacinta e Francisco ainda nem tinham feito a primeira comunhão e a sua prática religiosa limitava-se às missas dominicais e ao terço, que costumavam rezar mas sem qualquer recolhimento, antes com frequentes distrações, como é próprio de crianças normais. Muito embora a mãe de Lúcia costumasse ler-lhe a *Missão Abreviada*<sup>xxiii</sup> e contar a história da aparição de La Salette, a criança nunca se mostrou minimamente impressionada com esses relatos<sup>xxiv</sup>. E até o ar beato que mostram em algumas fotografias, afinal não passava de *pose* estudada<sup>xxv</sup>.

Por outro lado, nem as crianças nem os seus familiares tiraram qualquer proveito material dos acontecimentos; não aceitavam dinheiro nem ofertas valiosas e os videntes, sempre que podiam, escondiam-se das pessoas que os queriam interrogar; e quando tinham de responder, faziam-no com candura, singeleza e sem consciência nem vaidade da importância que os fieis lhes atribuíam<sup>xxvi</sup>.

## PRIMEIRA APARIÇÃO

No dia 13 de Maio de 1917, as três crianças andavam pela Cova da Iria a guardar as ovelhas quando, por volta das 13 horas<sup>xxvii</sup> e depois de terem rezado o terço, foram surpreendidas por um relâmpago; embora o céu estivesse limpo, recearam que chovesse, pelo que começaram a reunir o rebanho a fim de regressarem a casa.

Novo relâmpago e, subitamente, Lúcia e Jacinta viram uma *mulher* em cima de uma carrasqueira<sup>xxviii</sup>; assustadas, começaram a correr. Francisco, porém, nada viu e quando a prima o alertou para o que se passava, disse para atirar uma pedra à aparição<sup>xxix</sup>, o que Lúcia não fez talvez porque, entretanto, a *Senhora* as tinha tranquilizado, dizendo:

- "*Não tenham medo que eu não vos faço mal*"<sup>xxx</sup>.

Lúcia, então, perguntou-lhe:

- “*Que lugar é o de vocemecê ?*” <sup>xxx</sup>

- “*O meu lugar é o céu*”.

- “*Para que é que vocemecê cá vem ao mundo?*”

- “*Venho cá para te dizer que venhas cá todos os meses até fazer seis meses e no fim te direi o que quero*”.

- “*Vocemecê sabe-me dizer se a guerra ainda dura muito tempo ou se acaba breve?*”

- “*Não te posso dizer ainda enquanto te não disser também o que quero*”.

Lúcia perguntou-lhe se ia para o céu.

- “*Tu vais*”.

- “*E a minha prima?*”

- “*Também vai.*”

- “*E o meu primo?*”

- “*Esse ainda há-de rezar as continhas dele*”.

Após esta troca de palavras, “*abalou pelo ar acima*”, no dizer de Lúcia <sup>xxxii</sup> ...

\* \* \*

Nos apontamentos do Pároco de Fátima sobre a quarta aparição, consta que Lúcia dissera ter perguntado, da primeira ou da segunda vez, quem a *Senhora* era, tendo esta prometido dizer-lho no último dia <sup>xxxiii</sup>; nos documentos do Padre Santos Alves, sobre uma conversa que teve com as duas videntes em Setembro, depreende-se que foi durante a primeira aparição que Lúcia fez esta pergunta <sup>xxxiv</sup>.

## SEGUNDA APARIÇÃO

A segunda aparição, em 13 de Junho de 1917, coincidiu com o dia de Santo António, celebrado em Fátima com uma festa a que os videntes assistiram até ao momento em que, obedecendo ao pedido da *Senhora*, partiram para a Cova da Iria <sup>xxxv</sup>, onde os aguardavam umas 50 pessoas <sup>xxxvi</sup> que ali se tinham concentrado por devoção ou simples curiosidade.

Depois das crianças terem rezado o terço, o povo iniciou a ladainha, mas Lúcia viu um relâmpago e dirigiu-se para a carrasqueira.

Ao ver a *Senhora* vir “*em linha oblíqua do lado do nascente*”, fez uma vénia e perguntou: <sup>xxxvii</sup>

- “*Então o que é que me quer?*”

- “*Quero-te dizer que voltes cá no dia 13 e que aprendas a ler para te dizer o que te quero*”.

- “*Então não quer mais nada?*”

- “*Não quero mais nada*” <sup>xxxviii</sup>.

Após esta brevíssima troca de palavras, a *Senhora* começou a elevar-se nos ares e desapareceu <sup>xxxix</sup>.

\* \* \*

No processo paroquial consta que Lúcia dissera que, na segunda ou terceira aparição, a *Senhora* lhe tinha ensinado a seguinte oração: “*Ó meu Jesus, perdoae-nos e livrae-nos do fogo do inferno; levae as alminhas todas para o Ceo, principalmente aquellas que mais d'elle precisarem*” <sup>xl</sup>. Segundo o Dr. Formigão, Lúcia teria, posteriormente, acrescentado “*(...) e alliviae as almas do Purgatorio, principalmente as mais abandonadas*” <sup>xli</sup>.

De acordo com este sacerdote, Jacinta, por si interrogada em 11 de Outubro de 1917, disse que tinha sido desta segunda vez que tinha ouvido o segredo a Nossa Senhora <sup>xlii</sup>.

## TERCEIRA APARIÇÃO

Logo no dia seguinte a esta aparição Lúcia contou ao Pároco de Fátima o que, perante cerca de 4 a 5 mil pessoas<sup>xliii</sup>, tinha ocorrido, na véspera, 13 de Julho, na Cova da Iria.

Após o relâmpago, a *Senhora* voltou a aparecer sobre a carrasqueira.

- "O que é que me quer?" perguntou Lúcia.

- "Quero-te dizer que voltes cá no dia 13. Rezem o terço a Nossa Senhora do Rosário que abrande a guerra que só ela é que lhe pode valer".

- "Tenho aqui por pedido se vocemecê converte uma mulher do Pedrógão e uma de Fátima e se melhora um menino da Moita", disse Lúcia.

A *Senhora* prometeu que os converteria e melhoraria dentro de um ano. Lúcia pediu, então:

- "Faça aqui um milagre para que todos acreditem".

- "Daqui a três meses farei então com que todos acreditem", respondeu a *Senhora*.

Nos apontamentos do Pároco de Fátima consta que Lúcia dissera:

- "Tinha aqui um pedido se vocemecê levava para o céu um homem da Atouguia o mais depressa melhor", ao que a *Senhora* respondera:

- "Levo-o"<sup>xliv</sup>. Porém, no processo paroquial o pároco escreveu:

- "Levo, mas ... (aqui não sei [a Lúcia] que mais disse)"<sup>xlv</sup>.

- "Não me quer mais nada?" perguntou Lúcia.

- "Não, eu por mim agora não te quero mais nada", retorquiu a *Senhora*.

- "Pois eu por mim também não quero mais nada", rematou a Lúcia, após o que a *Senhora* se foi embora para o lado de Nascente<sup>xlvi</sup>.

\* \* \*

Em 2 de Março de 1919, Teresa de Jesus, irmã da Lúcia, ouvida pelo Pároco de Fátima para o processo paroquial, disse que, imediatamente antes desta aparição, ouvira a vidente pedir à Jacinta que estivesse atenta ao relâmpago e que, pouco depois, notou que Lúcia acusara um forte abalo e soltara um grito "Ai! Nossa Senhora..."<sup>xlvii</sup>, após o que se voltou para a carrasqueira e começou a falar com alguém que Teresa de Jesus não via<sup>xlviii</sup>.

## O segredo

Foi durante esta aparição que a *Senhora* revelou um segredo às crianças, ou somente à Lúcia, já que esta, mais tarde, diria que tinha sido autorizada a revelá-lo apenas à Jacinta e ao Francisco<sup>xlviii</sup>.

As crianças ainda quiseram ocultar a sua existência, mas logo nesse mês, ou no seguinte, Jacinta terá deixado escapar que a *Senhora* lhes tinha dito "coisas só para eles."<sup>xlix</sup> Fosse como fosse, em finais de Julho, ou princípios de Agosto, já se sabia que havia um segredo, mas, mal grado as tentativas feitas nesse sentido, as crianças não revelaram o seu conteúdo.

Porém, a pressão terá sido de tal ordem que acabaram por dizer:

- que o segredo não era para as crianças serem ricas nem para irem para o céu;
- que era para seu bem e para bem das suas almas;
- que não sabiam se também era para bem da alma do senhor prior;
- Jacinta disse que se o povo o soubesse ficava triste, mas Lúcia foi de opinião de que "ficava como estava, quase à mesma"<sup>1</sup>.

## QUARTA APARIÇÃO

Esta aparição ocorreu em circunstâncias diferentes.

Em 11 de Agosto, o administrador do concelho de Vila Nova de Ourém chamou a esta localidade os pais e as crianças, mas Jacinta e Francisco não foram porque o pai não deixou por serem muito novos.

O único facto digno de nota foi a tentativa, feita pelo administrador, de obrigar Lúcia a revelar o segredo; como não conseguiu, mandou-os embora na tarde desse mesmo dia.

Dois dias depois, ou seja em 13 de Agosto, data apazada para a quarta aparição, o administrador dirigiu-se a Aljustrel e, enganando as crianças e os pais, conseguiu levá-las para a vila "*a fim de evitar a continuação da especulação clerical que, em torno delas, se estava fazendo*", como iria explicar, em 31 de Outubro de 1924, num relatório enviado ao governador civil de Santarém<sup>li</sup>.

O que se passou nesta vila é objecto de controvérsia. Enquanto a versão oficial, baseada em declarações atribuídas a Lúcia, pretende que as crianças foram encarceradas, aliciadas e ameaçadas, nomeadamente de serem fritas em azeite a ferver<sup>lii</sup>, o administrador garantiu, publicamente, que as crianças nunca foram molestadas, que ficaram na sua própria casa tratadas como se fossem da família, tendo brincado com os seus filhos e outras crianças da vila, e que foram visitadas por várias pessoas de posição<sup>liii</sup>, o que, curiosamente, viria a ser confirmado em 1970 pelo padre Dr. Sebastião Martins dos Reis no seu livro *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*<sup>liv</sup>. Dois dias depois, as crianças foram levadas de volta a suas casas, sãs e salvas.

Entretanto, no dia 13, na Cova da Iria, uma multidão estimada entre 15 e 18 mil pessoas<sup>lv</sup> aguardava, em vão, a chegada dos videntes e a anunciada quarta aparição da *Senhora*. Uma testemunha que, em 31 de Dezembro de 1918, depôs no processo paroquial, declarou que nesse dia se tinha ouvido, junto da carrasqueira, "*um forte e inexplicável estrondo*" que atemorizou todas as pessoas e que "*junto do sol se formou uma nuvem com as cores do arco-íris*"<sup>lvi</sup>.

\* \* \*

A aparição acabou por se verificar seis dias depois e a cerca de dois quilómetros dali, num sítio chamado Valinhos.

Ao fim da tarde do dia 19 de Agosto, Lúcia, Francisco e o seu irmão João Marto, de 14 anos, andavam a guardar as ovelhas quando a garota se apercebeu dos fenómenos que precediam as aparições e pediu ao João que fosse chamar a Jacinta.

Mal as duas crianças se lhes juntaram, a *Senhora* apareceu em cima de uma carrasqueira, mas João nada viu nem ouviu<sup>lvii</sup>; Lúcia fez uma vénia e perguntou:

- "*O que é que vocemecê me quer?*"

- "*Quero dizer-te que voltes lá à Cova da Iria; se não tivessem abalado contigo para a **Aldeia**<sup>lviii</sup> seria o milagre mais conhecido; havia de vir S. José com o Menino Jesus a dar a paz ao mundo e havia de vir Nosso Senhor benzer o povo, vinha Nossa Senhora do Rosário com um anjo de cada lado e Nossa Senhora com um arco de flores à roda*", disse a *Senhora*.

Esta passagem tem suscitado algumas dúvidas. O Dr. Formigão, em 2 de Novembro de 1917, escreveu: "*se não tivessem sido presas não seria o milagre tão conhecido*"<sup>lix</sup>, o que é mais plausível dada a publicidade que se gerou em torno deste incidente.

- "*Aquele dinheiro que vocemecê tem o que é que vocemecê quer feito dele?*", perguntou Lúcia referindo-se aos valores que se tinham acumulado e estavam à guarda de uma mulher da região, Maria Carreira, mais conhecida como *Maria da Capelinha*<sup>lx</sup>.

- "*Aquele dinheiro façam dois andoresinhos pequeninos; um leva-o tu mais três meninas como tu e vão de branco; o outro leva-o o Francisco e mais três meninos como ele; levem uma capa branca, levem-no à Senhora do Rosário e apliquem-no a ela*", disse a *Senhora*, após o que abalou pelo ar acima enquanto Lúcia ficava a acenar-lhe com a mão<sup>lxi</sup>.

## QUINTA APARIÇÃO

A quinta aparição ocorreu nas condições habituais, em 13 de Setembro, na presença de 25 a 30 mil pessoas<sup>lxii</sup>.

- "*O que é que vocemecê quer?*", perguntou Lúcia.

- "Quero dizer-te que continues a rezar sempre o terço à Senhora do Rosário, que abrande ela a guerra, que a guerra está para acabar; para o último dia há-de vir S. José dar a paz ao mundo e Nosso Senhor dar a benção ao povo; que venhas cá para o dia 13 de Outubro".

- "Está aqui este menino que é mudo e mouco, se vocemecê o melhora".

- "Daqui a um ano se achará com algumas melhoras".

- "Tinha aqui muitos pedidos, uns para os converter outros para os melhorar".

- "Melhoros alguns, outros não porque Nosso Senhor não quer crer neles", respondeu a Senhora sem, contudo, especificar quem melhoraria e quem não merecia a confiança de Nosso Senhor.

- "O povo muito gostava aqui de uma capelinha".

- "Metade do dinheiro que juntaram até hoje façam os andores e dêem-nos à Senhora do Rosário; a outra metade seja para ajuda da capelinha" <sup>lxiii</sup>.

Lúcia ofereceu-lhe duas cartas e um "vidro com água de cheiro", dizendo:

- "Deram-me isto, se vocemecê os quer".

- "Isto não é conveniente lá para o céu", respondeu a Senhora, após o que desapareceu em circunstâncias idênticas às anteriores <sup>lxiv</sup>.

\* \* \*

Em 1947, a uma pergunta sobre a oferta das cartas e do perfume, Lúcia respondeu:

- "Não me recordo nada de ter feito isso" (!) <sup>lxv</sup>

\* \* \*

Curiosamente, muitos dos presentes disseram que tinham visto extraordinários fenómenos luminosos no sol à hora indicada pelas crianças <sup>lxvi</sup>, tendo um deles afirmado que quando Lúcia estava a falar, passou pela carrasqueira "um não sei quê de extraordinário, parecendo flores brancas", o que foi notado por muitos <sup>lxvii</sup>. Outra testemunha afirmou que o sol se tinha eclipsado e que muitas pessoas tinham visto o mesmo <sup>lxviii</sup>. Lúcia, porém, confessou ao Dr. Formigão, em 11 de Outubro de 1917, que não tinha visto sinais extraordinários alguns, nem ouvira rumor, trovão ou tremor de terra; aliás, quando estava na presença da Senhora nada ouvia a não ser o que esta lhe dizia <sup>lxix</sup>.

## SEXTA APARIÇÃO

A esperada aparição de 13 de Outubro atraiu à Cova da Iria cerca de 50 mil <sup>lxx</sup> crentes, curiosos e jornalistas, idos de praticamente todo o país, e que não se deixaram intimidar pela chuva que fustigava, com violência, toda a região.

As crianças romperam a custo a multidão, mas às 13 horas estavam junto do que restava da carrasqueira, depois da frenética colheita de recordações, um pequeno cepo, com uns dez centímetros, a sair da terra, que a Maria Carreira tinha enfeitado com rosas e fitas de seda <sup>lxxi</sup>.

Após os trovões e relâmpagos, chegou a Senhora.

- "O que é que vocemecê me quer?"

- "Quero-te dizer que não ofendas mais a Nosso Senhor, que rezem o terço a Nossa Senhora; façam aqui uma capelinha à Senhora do Rosário [aqui, o Pároco de Fátima anotou entre parêntesis, nos seus apontamentos: «(Lúcia tem dúvida se foi assim se foi: façam aqui uma capelinha, eu sou a Senhora do Rosário)»]; a guerra acaba ainda hoje (sic; o realce é meu); esperem cá pelos seus militares muito breve", disse a Senhora <sup>lxxii</sup>.

Com estas palavras e com a Senhora a elevar-se nos ares da forma habitual, terminou a sexta e última aparição, mas não o famoso dia 13 de Outubro de 1917.

### As figuras celestiais

Após a partida da *Senhora*, Lúcia olhou para o Sol e viu, à esquerda do astro, S. José, apenas da cintura para cima, vestido de branco, tendo ao colo, sobre o braço esquerdo, o Menino Jesus, este de corpo inteiro, vestido de encarnado; com a mão direita, S. José fez três ou quatro cruces e desapareceu, após o que "*ficou tudo amarelo; chegou Nosso Senhor [que tinha um resplendor] mas parecia que não divisava senão um vestido com capa; só o [viu] da cintura para cima; as barbas eram pequenas e o cabelo não o [viu]; não [chegou] a ver as mãos, só [viu] o peito*"<sup>lxxiii</sup>.

À direita do sol e de Nosso Senhor, Lúcia viu uma Senhora, também com resplendor, de pé, vestida de branco, com um manto azul pela cabeça; tinha as mãos sobre o peito e usava "*uma saia branca (...) comprida [que] chegava aos pés*"; e acrescentou: "*não a via tão bem no sol como quando estava na carrasqueira; depois desapareceu*"<sup>lxxiv</sup>.

Desta descrição poder-se-ia depreender que esta Senhora fosse a que lhes tinha aparecido, mas agora com uma saia branca e comprida; porém, os apontamentos do Pároco de Fátima terminam com uma referência explícita à *Senhora* da carrasqueira, a qual, segundo Lúcia, "*... vinha vestida de branco exactamente como das outras vezes; (...) a saia julgou que era curta como das mais vezes*"<sup>lxxv</sup>.

Junto de S. José e ao lado direito do sol, Lúcia viu uma outra Senhora, com um resplendor amarelo e as mãos à cintura, com os dedos entrelaçados; vestia de encarnado e usava um manto debruado a azul; desapareceu com S. José<sup>lxxvi</sup>; no processo paroquial ficou identificada como sendo Nossa Senhora<sup>lxxvii</sup>, mas na tarde desse mesmo dia, em declarações ao Dr. Formigão, Lúcia identificou as duas figuras femininas como sendo a Senhora das Dores e a Senhora do Carmo<sup>lxxviii</sup>.

Em suma, as cinco figuras que Lúcia viu foram:

- S. José, da cintura para cima, à esquerda do sol;
- Menino Jesus, de corpo inteiro, ao colo de S. José;
- Nossa Senhora, ou a Senhora das Dores, à direita do sol;
- Nosso Senhor, da cintura para cima, também à direita do sol; e
- uma Senhora, talvez a Senhora do Carmo, vestida de branco com um manto azul pela cabeça e à direita de Nosso Senhor.

Enquanto Lúcia observava esta sucessão de aparições, ouviu o povo gritar "*Olhem, olhem, tão bonito!*", e disse à multidão para olhar para as figuras junto do sol.

### ***O milagre do sol***

Porém, o que o povo estava a ver não eram as entidades celestiais, mas sim o que iria ficar conhecido por *milagre do sol*, ou *bailado do sol*.

Os testemunhos deste fenómeno constantes da bibliografia consultada, divergem em bastantes passos, mas se os integramos numa versão abrangente a descrição completa do mesmo poderá ser a que se segue<sup>lxxix</sup>.

A chuva, que tinha caído copiosamente, parou à uma hora; por entre as nuvens apareceu o sol que se assemelhava a um disco de prata fosca e se podia fixar com os olhos. De súbito, começou a tremer e depois a girar sobre si próprio, como uma roda de fogo, lançando, em todas as direcções, jorros de luz que mudavam frequentemente de cor e faziam com que tudo, pessoas, árvores, terra, ficassem tintos de amarelo, verde, encarnado, azul, roxo, etc. Após dois ou três minutos, o sol parou por um instante para recomeçar de novo, mas de forma mais deslumbrante; nova paragem e, pela terceira vez, se repetiram os movimentos com mais cores e maior brilho ainda. Logo depois, o sol desprende-se do céu e precipitou-se sobre a terra, fazendo com que se sentisse o calor a aumentar a tal ponto que muitos presentes ficaram com as roupas enxutas; o sol deteve-se a curta distância das copas das árvores e regressou ao seu lugar nos céus, retomando o fulgor habitual.

O *bailado* demorou cerca de 10 minutos.



Esta última aparição da *Senhora* e os fenómenos que se seguiram merecem uma observação um pouco mais detalhada; antes, porém, uma nota curiosa extraída dos apontamentos do pároco de Fátima e das notas do Dr. Formigão, que convém confrontar com a versão oficial da Igreja <sup>lxxx</sup>.

Estes dois sacerdotes quiseram saber se *Nossa Senhora* tornaria a aparecer a Lúcia, ou se esta esperava tornar a vê-la. O Pároco de Fátima lavrou, no processo paroquial, que a criança afirmara "*que não esperava mais por Ella, porque lhe não tinha prometido senão para seis mezes ou seis vezes - e estas já vieram - e que agora só espera tornar a vê-la no Ceo*" (sic) <sup>lxxxii</sup>.

A igual pergunta do dr. Formigão, Lúcia voltou a dizer:

- "*Não faço conta que torne a aparecer, não me disse nada*" <sup>lxxxii</sup>.

O Dr. Formigão fez a mesma pergunta à Jacinta, que respondeu:

- "*Tinha dito antes [a Senhora] que era a última vez que vinha, e hoje [13 de Outubro de 1917] disse também que era a última vez*" <sup>lxxxiii</sup>.

\* \* \*

A afirmação de que a guerra acabaria naquele dia 13 de Outubro de 1917 deu origem a uma polémica que foi subindo de tom à medida em que o tempo ia passando e o conflito se arrastava em termos cada vez mais desastrosos para as nossas tropas. Houve quem quisesse distorcer as declarações de Lúcia e, principalmente, as de Jacinta, mas o facto iniludível é que, logo às 19 horas desse mesmo dia 13 de Outubro de 1917, Lúcia declarou ao Dr. Formigão que a *Senhora* dissera que a guerra acabava nesse dia <sup>lxxxiv</sup>.

O que aconteceu foi que a *Senhora* se enganou !

\* \* \*

Mas há outro equívoco.

Nas aparições anteriores, a *Senhora* prometera fazer um milagre para que todos acreditassem no que as crianças contavam e anunciara a vinda de S. José, do Menino Jesus, de Nosso Senhor, de Nossa Senhora do Rosário com um anjo de cada lado, e de Nossa Senhora com um arco de flores à roda.

Porém, o que aconteceu foi muito diferente: para além dos anjos e arco de flores não terem aparecido, o que as 50.000 pessoas presentes na Cova da Iria *viram* não foi as anunciadas entidades celestiais, mas sim o sol a *bailar* e *tombar* sobre a terra, o que a *Senhora* jamais referira !

De facto, além da Lúcia, apenas Jacinta, Francisco e duas das vinte e uma testemunhas que depuseram nos inquéritos vicariais e no processo paroquial, viram as figuras e, mesmo assim, de forma distorcida e parcial: Jacinta somente viu S. José, o Menino Jesus e Nosso Senhor; Francisco só viu os dois primeiros; Adriano de Mattos, de 49 anos, uma das testemunhas, disse "*que (...) representou-se-lhe ver Nossa Senhora com o menino Jesus no braço esquerdo ...*" e António Vieira Amado, de 27 anos, a outra testemunha, declarou que "*dentro [do sol] representou-se-lhe ver tres imagens...*" <sup>lxxxv</sup>.

Entretanto, o inesperado *bailado do sol* foi visto pela maioria dos presentes, muito embora nem todos tivessem visto o mesmo; uns viram o sol *bailar* apenas uma vez, outros duas, outros as três vezes, e poucos foram os que o viram *cair*.

Um caso curioso é o da própria Lúcia. Na tarde desse dia 13 disse ao Dr. Formigão ter, apenas, visto o sol *andar à roda* <sup>lxxxvi</sup>; três dias depois, perante o Pároco de Fátima, nada disse sobre o fenómeno, como se nada tivesse visto; mais tarde, já em 1947, confessou ao futuro Bispo de Viseu que, realmente, não tinha visto o sol *bailar* nem *cair* <sup>lxxxvii</sup>.

Mas houve quem nada tivesse visto, nem figuras celestiais, nem *bailados*, nem *quedas* do sol. O ensaísta e futuro ministro da Educação, António Sérgio, que ali tinha ido acompanhar a esposa, nada viu <sup>lxxxviii</sup>; um tal António Oliveira, amigo do padre Goulven, um dos raros eclesiásticos que tiveram o privilégio de entrevistar a Irmã Lúcia, também nada viu <sup>lxxxix</sup>.

Em contrapartida, o *milagre do sol* foi observado por pessoas que se encontravam longe da Cova da Iria e eram alheias ao que ali se passava. Em Alburitel, uma aldeia situada a uns 15 quilómetros, a

população viu os movimentos do sol e, apavorada, veio para a rua chorar e rezar; em S. Pedro de Muel, o poeta Afonso Lopes Vieira viu, de sua casa, o sol a *bailar*<sup>xc</sup>.

Curiosamente, uma testemunha que depôs no processo paroquial de Fátima sobre o que observara na Cova da Iria nos dias 13 de Julho e 13 de Outubro de 1917, depois de descrever o *bailado do sol*, declarou que no dia 2 de Fevereiro de 1918, cerca das 15 horas, viu "no sol [e no mesmo local] *idênticos sinais aos do dia 13 de Outubro*"<sup>xc1</sup>.

\* \* \*

Por fim, e no que respeita à identidade da aparição, ficou-se sem se saber de quem se tratava. Se é certo que a *Senhora* sempre se referiu à Senhora do Rosário como uma terceira entidade, também é possível que no último dia tenha dito qualquer coisa que levou Lúcia a admitir que ela, afinal, era a própria Senhora do Rosário.

## OUTRAS APARIÇÕES

Mas na Cova da Iria houve outras aparições e outros videntes.

### **O vulto da Estrumeira**

Em 11 de Outubro e 2 de Novembro de 1917, o Dr. Formigão interrogou Lúcia e a mãe acerca de uns rumores que corriam sobre um *vulto* que teria sido avistado um ano antes, tendo o cónego começado - astuciosamente, talvez - por afirmar que se constava que a *Senhora* tinha aparecido a Lúcia no ano anterior. Porém, a criança foi peremptória ao afirmar:

- "*O ano passado nunca me apareceu, nem antes de Maio deste ano; nem eu disse isso a pessoa alguma porque não era exacto*"<sup>xcii</sup>.

Lúcia esclareceu, então, que, no ano anterior, ela e mais algumas crianças tinham, de facto, visto um *vulto* que parecia uma pessoa embrulhada num lençol, não se lhe vendo o rosto, nem os braços, nem os pés, e que nada disse. O *vulto* foi visto, primeiro, na chamada Estrumeira da Conceição, depois no Moinho do Cabeço e, por fim, na Cova da Iria, sempre em cima de azinheiras<sup>xciii</sup>.

O Dr. Formigão ainda quis saber se Lúcia julgava que o *vulto* pudesse ser Nossa Senhora, mas a criança respondeu, prontamente, que não<sup>xciv</sup>. Porém, desejoso de encontrar uma identidade celestial para o *vulto*, este sacerdote acabou por escrever, na capa do caderno onde registou estes depoimentos, "*O ANJO na Cova da Iria*"<sup>xcv</sup>.

### **A Senhora e Jacinta**

Ao longo dos seus interrogatórios, o Pároco de Fátima também ouviu, algumas vezes, a Jacinta, a qual, de um modo geral, corroborou as declarações da prima, apesar de não ter ouvido tudo quanto fora dito pela *Senhora*.

A criança, porém, fez uma revelação surpreendente, a de a *Senhora* lhe ter aparecido, apenas a ela, por três vezes: uma, na Igreja, durante a missa da Ascensão do Senhor, ocasião em que a ensinou a "*rezar as contas*"; outra, em sua casa, à borda de um alçapão do sótão, numa noite em que a mãe e os irmãos já dormiam; a última vez, "*debaixo, (ou salvo o erro em cima) d' uma meza*" (*sic*), sem nada dizer, tendo a criança chamado a atenção da mãe, a qual, mais tarde, disse que nada vira, mas confirmou o alerta da filha.

\* \* \*

Para além de surpreendente, esta revelação é algo intrigante, uma vez que, nos seus apontamentos, o Pároco de Fátima tomou nota de que, em 14 de Julho de 1917, Jacinta declarara que tinha visto uma mulher pequena quatro vezes, uma em sua casa, à noite, e três na Cova da Iria<sup>xcvi</sup>; porém, no Inquérito

Paroquial consta que a criança dissera que *Senhora* lhe apareceu mais três vezes <sup>xcvii</sup> e que a primeira fora na Igreja e não em sua casa..

É estranho que ninguém se tivesse preocupado em perceber se Jacinta, tocada por uma natural ponta de inveja da prima, não teria inventado umas tantas aparições privadas ...

### Um Anjo e outros videntes

A comissão nomeada pelo Bispo de Leiria em 3 de Maio de 1922 para estudar o fenómeno das aparições, ouviu Maria Carreira, a mulher que chamou a si a guarda e conservação do espaço em torno da carrasqueira onde aparecia a *Senhora*, a qual declarou que, em 28 de Julho de 1917, sua filha Carolina, então com doze anos, e uma amiga de sete anos, a Conceição, andavam pela Cova da Iria quando, de súbito, viram junto da carrasqueira um vulto de pequena estatura, muito lindo, de cabelo loiro, que, pouco depois, foi visto sobre a árvore.

Maria Carreira pediu a Lúcia que perguntasse à *Senhora* se ela tinha aparecido a mais alguém, o que a vidente terá feito em 19 de Agosto, tendo-lhe sido respondido que não, mas que quem aparecera tinha sido um anjo <sup>xcviii</sup>. Acontece, porém, que em meados de 1947, na entrevista já referida com o futuro Bispo de Viseu, a Irmã Lúcia, à pergunta sobre o que havia de verdade neste caso, respondeu não saber e não se lembrar de nada <sup>xcix</sup>.

Anos depois, mais concretamente em 22 de Julho de 1978, Fina d' Armada foi a Fátima ouvir esta quarta vidente.

Carolina Carreira contou que, em 28 de Julho de 1917, andava com a Conceição a guardar o gado, quando, cerca das 9 ou 10 horas, viram uma criança luminosa, de uns oito ou onze anos, cabelos loiros pelo pescoço, com um vestido branco, a passear de um lado para o outro dentro da cerca de pedras que sua mãe tinha erguido em torno da carrasqueira. As garotas não conseguiram perceber se se tratava de menino ou menina, mas viram que se comportava como uma vulgar criança.

- "*Representava-se-me que ouvia dentro de mim: 'vai lá e reza três avés-marias; vai lá e reza três avés-marias'*", disse Carolina, acrescentando que a sua amiga nada ouvia ou sentia.

As duas crianças voltaram para junto do gado, mas a curiosidade levou-as a olhar, de novo, para a carrasqueira; viram, então, em cima da árvore uma imagem, com um manto roxo, uma coroa na cabeça e um vestido comprido, quase igual à *Nossa Senhora das Dores* que havia na Igreja de Fátima. Apesar disto, as crianças ficaram sem perceber se a imagem seria, ou não a criança loira e luminosa <sup>c</sup>.

- "*Representava-se-me então a mim: 'vem cá e reza três avés-marias; vem cá e reza três avés-marias'*", contou Carolina que voltou a dizer que a Conceição nada ouvia.

Carolina não *foi lá*, nem rezou as avés-marias, mas também não disse a ninguém, a não ser à mãe e aos irmãos, o que tinha visto. E o que é certo é que, desde esse dia até àquele em que, sessenta e um anos depois, Fina d' Armada a foi procurar, ninguém quis saber da sua experiência ou teve a curiosidade de a interrogar, nem a comissão nomeada pelo Bispo de Leiria <sup>ci</sup>, nem o incansável Dr. Formigão <sup>cii</sup>. Mas também ninguém a desterrou para longe, nem a encarcerou num convento para toda a vida!

### EM SUMA ...

Os acontecimentos que acabo de reconstituir, tão fielmente quanto soube e me foi possível, podem resumir-se nos termos que se seguem.

1. Em 1916, na Cova da Iria e nas suas proximidades, diversas crianças, entre as quais Lúcia, viram, por três vezes, sempre em cima de carrasqueiras, um *vulto* semelhante a uma pessoa embrulhada num lençol, que nada fez nem nada disse.
2. Em 1917, na Cova da Iria, todos os dias 13, de Maio a Outubro, excepto em Agosto, Lúcia, Jacinta e Francisco viram uma *Senhora* de uns quinze anos, com um metro e dez de altura, de uma beleza extraordinária, irradiando luz, em cima de uma carrasqueira. Em Agosto, a *Senhora* apareceu no dia 19, nos Valinhos, em cima de outra carrasqueira, às três crianças e a uma quarta, o João, que nada viu nem ouviu.

3. A *Senhora* disse à Lúcia:

- que queria que ali fossem durante seis meses;
- que aprendessem a ler;
- que rezassem o terço à *Senhora do Rosário*, lhe fizessem dois andores e erguessem uma capelinha;
- que não ofendessem mais a *Nosso Senhor*;
- que eles iriam para o céu;
- a pedido de Lúcia, prometeu converter alguns pecadores, mas não todos, e melhorar a saúde de alguns doentes <sup>ciii</sup>;
- também a pedido de Lúcia, prometeu fazer um milagre para que todos acreditassem no que as crianças contavam e anunciou a vinda de diversas entidades celestiais;
- fez algumas considerações sobre a ida forçada das crianças para a *Aldeia*;
- terá dito que um *anjo* tinha aparecido na *Cova da Iria*;
- ensinou uma pequena oração;
- recusou duas cartas e um "*vidro com água de cheiro*";
- revelou um segredo;
- no último dia, 13 de Outubro de 1917, talvez tenha dito que era a *Senhora do Rosário*, ou talvez não; não disse o que queria das crianças; e garantiu que a guerra acabaria nesse dia.

4. *Fez um milagre*, não o que anunciou, mas outro, bem mais espectacular.

5. A *Senhora* terá aparecido apenas à Jacinta por três vezes, tendo-a ensinado a *rezar as contas*.

6. Entretanto, em 28 de Julho de 1917, duas outras crianças, Carolina e Conceição, terão visto um *anjo* a passear na cerca que rodeava a carrasqueira e, pouco depois, uma imagem em cima da mesma árvore, tendo a Carolina tido a impressão que lhe pedia para rezar três avés-marias.

E foi tudo quanto sucedeu, há quase um século, na *Cova da Iria*, a não ser que as crianças tivessem mentido, o que, pelo menos no caso de Lúcia, Jacinta e Francisco, nada autoriza a supor.

### III

## OS ACONTECIMENTOS, SEGUNDO A IGREJA CATÓLICA

### INTRODUÇÃO

Consolidada a vitória das forças revoltosas do *28 de Maio*, era altura de provar que Deus sancionava o ressurgimento da Igreja Católica em Portugal.

Assim, em 13 de Outubro de 1930, a Igreja, pela voz do Bispo de Leiria, tomou, finalmente, uma posição oficial sobre os acontecimentos, declarando “*dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria*”<sup>cv</sup> e estabelecendo o culto de ... **Nossa Senhora de Fátima** !

Este hierónimo é incorrecto e sacrílego; incorrecto, porque Nossa Senhora, se apareceu, não foi em Fátima mas na Cova da Iria; sacrílego, porque associa no mesmo antropónimo figuras dominantes de duas religiões, não apenas diferentes, mas até inimigas e que durante séculos se combateram com a maior das ferocidades.

Mas a Igreja passou com ligeireza por cima deste pormenor porque a Cova da Iria era um lugar ermo e Fátima uma povoação, pequena, mas que figurava em alguns mapas; ademais, havia que cuidar de outro assunto mais importante e urgente: a proclamação, aos quatro ventos, do seu novo *altar do mundo*.

Os trabalhos preparatórios desta *campanha publicitária* terão sido conduzidos pelo Dr. Formigão, o “*pai*” do *Anjo na Cova da Iria*, que, sob o pseudónimo de Visconde de Montelo, publicou diversas obras sobre Fátima. Na sua esteira surgiram muitos outros autores, portugueses e estrangeiros, na sua maioria sacerdotes, cujas obras, porém, não só iam dando aos acontecimentos uma coloração diferente, mais maravilhosa, mais piedosa, como também os iam enriquecendo com novos pormenores retirados, apenas, da sua imaginação. É que a Igreja estava a braços com um problema extremamente embaraçoso, a **total ausência de devoção católica da Senhora...**

De facto, acabámos de ver o que a *Senhora* disse aos videntes; porém, o que **não disse** é que foi muito grave - **não disse** para as crianças irem à missa; **não disse** para se confessarem; **não disse** para comungarem; **não disse** para rezarem pela conversão dos pecadores<sup>cv</sup>; **não disse** para fazerem penitência<sup>cvi</sup>; **não disse**, sequer, que deviam respeitar o pároco; enfim, **não disse uma palavra que estivesse em consonância com a prática religiosa da Igreja Católica, excepto no que respeita ao terço**, mas ainda assim **não disse** para ajoelharem, nem para o rezarem na igreja<sup>cvi</sup>! E ainda por cima, a **Senhora nunca se benzeu, nem nunca desfiou as contas do seu rosário**!<sup>cviii</sup>

Nesta conformidade, a Igreja, ao longo dos anos, teve de imaginar novas aparições, forjar novos pedidos, conceber novas recomendações, revelar novos segredos, enfim, teve de **catolicizar** a *Senhora* e, conseqüentemente, **santificar** os videntes, em especial Lúcia, já consagrada como tal pelos mais crédulos e incondicionais fieis.

Este esforço culminou com uma pequena, mas espantosa obra: *Memórias da Irmã Lúcia*.

Trata-se de um livro dividido em quatro memórias e dois apêndices, cuja redacção se arrastou de 1927 a 1941 - catorze longos anos - sendo importante notar, para os fins que prossigo, as datas em que cada parte foi escrita e os temas abordados:

- a *Primeira Memória* foi escrita entre a segunda semana de Dezembro e o Natal de 1935, e o seu tema central é a figura de Jacinta;
- a *Segunda Memória* foi escrita entre 7 e 21 de Novembro de 1937 e conta, pela primeira vez, as aparições do *Anjo de Portugal* e do Coração Imaculado de Maria;

- a *Terceira Memória* foi escrita entre fins de Junho e 31 de Agosto de 1941 e diz, pela primeira vez, que o segredo constava de *três partes* e revela as duas primeiras;
- a *Quarta Memória* foi escrita entre Novembro e 8 de Dezembro desse mesmo ano de 1941 e apresenta uma nova história das aparições;
- o primeiro apêndice, escrito nos finais de 1927, é a parte mais antiga e refere-se à chamada Grande Promessa do Coração de Maria;
- o segundo apêndice, escrito em data incerta mas posterior a 13 de Junho de 1929, é da autoria do director espiritual da Irmã Lúcia, que, diz ele, o “*transcreveu directa e literalmente dos apontamentos da Vidente*”, e contém o texto do pedido da consagração da Rússia.

Foram, recentemente, publicadas mais duas memórias, sobre o pai e a mãe, sem interesse para o assunto em apreço.

Exceptuando, pois, o segundo apêndice, a autoria do livro é atribuída à Irmã Lúcia, que, para o efeito, teve a colaboração do padre Luís Kondor <sup>cxix</sup> para compilar os textos, corrigir a ortografia e apresentar os diálogos, bem como do padre Joaquin Maria Alonso para escrever as introduções e as notas.

Acontece, porém, que ao longo do livro encontramos inúmeras palavras, expressões, formas verbais e figuras de estilo que dificilmente poderiam ter saído da pena de uma antiga pastora, cuja escolaridade se ficou pela quarta classe, que dava erros ortográficos, como vimos, e cujas leituras, se as fez, se limitaram a obras religiosas de duvidoso valor estilístico. Três exemplos entre muitos outros:

- “*Exm° e Revm° Senhor Bispo (...) peço me concedais reservar algumas coisas que (...) desejaria fossem lidas somente nos limiães da eternidade*” <sup>cx</sup>.
- “*E inclinando a cabeça [a mãe da Lúcia] prorrompia em amargo pranto*” <sup>cxix</sup>.
- “*Na verdade, não sou mais que o pobre e miserável instrumento de que Ele se quer servir e que dentro de pouco tempo, como o pintor que arremessa ao lume o pincel inutilizado, para que se reduza a cinzas, assim o Divino Pintor fará reduzir às cinzas do túmulo o Seu inutilizado instrumento, até ao grande dia das aleluias eternas*” <sup>cxii</sup>

Passagens como estas e muitas outras, escritas naquele inconfundível estilo eclesiástico, tão depressa meloso, como arrebatado por um fervor religioso que soa a falso, só podem levar à conclusão de que o texto original das *Memórias* foi escrito por um ou mais sacerdotes, talvez por Luís Kondor e Joaquin Alonso, e que a pobre Irmã Lúcia, com a sua letra certinha e até elegante, se limitou, obedientemente, a copiar **sem a mais pequena rasura ou hesitação**, como, aliás, se vê nas fotocópias dos manuscritos que ilustram a edição que consultei.

Aliás, é a própria Irmã Lúcia quem, numa entrevista concedida nos princípios de 1998 aos cardeais Antony Padiyara, da Índia, e Ricardo Vidal, das Filipinas, diz que “*as memórias continuam a ser o livro mais correcto, apesar de conterem (...) muitos erros com datas e lugares. Apesar disso foram publicadas sem a minha autorização ou consentimento*”. E acrescenta, surpreendente e corajosamente, “*Outras coisas foram acrescentadas por outras pessoas ...*” <sup>cxiii</sup>

\* \* \*

Vamos rever os protagonistas e reconstituir, novamente, os acontecimentos, agora segundo a versão oficial da Igreja, tal como está consignada em *Memórias da Irmã Lúcia* e outras obras, reconstituição esta que inclui *novas aparições* e *novas revelações* celestiais.

## OS PROTAGONISTAS

### A Senhora

A Igreja não fez alterações significativas na imagem inicial da *Senhora*, à excepção da saia, ou vestido, que os videntes tinham dito dar-lhe pelos joelhos, mas ao qual o Dr. Formigão, muito pudicamente, achou por bem ... deitar a bainha abaixo<sup>cxiv</sup>. De facto, este cônego, depois de interrogar as crianças em 27 de Setembro de 1917, passou a escrito as perguntas e respostas e terminou o texto com as suas impressões sobre o assunto, uma das quais refere, textualmente, que “*Nossa Senhora não pode, evidentemente, aparecer senão o mais decente e modestamente vestida. O vestido [deveria] descer até perto dos pés*”<sup>cxv</sup>.

Em contrapartida, a Igreja sempre silenciou o intrigante facto da *Senhora* aparentar, apenas, quinze anos e não medir mais de um metro e dez de altura, o que, em boa verdade, faz dela uma adolescente afectada por grave nanossomia.

## Lúcia

Relativamente à principal vidente, a Igreja achou por bem fazer remontar o prenúncio do seu destino místico à primeira comunhão, tinha ela seis anos.

Na véspera, a criança foi rezar a Nossa Senhora do Rosário e quando lhe pediu que guardasse, para Deus, o seu coração, **pareceu-lhe** que a imagem “*se sorria e que, com um olhar e gesto de bondade (...) dizia que sim*”. Alguns anos mais tarde, um piedoso jesuíta, o padre Fernando Leite, terá achado pouco e afirmou: “*Ao faze-lo [consagrar-se à Virgem Santíssima] a imagem da Senhora do Rosário (...) ganhou vida e sorriu-lhe docemente*”<sup>cxvi</sup>.

No dia seguinte, após a comunhão, Lúcia pediu a Deus que fizesse dela uma santa e que guardasse só para si o seu coração sempre puro. “*Aqui, escreve ela, pareceu-me que o nosso bom Deus me disse (...) estas distintas palavras: A graça que hoje te é concedida permanecerá viva em tua alma, produzindo frutos de vida eterna*”<sup>cxvii</sup>, uma expressão perfeitamente compreensível para uma pobre garota de seis anos, rural e analfabeta ...

Depois deste episódio maravilhoso, a criança iniciou a sua vida de pastora e de santa. Diz ela ter perdido o gosto pelas coisas do mundo e só se sentir bem em lugares solitários onde pudesse recordar as delícias da primeira comunhão<sup>cxviii</sup>; porém, mais adiante, contradiz-se ao afirmar que ninguém acreditava que fosse capaz de deixar as festas de 13 de Junho, que decorriam em Fátima em honra de Santo António, para ir até à Cova da Iria aguardar a segunda aparição da Senhora!<sup>cxix</sup>

Até a família da crianças se *santificou*. Diz a Irmã Lúcia que, depois da ceia seguia-se a reza entoada pelo pai<sup>cxx</sup>, que ela própria diz, mais à frente, ter “*caído nos laços de uma triste paixão*”<sup>cxxi</sup>, o que está de acordo com o Cônego Formigão, segundo o qual o *Abóbora* raras vezes ia à igreja e costumava embriagar-se<sup>cxxii</sup>. Mas não foi só o pai que recebeu dons celestiais: um irmão de Lúcia, apesar de ser um saudável mancebo e de Portugal estar em guerra, ficou livre da tropa graças ... ao bom Deus!<sup>cxxiii</sup>

No meio destas contradições surgem algumas incorrecções e falsidades. Diz a Irmã Lúcia que foi ouvida pela primeira vez, pelo Pároco de Fátima, em 11 de Agosto de 1917<sup>cxxiv</sup>, quando de facto o foi em Maio desse ano<sup>cxxv</sup>; diz que a mãe a mandou para a escola<sup>cxxvi</sup>; não é verdade; na época, a única escola que a garota poderia ter frequentado apenas admitia crianças do sexo masculino.

Diz a Irmã Lúcia que, obedecendo aos imperativos da *Senhora*, ela e os outros dois videntes passaram a fazer inúmeros sacrifícios em reparação dos pecados com que Deus era ofendido. Embora os descreva mais em relação aos seus primos do que ao seu *miserável ser*, como gosta de se referir, conta que um desses sacrifícios consistia no uso permanente de uma corda com nós, apertada em torno da cintura<sup>cxxvii</sup>; outro, era flagelarem-se nas pernas com urtigas<sup>cxxviii</sup>; outro ainda, sem dúvida de grande eficácia para a reparação dos pecados, era apanharem borboletas e, depois, fazerem o **sacrifício** de as deixar fugir!<sup>cxxix</sup>

Em *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*, Sebastião Martins dos Reis, a propósito da vidente recordar, anos depois, algumas datas relativas à sua vida, escreve, arbatadamente: “*sempre triunfante e firme a memória de Lúcia*”<sup>cxxx</sup>. De facto, a Irmã Lúcia deve ter sido dotada de uma excelente memória, pois que na *sua* obra consegue recordar todas as letras das canções que, vinte e seis anos antes, era ainda analfabeta, ela e os primos costumavam cantar. Mas aqui contou com a ajuda dos céus, conforme ela mesma confessa ao dizer, qual evangelista dos tempos modernos, que agradece “*a*

*Deus a assistência do Divino Espírito Santo que [sente] sugerindo- [lhe] o que [deve] escrever ou dizer”*<sup>cxxxii</sup>.

A Irmã Lúcia viveu cinquenta e sete anos no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, onde dividia o seu tempo entre a oração e a meditação, pequenas tarefas, leitura e correspondência e tinha na sua cela um computador !<sup>cxxxiii</sup>

Desta correspondência não podemos deixar de referir três cartas extraordinárias: uma, enviada a Américo Tomás, pedia que proibisse o uso de fatos de banho curtos, por ofenderem a Virgem; outra, dirigida ao Cardeal Cerejeira, recomendava “*que abolisse em Portugal as festas profanas nos dias do Carnaval, porque N. Senhor desejava-as substituídas por orações e sacrifícios e preces públicas pelas ruas*”<sup>cxxxiii</sup>; a última, endereçada em 1971 a Marcelo Caetano, pedia que se legislasse no sentido de ser obrigatória a modéstia no trajar, sobretudo da mulher, a qual não poderia vestir como os homens, usar roupas transparentes, saias acima do joelho, ou decotes abaixo da clavícula mais de três centímetros, e que estas disposições fossem extensivas a todas as estrangeiras que viessem a Portugal !<sup>cxxxiv</sup>

## Jacinta

A Irmã Lúcia retrata-a, nas *Memórias*, como uma criança sensível, de alma delicada, cheia de amor a Cristo Crucificado, sempre desejosa de se sacrificar pela conversão dos pecadores; dava a sua merenda às ovelhas ou aos pobres; se tinha sede, não bebia por intenção dos pecadores, mas se o fazia, então preferia água suja e salobra à pura e fresca; gostava que os pais lhe batessem; se lhe doía a cabeça, sentia-se feliz porque podia oferecer esse sacrifício pelos pecadores; se tinha dores no peito, não se queixava para sofrer pela conversão dos pecadores, etc.<sup>cxxxv</sup>

Para além das vezes que, em 1917, terá visto, sozinha, a *Senhora*, a Irmã Lúcia diz que a prima recebeu a visita de Nossa Senhora outras três vezes. A primeira foi em sua casa, estavam já ela e o irmão doentes; Nossa Senhora disse-lhe que em breve viria buscar o Francisco para o céu e perguntou-lhe “*se queria ainda converter mais pecadores*”; a pobre criança disse logo que sim e a *piadosa* visitante informou-a de que iria para um hospital<sup>cxxxvi</sup>, que iria sofrer muito e “*que sofresse pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria e por amor de Jesus*” Na segunda visita, também em sua casa, Nossa Senhora anunciou-lhe “*novas cruzes e sacrifícios*” e, certamente para a animar, informou-a de que iria para Lisboa, para outro hospital, que não tornaria a ver a Lúcia nem os pais e que, depois de sofrer muito, morreria sozinha! A última visita teve lugar já no Hospital de D. Estefânia e serviu, apenas, para Nossa Senhora informar a desgraçada criança da hora e dia em que iria morrer !<sup>cxxxvii</sup>

Um parêntesis para um desabafo - é de todo inconcebível que, em pleno sec. XX, ainda pudesse haver na Igreja Católica quem fosse capaz, não só de imaginar tamanhas atrocidades, mas de as atribuir à chamada Mãe de Deus; porém, ainda mais inconcebível é a própria Igreja, pelo *imprimatur* de um dos seus prelados, sancionar tais monstruosidades!

Jacinta teve outras visões. *Viu* o Papa numa casa muito grande, de joelhos, a chorar, enquanto no exterior uma multidão o insultava e apedrejava; mais tarde *viu* estradas, caminhos e campos cheios de gente a chorar, com fome e o Papa a rezar numa igreja, diante do Imaculado Coração de Maria<sup>cxxxviii</sup>.

Mas Jacinta teve, também, os seus “*segredos*”. Diz monsenhor José Galdes Freire em *O Segredo de Fátima*, que a criança, quando esteve em Lisboa, fez duas recomendações urgentes em nome de Nosso Senhor, uma à Madre Godinho, directora do Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres, onde esteve até baixar ao Hospital de D. Estefânia, e outra ao Cônego Formigão. Na primeira, Jacinta pedia à religiosa que dissesse ao Papa “*que o mundo [estava] agitado, e que Nossa Senhora já não [podia] conter o braço do seu Amado Filho, muito ofendido pelos pecados que se [faziam] no mundo; mas se o mundo resolvesse ainda fazer penitência, Ela ainda lhe viria a valer, mas no caso contrário, o castigo cairia infalivelmente sobre ele, por ter faltado à obediência ao Santo Padre*”<sup>cxxxix</sup>. Na segunda, alertava para o facto de “*Nosso Senhor [estar] profundamente indignado com os pecados e crimes que se [cometiam] em Portugal. Por isso, um terrível cataclismo de ordem social [ameaçava] o nosso País e principalmente a cidade de Lisboa. [Desencadear-se-ia] (...) uma guerra civil de carácter anarquista ou comunista,*



*acompanhada de saques, morticínios, incêndios e destruições de toda a espécie. A capital [converter-se-ia] numa verdadeira imagem do Inferno (...) Se houvesse almas que fizessem penitência e reparassem as ofensas que se faziam a Deus e se instituíssem obras de reparação que o desagravassem, o castigo seria desviado”<sup>cxl</sup>*

### **Francisco**

A Irmã Lúcia retrata o primo como um *não-te-rales*<sup>cxli</sup>; se perdia um jogo, não se importava; se lhe tiravam alguma coisa, não se importava; se o contrariavam, não se importava; se Nossa Senhora lhe dizia que tinha muito a sofrer, não se importava. A única coisa que lhe importava ... era consolar Nosso Senhor.

Apesar de não ouvir o que a *Senhora* dizia, há passagens nas *Memórias* que deixam dúvidas. A uma pergunta sobre o que mais gostava, Francisco respondeu:

*“- Gostava mais de consolar a Nosso Senhor. Não reparaste como Nossa Senhora, ainda no último mês, se pôs tão triste quando disse que não ofendessem a Deus Nosso Senhor (...) ?”<sup>cxlii</sup>*

A Igreja entendeu por bem que o pobre garoto também tivesse, ao menos, uma visão personalizada; e a Irmã Lúcia *escreveu* que, um dia, quando andavam num sítio conhecido por Pedreira, Francisco viu *“um daqueles bichos grandes, que estavam no inferno, que estava [ali] a deitar lume”<sup>cxliii</sup>*.

### **Carolina e Conceição**

A Igreja ignorou, por completo, o depoimento de Maria Carreira sobre a alegada aparição de um anjo a sua filha e à pequena Conceição, em 28 de Julho de 1917.

## **PRIMEIRA APARIÇÃO**

Os acrescentos da Igreja às palavras da *Senhora* começam, logo, na primeira aparição.

### **Acrescento I**

Diz a Irmã Lúcia que a *Senhora*, depois de lhe pedir que ali fossem seis meses, acrescentou:

*“- Depois voltarei ainda uma sétima vez”.*

Recorde-se que, sobre a possibilidade de uma sétima aparição, Lúcia fora peremptória ao dizer *“que não esperava mais por Ella, porque lhe não tinha prometido senão para seis mezes ou seis vezes - e estas já vieram - e que agora só [esperava] tornar a vê-la no Ceo”*, e que Jacinta dissera, precisamente, o mesmo<sup>cxliv</sup>. Porém, este pequeno detalhe caiu no esquecimento e as *Memórias* prosseguem, tranquilamente, explicando que *“Esta sétima vez já foi em 16 de Junho de 1921, nas vésperas da sua partida para o colégio de Vilar, no Porto. Foi uma aparição com mensagem pessoal para a Lúcia. Por isso não a considerou importante”<sup>cxlv</sup>*. Contudo, em *A Mensagem de Fátima*, uma pequena brochura da autoria da Junta Central da Acção Católica Portuguesa, lê-se que *“Nossa Senhora apareceu a Lúcia, pela sétima vez, no dia 17 de Junho de 1921 ao fundo da pequena encosta onde hoje se ergue a escadaria em frente da Basílica. A Virgem Santíssima não lhe disse nada”<sup>cxlvi</sup>*. Entretanto, ao descrever o seu triste passeio de despedida pela Cova da Iria e redondezas, a Irmã Lúcia nada diz sobre esta sétima aparição<sup>cxlvii</sup>.

Assim, ficamos sem saber se a pretensa sétima aparição foi no dia 16 ou no dia 17, se a *Senhora* trouxe uma mensagem pessoal à vidente, ou se não disse nada; e ficamos sem saber por que razão a *Senhora*, pela primeira vez, dispensou a carrasqueira para aparecer à Lúcia!

## Acrescento II

Diz a Irmã Lúcia que, durante a primeira aparição, perguntou por duas raparigas já falecidas, tendo a *Senhora* dito que a Maria das Neves já estava no céu, mas que a Amélia estava no purgatório até ao fim do mundo<sup>cxlviii</sup>.

Aqui começou a **catolização** da *Senhora* ao obrigá-la a reconhecer a existência do purgatório, coisa que nos depoimentos nunca foi referida e que, ironicamente, a Igreja iria, mais tarde, dizer que, afinal, não existe nem nunca existiu!

## Acrescento III

Diz a Irmã Lúcia que a *Senhora*, antes de partir, lhes perguntou:

“- *Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação dos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?*”

“- *Sim queremos*”.

“- *Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto*”.

Ao pronunciar estas palavras, abriu as mãos e comunicou às crianças uma luz intensa que lhes penetrou no peito e as fez ver em Deus. Um súbito impulso fe-las cair de joelhos e repetir:

“- *Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento*”<sup>cxlix</sup>.

Se estas palavras tivessem, de facto, sido proferidas por Nossa Senhora, revelariam que o deus que a Igreja nos retrata como infinitamente bom, infinitamente misericordioso, etc. é, afinal, cruel e iníquo, ou que a Virgem tem uma mente perversa e não faz a mais pequena ideia da verdadeira natureza de Deus, ou que a *Senhora* da carrasqueira não era Nossa Senhora, mas sim uma anã malévola e ignorante, o que justificaria, plenamente, a afirmação do Padre Mário de Oliveira de que o culto da Senhora de Fátima tem tudo de demoníaco e nada de cristão e de humano<sup>cl</sup>.

## SEGUNDA APARIÇÃO

Diz a Irmã Lúcia, nas *Memórias*, que pediu para a *Senhora* levar as crianças para o céu, mas que esta lhe dissera que ela ficaria cá mais algum tempo.

“- *Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar*<sup>cli</sup>. *Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração*”, explicou a *Senhora*, que, à pergunta da criança sobre se ficaria cá sozinha, respondeu:

“- *Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus*”<sup>clii</sup>.

Voltou a abrir as mãos e a projectar a mesma luz intensa; mas desta vez as crianças viram que à frente da palma da mão direita estava um coração cravado de espinhos que compreenderam ser o Imaculado Coração de Maria ultrajado pelos pecados da humanidade e que queria reparação.

Diz a Irmã Lúcia que era a este episódio que as crianças se referiam quando diziam que Nossa Senhora, em Junho, lhes tinha revelado um segredo; embora não lhes tivesse pedido silêncio, sentiram que Deus a isso as movia<sup>cliii</sup>.

## TERCEIRA APARIÇÃO

A terceira aparição foi a que mais alterações conheceu, por ter sido durante a mesma que Nossa Senhora revelou o famoso *segredo*.

A descrição da troca inicial de palavras é sensivelmente igual à de 1917, apesar de em 1941, ano em que a nova história das aparições foi escrita, a Irmã Lúcia confessar que já não se recordava dos pedidos que fizera <sup>cliv</sup>; porém, a sua "*sempre triunfante e firme*" memória ainda lhe permitiu recordar as seguintes palavras da *Senhora*:

"- *Sacrificai-vos pelos pecadores e dissei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria*".

Recorda, também, ter pedido à *Senhora* para os levar para o céu <sup>clv</sup>, tendo esta respondido:

"- *Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no Mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação, e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a adornar o seu trono*".

À pergunta da garota se ficaria cá sozinha, a *Senhora* tranquilizou-a:

"- *Não, filha. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus*" <sup>clvi</sup>.

### O segredo

Conforme vimos, soube-se em Julho, ou Agosto, de 1917 que durante a terceira aparição a *Senhora* tinha transmitido **um segredo** às crianças. Em 1941 a Irmã Lúcia achou por bem dividi-lo e escreveu que "*o segredo consta[va] de três coisas distintas, duas das quais [passou] a revelar*" <sup>clvii</sup>.

#### *Primeira parte - Visão do inferno*

Diz ela que, em dado momento, a *Senhora* abriu as mãos e projectou a intensa luz habitual que, desta feita, pareceu penetrar na terra. E as crianças viram como que um mar de fogo, onde estavam mergulhados "*os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio (...) entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor (...) Os demónios distinguiram-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa*".

#### *Segunda parte - Devoção do Imaculado Coração de Maria*

A segunda parte do *segredo* refere-se à devoção do Imaculado Coração de Maria.

*Assustados e como que a pedir socorro* [os videntes levantaram] a vista para Nossa *Senhora* que [lhes] disse com bondade e tristeza <sup>clviii</sup>:

"- *Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração* <sup>clix</sup>. *Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.*

*Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc. (sic) . Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo*" <sup>clx</sup>.

#### *Terceira parte - O massacre do papa e prelados no alto de uma montanha.*

A terceira parte do segredo apenas foi divulgada 83 anos depois das aparições e é a seguinte (grafia original respeitada):

« J.M.J.

*A terceira parte do segredo revelado a 13 de Julho de 1917 na Cova da Iria-Fátima.*

*Escrevo em acto de obediência a Vós Deus meu, que mo mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe.*

*Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao centilar, despedia chamas que parecia iam encendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos n'uma luz emensa que é Deus: 'algo semelhante a como se vêem as pessoas n'um espelho quando lhe passam por diante' um Bispo vestido de Branco 'tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre'. Varios outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dôr e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de juelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam varios tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'êles recolhiam o sangue dos Martires e com êle regavam as almas que se aproximavam de Deus.*

*Tuy-3-1-1944 ».*

Esta terceira aparição terminou com a Senhora a ensinar a oração à qual o Dr. Formigão acrescentou a referência ao purgatório então ainda *em vigor*.

\* \* \*

A questão deste *segredo* merece um comentário mais alargado por encerrar, em si mesmo, a mitografia que a Igreja lançou acerca de Fátima.

#### *Sobre a primeira parte*

Não é possível que três crianças, com 10, 9 e 7 anos, normais e saudáveis, como o Dr. Formigão relatou no seu *Estudo apologético dos videntes*, vissem, de súbito, o inferno abrir-se a seus pés, com os demónios e as almas a gritar de dor, um espectáculo que "*fazia estremecer de pavor*" e que os deixou "*assustadas e como que a pedir socorro*" ... e não tivessem fugido espavoridas, ou pelo menos esboçado um gesto de medo. Se o tivessem feito, sem dúvida que alguém, de entre as 4 a 5 mil pessoas presentes na Cova da Iria em 13 de Julho de 1917, o teria notado e contado ao Pároco de Fátima, ao Dr. Formigão, ou a outro dos muitos sacerdotes e leigos que estudaram as aparições. Mas ninguém o fez; por exemplo, Jacintho d'Almeida Lopes e Manuel Gonçalves Júnior, depoentes no processo paroquial de Fátima, descreveram tudo quanto viram durante esta aparição de 13 de Julho e nada referiram sobre uma inevitável reacção das crianças perante tão medonha visão<sup>clxi</sup>; até a própria mãe da Lúcia, que logo no dia seguinte levou a filha a Fátima para fazer o seu relato desta aparição, nada disse.

No entanto, quando Lúcia viu o *vulto da Estrumeira*, fugiu<sup>clxii</sup>; quando as crianças viram, pela primeira vez, uma bela, pequena e pacífica *mulherzinha* em cima de uma carrasqueira, fugiram; quando Francisco viu um *demónio* na Pedreira, gritou e chamou pelas companheiras que o foram encontrar a tremer de medo, de joelhos e incapaz de se levantar<sup>clxiii</sup>; e até a própria Irmã Lúcia, 36 anos depois, não podia recordar a visão do inferno sem estremecer, como afirmou o Padre Ricardo Lombardi que a entrevistou em 1953<sup>clxiv</sup>.

Mas alguém deve ter-se apercebido desta flagrante falha. Em 1941, ao descrever a visão do inferno, a Irmã Lúcia diz *que "deveu ser ao deparar-me com esta vista que dei esse 'ai!' que dizem ter-me ouvido"* <sup>clxv</sup>. Não é verdade; como ficou anteriormente referido sobre esta terceira aparição, o "ai!", ou melhor, o "Ai! Nossa Senhora" foi exclamado quando a *Senhora* apareceu, portanto **antes** da suposta *visão do inferno* <sup>clxvi</sup>; aliás, um "ai!" seria uma reacção bem comedida para tão medonha visão ...

Nestas condições, a única conclusão possível é que a *visão do inferno* nunca aconteceu.

#### Sobre a segunda parte

Diz a Irmã Lúcia que a *Senhora* avisara de que, se não deixassem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começaria outra guerra pior e que o sinal de que Deus iria punir o mundo seria uma noite iluminada por uma luz desconhecida.

Se esta predição tivesse sido feita, seria a comprovação de que a *Senhora* nada percebia de política internacional; a Segunda Guerra Mundial começou em 1939, já no pontificado de Pio XII, o sucessor de Pio XI falecido em 10 de Fevereiro desse ano, apesar da Irmã Lúcia, qual excelente estratega, ou ilustre historiadora militar, ter afirmado que a ocupação da Áustria, em 1938, foi o seu verdadeiro início ! <sup>clxvii</sup>

Sobre a desconhecida luz prenunciadora da guerra, disse a pobre freira - sem dúvida com a certeza conferida pelos seus profundos conhecimentos de Astronomia - que "*os astrónomos quiseram designar [esse sinal] com o nome de aurora boreal*" <sup>clxviii</sup>. Não sei. Parece-me que, se examinarem bem, verão que não foi nem podia ser, da forma que se apresentou tal aurora" <sup>clxix</sup>. Seja como for, trata-se de uma **predição post eventum**, sem qualquer valor, uma vez que foi tornada pública apenas em 1941, ou seja, três anos depois do fenómeno ter acontecido e dois anos depois da Segunda Guerra Mundial ter deflagrado.

Temos, seguidamente, a consagração da Rússia.

Em primeiro lugar, jamais as crianças tinham ouvido falar neste país, como a própria Irmã Lúcia iria ardilosamente confessar, anos depois, ao dizer "*na altura, eu nem sabia o que era a Rússia. Nós pensávamos que ela era uma mulher muito má*" <sup>clxx</sup>; em segundo lugar, a Rússia não necessitava, na altura, de se converter, pois havia mil anos que era cristã; em terceiro lugar, em Julho de 1917, a situação interna tinha conhecido uma certa acalmia, na sequência da malograda tentativa de golpe de 4 de Julho e da fuga de Lénine para a Finlândia, o que permitiu a Kerensky tomar posse, em 11 desse mês, como primeiro-ministro; daí que as esperanças de paz renascessem naqueles que estavam contra a revolução bolchevista em marcha.

Por outro lado, que a Rússia, ou a União Soviética, espalhou os seus erros pelo mundo, promoveu guerras e perseguições, martirizou inocentes e aniquilou várias nações, é uma verdade de que ninguém duvida; porém, que em 1917, uma *Senhora* que já demonstrara a sua ignorância em matéria de política internacional, pudesse prever tais tragédias, é de todo inaceitável.

Quanto ao triunfo do seu Imaculado Coração e à conservação do dogma da Fé em Portugal, seria uma oportuna e consoladora mensagem de esperança para um povo, maioritariamente católico, que sofria os horrores de uma guerra mundial e as implacáveis perseguições das forças anticlericais instaladas no poder; porém, em vez de a mandar proclamar aos quatro ventos, a *Senhora*, incompreensivelmente, exigiu que ficasse em segredo!

#### Sobre a terceira parte

Como se disse, esta *terceira parte* apenas foi revelada 83 anos depois das aparições, uma longa e incompreensível demora nunca explicada pela Igreja de Roma que se limitou a dizer o que passo a expor resumidamente.

Em 1943 a Irmã Lúcia adoeceu com gravidade e teve de ser operada em Pontevedra; receando que a *terceira parte* se perdesse com a possível morte da vidente, o Bispo de Leiria ordenou-lhe que a passasse a escrito, o que esta fez entre o Natal desse ano e o princípio de 1944, tendo o texto sido enviado, num sobrescrito fechado, àquele prelado.

Porém, o bispo não o abriu e apenas determinou, sem quaisquer explicações, que, por sua morte, o sobrescrito fosse entregue ao Cardeal Cerejeira, ou fosse aberto caso Lúcia, entretanto, falecesse; se nenhuma destas hipóteses se verificasse, então o *segredo* seria revelado em 1960.

Nada disto aconteceu.

Em 4 de Abril de 1957 o sobrescrito foi entregue ao Arquivo Secreto do Santo Ofício, sem que o papa Pio XII o tivesse aberto.

Em 17 de Agosto de 1959 o seu sucessor, João XXIII, leu o manuscrito mas decidiu não revelar a *terceira parte*, conform foi noticiado em 8 de Fevereiro de 1960 pela agência ANI<sup>clxxi</sup>.

Em 27 de Março de 1965 Paulo VI tomou conhecimento do manuscrito, mas também não o divulgou.

A *terceira parte* foi, finalmente, divulgada sob o pontificado de João Paulo II, que a leu após o atentado de que fora vítima em 13 de Maio de 1981, mas ainda assim ... aos *soluções*. Em 1998, o então cardeal Ratzinger, hoje Bento XVI, começou por revelar que a *terceira parte* "*não (...) trata[va] de um acontecimento da história futura [mas] antes ajudar no caminho da fé*"<sup>clxxii</sup>, em 2000, na homilia de 13 de Maio, quando da última visita de João Paulo II a Fátima, o cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado, revelou, não o texto integral, mas uma parte, o que causou um natural descontentamento nos fieis. A totalidade da *terceira parte* apenas foi divulgada, finalmente, em 26 de Junho de 2000 pelo então cardeal Ratzinger.

Em boa verdade, esta *terceira parte* parece uma versão ampliada e melhorada de uma das visões da Jacinta, associada ao teor da carta que a garota endereçou ao Dr. Formigão, acontecimentos estes que Lúcia tinha relatado nas suas *Memórias*, 9 anos antes.

Seja como for, não encontrei, em nenhuma das obras favoráveis à tese oficial da Igreja que consultei, qualquer explicação para as seguintes perguntas:

- por que razão nem o Bispo de Leiria, nem Pio XII, quiseram abrir o sobrescrito e tomar conhecimento da *terceira parte* do *segredo* ?
- por que razão o Bispo de Leiria escolheu o ano de 1960 para a sua divulgação ?
- por que razão foi o sobrescrito remetido para o Arquivo Secreto do Santo Ofício ?
- por que motivo João XXIII não autorizou tal divulgação, nem em 1960, nem em outra altura ?
- se o visionado massacre do papa, bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas, etc é um acontecimento futuro, por que razão Ratzinger disse que a *terceira parte* não tratava ... de um acontecimento futuro e como tal massacre irá ajudar no caminho da fé?

Tendo em conta tudo quanto se refere a este assunto, nomeadamente o que as crianças disseram em 1917 sobre algumas características e consequências do *segredo*, só podemos chegar a uma conclusão racional - a de que **a Senhora comunicou, de facto, um segredo às crianças, mas o seu conteúdo nada tem a ver com o que foi oficialmente revelado anos mais tarde**. Daí, talvez, que João XXIII haja proibido, sem explicações, a sua divulgação, para não sancionar mais mentiras.

## QUARTA APARIÇÃO

A Igreja aproveitou o facto do administrador do concelho ter levado as crianças para Vila Nova de Ourém para fazer delas umas santas, prontas para o supremo martírio em defesa da verdade das aparições, conforme já referi. Mas fez, também, alguns acrescentos.

Antes, porém, a "*sempre triunfante e firme*" memória da Irmã Lúcia voltou a atraí-la, levando-a a situar a quarta aparição no dia 15 ou naquele em que regressou de Vila Nova de Ourém, quando, na realidade, a mesma se verificou no domingo seguinte, 19 de Agosto<sup>clxxiii</sup>.

Diz a Irmã Lúcia que a *Senhora*, antes de partir, tomou "*um aspecto mais triste*" e disse:

"- *Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas*"<sup>clxxiv</sup>.

\* \* \*

Ficámos, assim, a saber: primeiro, que, afinal e ao contrário do que as crianças tinham dito em 1917, a *Senhora* mudava de expressão; segundo, que no mundo inteiro não havia ninguém - nem um

padre, nem um bispo, nem um cardeal, nem sequer o papa - disposto a sacrificar-se ou, pelo menos, a pedir pelos pecadores ... a não ser três pobres crianças de Aljustrel !

## QUINTA APARIÇÃO

A aparição de 13 de Setembro deve ter trazido às crianças uma imensa alegria, e também um grande alívio, quando a *Senhora* disse:

"- (...) *Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmam com a corda; trouxe-a só durante e dia*"<sup>clxxv</sup>.

Entretanto a *Senhora* anunciou-lhes a vinda, no mês seguinte, de Nosso Senhor, S. José com o Menino Jesus, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Carmo<sup>clxxvi</sup>

\* \* \*

A corda com nós era o cilício que as crianças, ansiosas por sacrifícios em intenção dos pecadores, tinham passado a usar apertado em torno da cintura<sup>clxxvii</sup> e que deus, num gesto de misericórdia, porém raro, dispensou ... mas só durante o sono !

Segundo os relatos de 1917, a *Senhora* não anunciou a vinda da Senhora das Dores nem da Senhora do Carmo; havia, pois, que harmonizar as declarações que a Irmã Lúcia prestou depois do *milagre do sol*, com o anúncio da *Senhora*.

## SEXTA APARIÇÃO

Nesta última aparição a Igreja, em vez de acrescentos, optou por alterações.

Para começar, a embaraçosa afirmação da *Senhora* de que a guerra acabava naquele dia, foi alterada para "*a guerra vai acabar*".

Em 1917, Lúcia, logo após a aparição, teve dúvidas se a *Senhora* tinha dito para fazerem ali uma capela à Senhora do Rosário, ou " ... *façam aqui uma capelinha, eu sou a Senhora do Rosário*". Mas a sua "*sempre triunfante e firme memória*" recordou-lhe, 24 anos depois, que a *Senhora*, afinal, dissera "*..façam aqui uma capelinha em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário*"<sup>clxxviii</sup>.

Esta última aparição terminou, diz a Irmã Lúcia, com a *Senhora* a tomar um aspecto mais triste e a pedir para não ofenderem mais a Nosso Senhor<sup>clxxix</sup>.

A Irmã Lúcia conclui a *sua nova história das aparições* com a descrição das figuras celestiais que viu de um e outro lado do sol, mas em termos mais concisos do que em 1917<sup>clxxx</sup>; porém, nada diz sobre o famoso *bailado do sol* que, de facto, não viu.

## OUTRAS APARIÇÕES

A Igreja não se contentou com os acrescentos e as alterações que acabei de referir; teve de criar novas e mais maravilhosas aparições para que não houvesse dúvidas de que a *Senhora* da carrasqueira era a Virgem Maria e, acima de tudo, que preconizava uma prática religiosa com a qual a doutrina oficial da Igreja estava perfeitamente sintonizada.

### **O Anjo da Paz ou Anjo de Portugal**

Na chamada *Segunda Memória*, escrita em 1937, a Irmã Lúcia conta, pela primeira vez, um episódio ocorrido 22 anos antes, concretamente em 1915.

Diz ela que, juntamente com três crianças, Teresa, Maria Rosa e Maria Justino, tinham ido com os rebanhos para um monte situado a norte dos Valinhos. Cerca do meio dia, as quatro crianças começaram a rezar o terço quando viram "*como que suspensa no ar, sobre o arvoredado, uma figura como se fosse uma estátua de neve que os raios do Sol tornavam algo transparente*", a qual, sem nada dizer ou fazer, esperou - respeitosamente, digo eu - que terminassem as orações para desaparecer.

Por motivos que não são explicados, Lúcia, na altura com 8 anos, entendeu por bem nada dizer, mas as suas companheiras contaram o que tinham visto, e quando sua mãe a interrogou, a criança apenas disse que lhe tinha parecido ver uma pessoa embrulhada num lençol, o que, convenhamos, é um pouco diferente de uma *estátua de neve*!

Até aqui, esta história poderia ser uma *versão melhorada do vulto da Estrumeira*; a Igreja, porém, não se contentou com vultos fantasmagóricos. Começou por fazer aparecer a *estátua* mais duas vezes, nas mesmas condições, às mesmas crianças; seguidamente, substituiu as companheiras de Lúcia pela Jacinta e pelo Francisco para, em 1916, já com o trio clássico de videntes, fazer novas aparições, agora na figura de "*um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o Sol tornava transparente como se fora de cristal e de uma grande beleza*".

Conta a Irmã Lúcia que este *jovem* se aproximou, disse ser o *Anjo da Paz* e pediu-lhes que rezassem consigo, após o que ajoelhou, curvou a frente até ao chão e, por três vezes, disse a seguinte oração:

"- *Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e Vos não amam*".

Depois ergueu-se e disse:

"- *Orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas*".

Este episódio iria conhecer novos e mais assombrosos desenvolvimentos.

Algum tempo depois, os três videntes brincavam em cima de um poço, conhecido por Arneiro, quando, de súbito, lhes apareceu o *Anjo*.

"- *Que fazeis? Orai, orai muito. Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios*".

Atemorizadas, sem dúvida, por esta repreensão e sem saber como haviam de conciliar os desígnios de misericórdia com os sacrifícios que lhes eram exigidos, as crianças perguntaram como haviam de fazer. E o *Anjo* explicou:

"- *De tudo que puderdes, oferecei a Deus sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar*".

Mas a cena mais maravilhosa estava, ainda, por vir.

Tempos depois, estavam as mesmas crianças numa gruta próxima dos Valinhos, a rezar a oração que tinham aprendido, quando sobre elas brilhou uma luz desconhecida e o *Anjo* se aproximou, trazendo na mão esquerda um cálix, sobre o qual, suspensa no ar, uma hóstia pingava sangue. O *Anjo* largou o cálix, que ficou no ar por baixo da hóstia, ajoelhou junto das crianças e fê-las repetir, por três vezes:

"- *Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores*" (*sic*).

Seguidamente, deu a hóstia a Lúcia e dividiu o sangue do cálix pela Jacinta e Francisco, dizendo: "- *Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus*".

E depois de repetir, por três vezes, a mesma oração, desapareceu <sup>clxxxi</sup>.

\* \* \*

Este fantástico episódio, principalmente o teor das orações e as exigências feitas às crianças, merecia uma análise completa; estaria, porém, a desviar-me do meu objectivo, pelo que limitar-me-ei a



afirmar que não acredito numa única palavra do que foi escrito sobre o *anjo de Portugal*, por razões óbvias.

É inconcebível que umas crianças vissem *uma estátua de neve* vir pelos ares na sua direcção e não fugissem desvairadas, quando, dois anos depois, uma pacata *mulherzinha* as pôs em fuga !

É inconcebível que as crianças tivessem visto um *anjo*, tivessem bebido do sangue de Nosso Senhor (!) e nada tivessem dito a ninguém, quando, pouco depois, a Jacinta, ao ver a *mulherzinha*, foi logo a correr para a mãe dizer-lhe que tinha visto Nossa Senhora !

É inconcebível que Lúcia, depois de ter passado por uma experiência mais extraordinária, mais forte e muito mais impressionante do que uma breve troca de palavras com a *Senhora* da carrasqueira, a tivesse mantido em segredo ao longo de 21 anos e depois, subitamente e sem explicar porquê, a contasse e fosse capaz, até, de reproduzir, na perfeição, todas as palavras e expressões que o anjo lhe dissera quando tinha, somente, oito ou nove anos! E que palavras e expressões: *súplicas, desígnios de misericórdia, preciosíssimo, ultrajes, méritos, horrivelmente !* Só **este anjo** era capaz de se lembrar de todos estes *palavrões* para ensinar, a três pobres e analfabetas crianças do campo, umas orações, e, ainda por cima, para lhes exigir que *intercedessem pelos descrentes, que oferecessem sacrifícios ao Altíssimo, que reparassem pecados, que atraíssem a paz à sua pátria, que aceitassem o sofrimento que lhes fosse enviado, que reparassem os crimes dos homens ingratos, que consolassem Deus, etc.*

Mas mais inacreditável é o facto de, no dia 13 de Maio de 1942, o Cardeal Cerejeira, perante centenas de milhares de pessoas reunidas na Cova da Iria, ter afirmado, solenemente, a realidade das aparições do *Anjo de Portugal* ! <sup>clxxxii</sup>

### **A Virgem, o Menino Jesus e Jesus**

Prosseguindo a sua cruzada de *catolicização* da *Senhora*, a imaginação fervilhante do autor deste episódio resolveu fazer da pobre Irmã Lúcia uma fiel mensageira e amiga íntima da Virgem e de Jesus, quer em menino, quer em adulto.

No Apêndice I das *Memórias*, escrito nos finais de 1927, pode ler-se que, no dia 10 de Dezembro de 1925 apareceram-lhe a Virgem e um Menino, este suspenso de uma nuvem luminosa. Enquanto a Virgem lhe colocava, familiarmente, uma mão sobre o ombro e com a outra lhe mostrava um coração cercado de espinhos, o Menino disse-lhe:

"- *Tem pena do Coração de tua S.S. Mãe que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Lhe cravam sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar*" (sic) <sup>clxxxiii</sup>

Seguidamente, a Virgem, tratando-a por *minha filha*, disse-lhe para olhar para o seu coração e pediu-lhe:

"- *Tu, ao menos, vê de Me consolar*" (sic) <sup>clxxxiv</sup>, e informou-a de que assistiria, na hora da morte, a todos quantos, durante cinco meses, se confessassem nos primeiros sábados, comungassem, rezassem um terço e lhe fizessem quinze minutos de companhia, meditando nos quinze mistérios do rosário, com o fim de a desagrar.

No dia 15 de Fevereiro de 1926, o Menino Jesus voltou para perguntar se já tinha espalhado a devoção a sua mãe, tendo a Irmã Lúcia exposto uma série de dificuldades por parte dos pecadores que Jesus foi solucionando. Mais à frente, a Irmã Lúcia descreve o seu encontro com uma criança, a qual, a propósito da oração da Avé-Maria, lhe perguntou se já tinha espalhado pelo mundo o que a Mãe do Céu lhe pedira. Dizendo isto - *mirabile visu* - a criança transformou-se num menino resplandecente no qual a Irmã Lúcia reconheceu Jesus. Seguiu-se uma troca e informações e pareceres sobre o pedido da Virgem, tendo, no final, chegado a um acordo.

Mas o certo é que, apesar de todas estas ajudas por parte de Jesus, o assunto ainda não estava resolvido. Assim, no dia 17 de Dezembro de 1927, a Irmã Lúcia "*foi junto do sacrário perguntar a Jesus como satisfaria o pedido que lhe era feito*", pois que "*a origem da devoção ao Imaculado Coração de Maria estava encerrada no segredo que a SS. Virgem lhe tinha confiado. Jesus, com voz clara, fez-lhe ouvir estas palavras: Minha filha, escreve o que te pedem; e tudo que te revelou a SS. Virgem na aparição em que falou desta devoção, escreve-o também; quanto ao resto do segredo, continua o silêncio*" <sup>clxxxv</sup>

### **A Santíssima Trindade**

Passando para o Apêndice II, fica-se a saber que na noite de 13 de Junho de 1929, a Irmã Lúcia rezava, sozinha, na capela da casa de Tuy, quando todo o recinto se iluminou com uma luz sobrenatural e apareceu, sobre o altar, uma cruz de luz que chegava ao tecto.

Na parte superior da cruz via-se a face e o corpo de um homem até à cintura, tendo sobre o peito uma pomba de luz; pregado na cruz estava o corpo de outro homem; um pouco abaixo da cintura e suspenso no ar via-se um cálix e uma hóstia grande. Da face e de uma ferida no peito do homem crucificado, brotavam gotas de sangue que escorriam pela hóstia e caíam dentro do cálix. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora com o seu Imaculado Coração na mão <sup>clxxxvi</sup> e sob o braço esquerdo umas grandes letras, como se fossem de água cristalina, formavam as palavras «GRAÇA E MISERICÓRDIA».

A Irmã Lúcia compreendeu, então, que lhe era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebeu luzes sobre o mesmo que não lhe é permitido revelar <sup>clxxxvii</sup>.

Seguidamente, Nossa Senhora disse-lhe que era chegado o momento em que Deus pedia para o papa, em união com todos os bispos, fazer a consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração, prometendo que, por este meio, a salvaria. Nossa Senhora disse que Deus condenava muitas almas pelos pecados cometidos contra si e pediu à Irmã Lúcia reparação e sacrifício por esta intenção.

O Apêndice II termina referindo que, mais tarde, por meio de uma comunicação íntima <sup>clxxxviii</sup>, Nossa Senhora se queixou à Irmã Lúcia, dizendo:

"- Não quiseram atender ao meu pedido ... Como o rei de França, arrepender-se-ão e fá-lo-ão, mas será tarde. A Rússia terá já espalhado os seus erros pelo mundo, provocando guerras, perseguições à Igreja; o Santo Padre terá muito que sofrer" <sup>clxxxix</sup>.

\* \* \*

Estas *novas* aparições mereciam uma longa série de comentários, o que, porém, nos desviaria dos meus propósitos; há, todavia, um que não posso deixar de fazer.

Se os pedidos e comunicações que a Irmã Lúcia diz ter recebido de Nossa Senhora e de Jesus fossem verdade, então não restaria dúvida alguma de que Jesus não confiava na sua própria Igreja para tirar os espinhos do coração da pobre Mãe; para tão meritório acto só podia contar com a Irmã Lúcia, apesar de esta já ter evidenciado a sua total inépcia para cumprir missões celestiais. É que, tendo-lhe sido ordenado em Dezembro de 1925 que espalhasse pelo mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria, e depois de Jesus lhe ter dito, mais de uma vez, como proceder, só 16 anos mais tarde foi capaz de o fazer! <sup>cxc</sup>.

Para terminar, uma palavra de admiração pela prodigiosa capacidade imaginativa de quem concebeu esta "*santíssima trindade*" !

### EM SUMA ...

De tudo quanto as *Memórias da Irmã Lúcia*, e outras obras do mesmo jaez, acrescentam aos relatos de 1917, apenas me merece algum crédito a informação, atribuída à *Senhora*, de que a Maria das Neves já estava no céu <sup>cxc</sup> ...

## IV

### OS ACONTECIMENTOS, SEGUNDO OUTRAS VERSÕES

Vejamos, agora, outras versões que sobre estes acontecimentos têm vindo a lume.

#### A VERSÃO DO EMBUSTE

*Tudo não passou de um colossal embuste ensaiado por padres que, inspirados nos casos de La Salette e de Lourdes, quiseram fazer fortuna*, foi a versão que imediatamente foi posta a correr mas que, em boa verdade, pouco eco encontrou na maioria dos portugueses, mesmo dos pouco crédulos.

Tomáz da Fonseca<sup>cxcii</sup> pretende que três sacerdotes, Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, um tal Benevenuto de Sousa, que classifica de fanático, astuto e grande empresário de santuários, e Abel Ventura do Céu Faria, prior de Seiça, decidiram promover umas aparições com intuítos meramente lucrativos. *"Como, porém, rebentasse a grande guerra de 1914, os trabalhos da empresa foram suspensos até 1917"*, diz o autor<sup>cxci</sup>, mas sem explicar porquê, como se impunha, já que umas *apariciões divinas* num país em guerra poderiam ser benéficas para o moral das tropas e os bolsos dos três padres. Entretanto, terão escolhido um local, no Chão das Maias, concelho de Tomar, para palco das *apariciões* da que iria ser a *Senhora dos Catorze*, o dia escolhido para a primeira *teofania*, mas o proprietário dos terrenos correu com eles e interditou-lhes a entrada. Decidiram-se, então, pela Cova da Iria.

O pároco de Fátima foi encarregado de escolher três crianças e de as preparar para representarem o papel de *videntes*, servindo-se, para tal, da força persuasiva da confissão, da catequese e do livro de terror já citado anteriormente, *Missão Abreviada*<sup>cxci</sup>, tendo a escolha recaído sobre três pequenos pastores, Lúcia, Jacinta e Francisco. Quanto ao momento propício para as *apariciões*, diz o autor que os sacerdotes tiveram de esperar que a guerra desse sinais de acabar, o que se verificou no início de 1917<sup>cxv</sup>.

Tomaz da Fonseca afirma que a *"pessoa que os pastores viram, junto à Cova da Iria, não era a mãe de Deus"* mas sim a *"esposa do coronel Genipro"*, um oficial do Exército que, na altura, andava na região em trabalhos de cartografia<sup>cxvi</sup>.

Em 1971, João Ilharco, outro crítico de Fátima, publicou um livro onde retoma esta tese, mas preferiu substituir a esposa do militar por uma imagem da igreja da freguesia, cuja voz era simulada por um padre; afirma que os relâmpagos eram provocados por espelhos, *o milagre do sol* um fenómeno natural aumentado pela sugestibilidade do lugar e da multidão, e os outros fenómenos pura invenção de pessoas crendeiros<sup>cxvii</sup>.

A versão da imagem será igualmente perfilhada por Frei Bento Domingues, que acrescenta que a mesma foi feita pelo santeiro de Braga. É, pelo menos, o que nos diz o Padre Mário de Oliveira<sup>cxviii</sup>, que, no entanto, não crê em mulheres de militares, nem em figuras de santos, nem, naturalmente, em Nossa Senhora, mas sim ... em fantasmas; em sua opinião, *"as três crianças, assustadas, quer por catequeses terroristas que os pregadores da Missão Abreviada se fartavam de produzir nos púlpitos (...) quer pelas terríveis notícias que chegavam da Primeira Guerra Mundial (...) viram e ouviram (...) os fantasmas que o seu inconsciente e o inconsciente das populações católicas e não católicas portuguesas carregavam"*<sup>cxix</sup>.

Quanto ao milagre do sol, diz este padre progressista ser *"uma narrativa em tudo idêntica às narrativas de milagres que os fanáticos dos cultos em honra das deusas das religiões agrárias e pré-cristãs do Paganismo [é, na sua opinião, o caso da Senhora de Fátima] não se cansavam de proclamar aos quatro ventos, na esperança de assim conseguirem novos adeptos"*<sup>cc</sup>.

Uma análise, mesmo superficial, desta versão levanta algumas interrogações óbvias.

1. Se os falsos *videntes* estavam mancomunados com os sacerdotes e seriam os únicos que iriam *ver e ouvir Nossa Senhora*, então que necessidade havia de fazer participar no embuste uma estranha ou uma imagem ?
2. Mas se as crianças foram, também, vítimas do embuste e intrujadas pela esposa do coronel Genipro, ou pela imagem, então que truque de ilusionismo usaram os padres para que todas as pessoas que, a partir de Junho, passaram a ir à Cova da Iria, não vissem a falsa *Nossa Senhora* ?
3. Suponhamos, agora, que foi a esposa do coronel Genipro que se fez passar por *Nossa Senhora*; como foi possível, na última aparição, empoleirar-se no pequeno cepo a que os colecionadores de relíquias tinham reduzido a carrasqueira? E não será ridículo imaginar um oficial superior do Exército, portanto um homem de meia idade, casado com uma menina de quinze anos, com um metro e dez de altura?!
4. Quanto ao *milagre do sol*, é óbvio o esforço de Tomáz da Fonseca em diluir a sua *explicação* na denúncia de idênticas visões que o Papa Pio XII terá tido, no Vaticano, em 1950<sup>ccii</sup>, de forma a não ter de explicar como os três padres conseguiram convencer cerca de 50.000 pessoas de que o sol *rodopiou* três vezes e quase lhes *caiu* nas cabeças. Quanto ao Padre Mário de Oliveira, limita-se a *explicá-lo* como um acto pagão ...

Em suma, a versão do embuste, ou melhor, **esta** versão, é tão incrível quanto a da Igreja...

### A VERSÃO OVNI

Fina d'Armada, pseudónimo de uma professora de História nascida no Minho em 1945, e Joaquim Fernandes, estudiosos do chamado *fenómeno ONVI*, são os grandes apologistas desta versão, a qual se pode resumir nos seguintes traços gerais.

Na sequência do que, desde tempos imemoriais, têm vindo a fazer, uns extraterrestres, que Fina d'Armada designa *Ouranianos*<sup>ccii</sup>, procedentes de algures no Espaço, quiseram contactar-nos, de novo, a fim de nos deixar mais uma mensagem de paz.

Como "*possuem aparelhagem sofisticada que lhes permite saber tudo o que pretendem* [nomeadamente] *umas pequenas luzes - a que* [os *ovnilogistas* chamam] *«olhos voadores» ou foo-fighters [que] atravessam paredes, filmam, lêem* "<sup>cciii</sup>, etc., escolheram três crianças de um lugarejo da Serra de Aire para um *encontro imediato do terceiro grau*.

Houve, porém, que previamente as preparar de forma a "*adaptar os seus sentidos para verem uma Senhora que mais ninguém via, para comunicarem com ela, etc.*"; para tal, enviaram uma espécie de precursor, o *Anjo da Paz*, ou *Anjo de Portugal*, que ministrou às crianças uma «*comunhão*», isto é, "*uma substância semelhante a qualquer droga necessária à preparação* [dos *videntes*, os quais terão] *perdido a memória, como tantas vezes acontece em ovnilogia* "<sup>cciv</sup>.

E Fina d'Armada dá, como exemplo, o caso ocorrido em 1974, em Aisne, França, em que "*um motociclista (...) encontrou dois cosmonautas (...) um dos quais lhe apresentou um pedaço de substância com cerca de um centímetro quadrado*" que o homem comeu; mais tarde, caiu num estado depressivo acentuado e nunca mais quis falar no assunto. Já em 1969, no Brasil, acrescenta a autora, um soldado tinha sido levado para dentro de um *OVNI* onde ingeriu uma bebida amarga que lhe provocou a "*visão de um homem que, amigavelmente, lhe revelou coisas que ele não poderia transmitir a ninguém antes de novas instruções*"<sup>ccv</sup>. Para esta *ovnilogista* fica, assim, perfeitamente explicada a aparição do *Anjo de Portugal* e o mistério da *hóstia* e do *sangue* que os candidatos a *videntes* comeram e beberam.

Terminada a fase preparatória, uma grande *nave*, oculta numa nuvem, deslocou-se à Cova da Iria e teletransportou uma *extraterrestre* para cima de uma carrasqueira. E assim começaram as aparições de 1917...

Fina d'Armada prossegue a fundamentação da sua tese com inúmeras e detalhadas informações sobre os extraterrestres e a sua tecnologia, problemática esta com a qual se mostra perfeitamente

familiarizada. Vejamos um exemplo que a autora escolheu, entre muitos outros, do *Boletim Especial* de 1975 da *Sociedade Brasileira de Estudos Sobre Discos Voadores*.

Em 1969, Wilson Gusmão, proprietário de uma fazenda próximo de Brasília, começou a ser visitado por "bolas de luz" que evoluçionavam em torno da casa e depois desapareciam. Numa noite, em que tinha reunido um grupo de pessoas, um *mini-disco voador* desceu na sua propriedade e dele saiu um *extraterrestre* trazendo, no cinto, um *objecto* que o senhor Wilson sentiu estar a fotografá-lo. Os presentes fizeram barulho, o *alien* sorriu, levou a mão ao cinto e fez surgir um halo luminoso ao seu redor, o qual não impedia o senhor Wilson de o ver mas fazia com que as demais pessoas apenas vissem o fazendeiro e, a seu lado, uma bola de luz, como, aliás ficou registado numa fotografia tirada naquele momento <sup>ccvi</sup>.

É, pois, neste *objecto* que reside a explicação para o facto da *extraterrestre da carrasqueira* ser vista, apenas, pelas três crianças e não pelas pessoas que passaram a ir à Cova da Iria, as quais nem o halo luminoso viam ... porque era de dia, diz Fina d'Armada! <sup>ccvii</sup>

Prosseguindo com explicações deste género, a *ovnilogista* passa para o *Imaculado Coração de Maria* que as crianças, pura e simplesmente, confundiram com uma *bola com bicos*, também emissora de luz, que os extraterrestres usam e a *Ouraniana da carrasqueira* trazia na mão, *bola* esta igualzinha àquela que foi vista na mão de um humanóide que, em 1968, visitou a Argentina <sup>ccviii</sup>.

É, logicamente, nesta ordem de ideias que o *milagre do sol*, afinal, não foi mais do que as evoluções da nave espacial que transportou a *extraterrestre da carrasqueira*, e as figuras celestiais que Lúcia e umas poucas testemunhas viram, eram, apenas, alguns membros da tripulação a acenar ao povoléu <sup>ccix</sup>.

\* \* \*

Esta versão tem, sem dúvida, o seu quê de sedução, já que, sob a influência fatal dos filmes que quase todos os dias passam nas nossas televisões, é fácil vermos nas aparições mais um episódio da saga dos *extraterrestres* que não deixam de nos visitar. Creio, porém, que a realidade seja bem diferente.

Apesar de Fina d'Armada e Joaquim Fernandes definirem *ovnilogia* como o "*conjunto das disciplinas científicas que estudam o complexo problema dos objectos voadores não identificados*" <sup>ccx</sup>, e Fina d'Armada referir-se à sua obra *Fátima* como "*um livro de História, da modernamente chamada «ciência oficial»*" <sup>ccxi</sup>, o facto é que nada há de científico que apoie a existência de *discos voadores* e as visitas de extraterrestres, pelo que não vejo a *chamada* ciência oficial aplaudir uma tese que defende ter sido um fenómeno *ovnilógico* o que se passou na Cova da Iria, em 1917.

O interesse pelos *ONVI* remonta, apenas, ao ano de 1947, com os *pratos voadores* de Kenneth Arnold e o célebre *caso Roswell* <sup>ccxii</sup>, a partir do que se formou uma onda popular de *avistamentos* e de boatos sobre *discos voadores*, que levou Washington a nomear, em 1949, uma comissão para estudar estes relatos, a qual ficou conhecida por *Projecto Livro Azul*.

Durante os seus vinte anos de trabalho, a comissão investigou 12.618 relatos sobre avistamentos, encontros, raptos, etc., tendo chegado à conclusão de que apenas 701, ou seja, 5,6%, não puderam ser explicados; dos restantes 11.917, a maioria dos observadores tinha confundido os planetas Vénus e Júpiter com *ONVIs*, ou tinha sido iludida por fenómenos eléctricos, caso do fogo-de-santelmo, ou por balões meteorológicos; outros, ou tinham visto *papagaios* lançados por crianças, ou foram, simplesmente, vítimas da habilidade de brincalhões; outros, ainda, não passavam de puras tentativas de notoriedade por parte dos seus autores, ou fruto de perturbações mentais mais ou menos graves.

Mas houve, também, quem visse, de facto, *objectos voadores ainda* não identificados ... por se tratar de aviões ou engenhos militares secretos que a Força Aérea norte-americana experimentava e estava em diversas regiões do globo, inclusivamente nos mares, como vem fazendo há longa data e, naturalmente, continua a fazer.

\* \* \*

Se apenas na nossa galáxia há 400 mil milhões de estrelas, não me custa acreditar que haja vida extraterrestre semelhante à nossa e milhares de outras civilizações, umas mais avançadas, outras mais atrasadas do que a nossa; também não me custa acreditar que civilizações mais avançadas realizem

viagens espaciais, usando tecnologias para nós desconhecidas; mas daí a perfilhar a versão de Fina d'Armada e de Joaquim Fernandes vai uma grande distância que, em boa verdade, falta preencher com provas físicas, objectivas, palpáveis, aceites pela Ciência e reconhecidas por entidades oficiais.

Nesta conformidade, confesso que tenho muitas dificuldades em imaginar uns tantos *aliens*, mesmo que oriundos do ponto mais próximo do Sistema Solar, que será um possível planeta da estrela Alfa Centauri, a embarcarem numa *nave espacial* para cobrirem 4,3 anos-luz até chegarem à nossa pequena Terra<sup>ccxiii</sup> ... para fazer o quê ? Para dizerem a três pobres crianças que aprendessem a ler, que rezassem o terço, que não ofendessem Nosso Senhor? E que, à despedida, as enganassem, dizendo-lhes que a guerra acabava nesse dia ?!

## A VERSÃO IMAMITA

Em *Os Mouros Fatimidias e as Aparições de Fátima*, Moisés Espírito Santo apresenta uma versão cautelosa dos acontecimentos, não só deveras interessante como bem mais verosímil..

Ao contrário do que comumente se crê, não foram árabes quem invadiu a Península Ibérica em 711, mas sim berberes de Marrocos, pertencentes às tribus *Macemuda* e *Zenaga*, comandados por um berbere, Tarik .

Os *Macemudas* diziam-se descendentes de Fátima, filha de Mohamed, e a sua doutrina era o chiismo primitivo, considerado herético pelo Islão ortodoxo, ou sunita, e que tinha muitos pontos comuns com o gnosticismo, o zoroastrismo e o misticismo cristão. Para os chiitas, a legitimidade da sucessão do Profeta pertence aos descendentes de Fátima, cujo marido, Ali ibn Abi Talib, foi o primeiro Imam, dele descendendo onze imames. Esta descendência, que podia ser genealógica ou espiritual, implicava a transmissão de um *Segredo* sobre a chave para a interpretação do sentido secreto e alegórico do Corão. O último Imam, Muhammad al-Muntazar (Mohamed, *o Esperado*), nasceu, miraculosamente, no ano 255 da Hégira (868 A.D.) e miraculosamente desapareceu cinco anos depois; ocultou-se fisicamente, mas vive, ainda hoje, no seu corpo físico, num mundo supra-sensível, aguardando a chegada da hora da *Desocultação Messiânica* em que, como Messias, combaterá a injustiça e a decadência moral, após o que virá o Senhor Jesus, filho de Maria, para o Julgamento Final.

Os *Macemuda* e *Zenaga* ocuparam a Serra de Aire, onde, naturalmente, deixaram numerosos vestígios toponímicos, quer da sua presença de cinco séculos, quer do seu próprio sistema religioso. Citem-se, a título de exemplo, Moçomodia, uma aldeia de Fátima, que deriva de *Macemuda*; Zanaga, um bairro de Caixarias, que vem de *Zenaga*; Fátima, a freguesia, que retirou o seu nome de *Fátima*, a filha do vali de Alcácer do Sal e protagonista de uma bela lenda dos tempos da fundação de Portugal<sup>ccxiv</sup>; Fazarga, um cabeço situado a cerca de dois quilómetros da Cova da Iria, que vem de *az-Zagra*, a *Resplandecente*, um dos títulos de Fátima, esta a filha do Profeta; Chita, uma ribeira, derivada de *chiita*; Aljustrel, que virá do hebraico, ou do púnico, *ahl ses tr'eli*, gente que invoca o regresso de Ali, ou Elias; Madalena, uma corrupção do árabe *mahdi i' lana*, messias anunciado; Iria, que deriva de *riya* (lê-se *eriía*), um grau do sufismo<sup>ccxv</sup>, que significa aparecer, mostrar-se, porque o iniciado sufi começa a *ver coisas*, etc.

Assim, na opinião deste autor,<sup>ccxvi</sup> é muito provável que na região que hoje é a Cova da Iria, sufis das tribus *Macemuda* ou *Zenaga* hajam tido várias visões que terão tomado pelo Imam Oculto ou por Fátima, a filha do Profeta. Séculos mais tarde, as visões ter-se-ão repetido na presença de três crianças que tinham acabado de rezar as contas, uma prática semelhante à que os sufis usam para alcançarem o êxtase, cujos relatos contêm a mesma gnose dos fatimidias macemudas: "*aparicção do Oculto, vulto de luz masculino-feminino de 15 anos, cinco figuras ao lado do sol, sinais no sol*", diz Moisés Espírito Santo<sup>ccxvii</sup> Daí que, hoje em dia, os Marroquinos estejam persuadidos de que os Portugueses veneram, na Cova da Iria, *Saidatuna Fatemah* (Senhora Nossa Fátima), ou *Leila Fatemah* (Dama Fátima)<sup>ccxviii</sup>.

\* \* \*

Em minha opinião, o que se passou na Cova da Iria nos séculos VIII - XII e, depois, no século XX, foi, de facto, a visão de uma ou mais entidades, mas não obrigatoriamente pertencentes à tradição Islâmica ou Cristã, como veremos mais à frente.

## A VERSÃO ESPÍRITA

Esta versão é exposta por Fina d'Armada em *Fátima*.

Diz a autora<sup>ccxix</sup> que Furtado de Mendonça escreveu um livro, *Um Raio de Luz sobre Fátima*, em 1974, em Luanda, onde afirma que o que se observou na Cova da Iria foi uma manifestação crística, e, portanto, foi Cristo, e não a Virgem, quem os videntes, excelentes médiuns, viram. O autor lamenta, ainda, que as numerosas comunicações do *Astral*, anunciando para breve a assinatura de paz entre as nações em guerra, não tivessem sido tomadas em consideração, e que, numa sessão espírita realizada em 7 de Fevereiro de 1917, foi recebida uma mensagem do *Além* em que, entre diversas considerações mais ou menos difíceis de interpretar, se afirmava que "A data de 13 de Maio [seria] de grande alegria para os bons espíritos de todo o mundo"<sup>ccxx</sup>.

Mas houve mais alertas para o que se iria passar. O *Diário de Notícias* de 10 de Março de 1917 publicou um anúncio que, sob o título "135917", dizia "Não esqueças o dia feliz em que findará o nosso martírio. A guerra que nos fazem terminar"; Fina d'Armada interpreta o título e o dia feliz como o de 13 de Maio de 1917 e a guerra como a perseguição aos espíritos<sup>ccxxi</sup>. No Porto, um espírita enviou aos jornais um postal do seguinte teor: "Porto, 11 de Maio de 1917. Srs. Redactores. Foi participado pelos Espíritos, a diversos grupos espíritos, que no dia 13 do corrente há-de dar-se um facto, a respeito da guerra, que impressionará fortemente toda a gente"<sup>ccxxii</sup>.

\* \* \*

Como seria de esperar, Fina d'Armada não subscreve esta tese; eu também não, embora seja a que mais se aproxima da que me parece a mais correcta.

## V

# A MINHA VERSÃO DOS ACONTECIMENTOS

## INTRODUÇÃO

Ainda que haja aspectos que me escapem, penso que a explicação mais plausível para os acontecimentos da Cova da Iria é a que decorre dos Ensinamentos Rosacruz, entendendo-se, como tal, o conjunto de conhecimentos esotericistas de raiz cristã e ocidentalista, sobre a origem, evolução e futuro desenvolvimento do homem e do mundo, conhecimentos esses que têm sido difundidos, sob a orientação de um Rosacruz, por *The Rosicrucian Fellowship*, uma associação internacional de cristãos místicos, criada em 1909 por Max Heindel, em Oceanside, Califórnia, EUA<sup>ccxxiii</sup>.

Vejam, então, os factores de análise que, nesta perspectiva, se perfilam.

## A SERRA DE AIRE

A Serra de Aire é uma elevação com 679 metros de altitude, situada no concelho de Ourem, com o formato de uma onda do mar com tonalidades azuis e verdes. Sob o ponto de vista geológico, é uma dobra anticlinal, isto é, com a concavidade voltada para baixo em resultado de colossais esforços compressivos na crosta terrestre, e talhada em calcários jurássicos. O terreno é fissurado, com fracturas na massa rochosa e outras formas cársicas que conferem à região a sua característica física mais notável, as grutas, algumas de majestosas proporções, como as de Santo António, Alvados, Moeda e Mira de Aire.

Há 175 milhões de anos a região era plana e costeira, com partes inundadas por lençóis de água, já que a Europa se encontrava ligada à América do Norte formando o supercontinente Pangea. O clima quente e húmido e a vegetação abundante constituíam um paraíso para os dinossauros, nomeadamente os saurópodes; daí o milhar de pegadas destes gigantes herbívoros e a vintena de trilhos, os maiores e mais nítidos que se conhecem.

Apesar da pobreza do solo, diversos achados arqueológicos atestam que esta região já era habitada no paleolítico. Aos primeiros povos pré-célticos que ali deixaram alguns vestígios castrejos, sucederam-se os lusitanos que deram ao povoado onde hoje é Tomar o nome de *Nabância*, de *Nava*, o seu deus das águas; seguiram-se os romanos, que se dedicaram à agricultura e à exploração mineira e ali deixaram numerosas lápides; no primeiro quartel do século V chegaram os visigodos e, três séculos depois, os mouros, como já vimos; por fim, e na sequência da conquista de Santarém e de Lisboa, vieram os Templários.

Após a conquista de Lisboa, D. Afonso Henriques confiou aos cavaleiros do Templo a defesa da fronteira do Tejo, pelo que Santarém seria o local estrategicamente mais favorável à instalação da sua sede; porém, Gualdim Pais, um nobre nortenho que durante cinco anos combateu os infiéis na Terra Santa, como templário, e que em 1157 foi eleito grão-mestre provincial, optou por Tomar, vila que, embora bem localizada, estava, não só indefesa, como também deserta, desde que em 716 os mouros destruíram o castelo de Ceras que a protegia.

Que interesse, pois, poderia este local oferecer à ordem medieval mais famosa, quer pelas façanhas militares, quer pela fabulosa riqueza que acumulou, quer pelos conhecimentos esotéricos que tudo leva a crer haja adquirido ao longo de dois séculos de existência ?

## O esoterismo da região

Para começar há notícia de que na Cova da Iria havia, há muitos anos, um grande templo mágico druida de que não restam vestígios<sup>ccxxiv</sup>.



Diz Juan G. Atienza<sup>ccxxv</sup> que um dos principais conventos templários da Península Ibérica ficava situado em San Juan de Otero, ou Uceró, na actual Castela e Leão; era um local solitário, longe das rotas comerciais e fora dos caminhos dos peregrinos, sem valor económico nem militar, uma vez que a fronteira muçulmana ficava muito para sul. Por que razão quiseram os Templários fixar-se em tal ermo, é uma pergunta lógica, cuja resposta reside na sua privilegiada localização numa cartografia mágica.

Uceró fica situado a 41° 43' de latitude norte e 3° 02' de longitude oeste, sobre um eixo vertical que divide a Península Ibérica em duas metades, e dista, exactamente, 527,127 quilómetros do Cabo Creus, a Oriente, e do Cabo Finisterra a Ocidente. Se num mapa traçarmos um arco de circunferência que, com centro em Uceró, una os dois cabos, verificaremos que a linha curva, depois de cruzar o mar, passa próximo do monte Puig Major, junto de Palma de Maiorca, entra no continente junto do rio Almaçor, em Água del Medio, na Província de Almeria, atravessa, depois, a comarca de Alpujarra, Granada, segue para a zona de Aracena e Fregenal e atinge Fátima - Tomar!

Sob o ponto de vista esotérico, todas estas regiões oferecem grande interesse. Os cabos Creus e Finisterra foram, desde a Pré-História, núcleos de alta tradição mágica. Puig Major foi o monte sagrado dos antigos povos das Baleares, onde floresceu uma importante cultura megalítica de que restam alguns vestígios, como o santuário labiríntico de *Capicorp Vell*. Na região da actual Província de Almeria, entre os rios Almançor e Antas, terão vivido os *Thuata-de-Danán*, um povo protegido pelo deus *Lug*, detentor da grande magia branca dos Atlantes<sup>ccxxvi</sup>; ainda hoje se podem ver, em povoações como Mojácar, desenhos que representam divindades mágicas de origem fenícia<sup>ccxxvii</sup>. Alpujarra é uma das comarcas mais determinantes do sentimento mágico andaluz, cujo carácter sagrado era já reconhecido na época muçulmana; é uma região onde corre a tradição milagreira de imagens e santuários, a par das águas medicinais outrora consideradas mágicas<sup>ccxxviii</sup>. Em Aracena, temos as célebres e majestosas grutas, cujo significado e utilidade esotérica veremos um pouco mais à frente; trinta quilómetros a norte fica Fregenal, palco de lendas ocultas e de alguns fenómenos religiosos, o principal dos quais terá sido a eclosão dos *Iluminados de Llerena*<sup>ccxxix</sup>. A seguir, Tomar, ou Fátima.

Diz Juan G. Atienza que "*se procedêssemos a um inventário (...) dos lugares onde, nos últimos séculos, se produziram fenómenos insólitos e incompreensíveis de tipo mágico-sagrado, como aparições virginais, curas milagrosas, observações invulgares de OVNI, danças solares e histerias religiosas colectivas, verificaríamos que, numa elevada percentagem, há antigos enclaves templários - castelos, capelas ou notícia de comendas - nas imediações*"<sup>ccxxx</sup>, lugares esses - acrescentaria eu - cujo clima esotérico e espiritual, denunciado pela tradição, lhes permitia um melhor e mais aprofundado conhecimento dos mundos subteis.

É, sem dúvida, o caso da região da Serra de Aire; daí que em 1 de Março 1160, dia que até 1564 era o primeiro do ano legal, Gualdim Pais tenha colocado a primeira pedra do castelo de Tomar e, pouco depois, tenha mandado erguer uma magnífica charola, inspirada no Templo do Santo Sepúlcro, em Jerusalém, com a forma de um octógono, do qual saem dezasseis arcos que suportam o deambulatório circundante<sup>ccxxxi</sup>. No século XVI esta construção foi adaptada a capela-mor da igreja manuelina, cuja famosa janela da casa do Capítulo, apresenta no seu interior, entre outros motivos, uma alcachofra, flor cujo simbolismo estabelece um traço de união com a rosa dos Rosacruz; acresce, ainda, que no piso inferior do Claustro da Lavagem, onde no século XV teriam lugar cerimónias iniciáticas, as pedras angulares estão decoradas com uma rosa sobreposta a uma cruz.

De facto, estas construções são verdadeiras preciosidades no campo da simbologia cósmica. Diz Maurice Guinguand<sup>ccxxxii</sup> que, se invertermos a planta do castelo sobre a carta do céu levantada, não no dia 1 de Março, mas no dia 12 - diferença esta que permite compensar o desvio entretanto provocado pela precessão dos equinócios - verificaremos que existe uma perfeita coincidência entre o desenho e diversas constelações: a charola, por exemplo, corresponde à *Ursa Menor*, a torre quadrangular de sudeste à *Ursa Maior*; e a torre pentagonal ao Boieiro; *Arcturo*, a sua estrela principal, situa-se na objectiva do miradouro, em direcção ao convento de Santa Iria; a constelação da *Virgem* coincide com a capela de Nossa Senhora do Olival, ou das Oliveiras; a única torre redonda corresponde a *Câncer* e *Navio*, um presságio das futuras descobertas, às quais Tomar está ligada, etc.

Ainda no castelo, os dois poços situados à entrada e à saída, hoje quase aterrados, tinham uma finalidade eminentemente iniciática. Da mesma natureza são as passagens subterrâneas que ligam o castelo à Igreja de S. João Baptista, santo padroeiro da ordem, e à Igreja de Santa Maria do Olival.

A Igreja de S. João Baptista, de forma também octogonal, apresenta, na fachada, um baixo-relevo representando um cão, um leão e, ao centro, um *Graal*, relacionados, respectivamente, com *Sirius*, a principal estrela da constelação do *Grande Cão*, com *Régulus*, da constelação do *Leão*, e com a constelação da *Taça*. Quanto à Igreja de Santa Maria do Olival, curioso é o facto de Gualdim Pais, falecido em 13 de Outubro de 1195, ter desejado ser ali sepultado; acontece, porém, que o seu túmulo está vazio!

Quanto ao Convento de Cristo, cuja arquitectura seguiu a linha cosmológica do castelo, muito havia para dizer, desde o tratado de alquimia esculpido na sua porta manuelina, ao *Hermes Trismegisto* que se encontra na abóbada de uma salinha junto do refeitório, do olho de boi, observatório astronómico e símbolo do *ovo alquímico*, às salas de investigação que havia sob o claustro da Micha, etc.; não quero, porém, desviar-me, ainda mais, do objectivo final que me propus alcançar, até porque julgo terem ficado suficientemente esclarecidas as razões que levaram Gualdim Pais a estabelecer a sede da Ordem do Templo em Tomar.

### **Aparições da Virgem**

Fazendo jus ao interesse denotado pelos Templários por esta região, diz Frei Agostinho de Santa Maria, em *Santuário Mariano*, que a Virgem aparece por aqui desde os tempos de D. Afonso Henriques e que só no concelho de Ourém foram dez as vezes que tal se verificou <sup>ccxxxiii</sup>.

A última aparição anterior a 1917, terá ocorrido a meia dúzia de quilómetros da Cova da Iria, num ermo onde agora se ergue o Santuário de Nossa Senhora da Ortiga. Segundo uma pagela ali distribuída, Nossa Senhora apareceu a uma pequena pastora, que era muda, e pediu-lhe uma ovelha; a criança sentiu a língua soltar-se e respondeu que iria pedir autorização ao pai. Este, ao ouvi-la falar, ficou muito admirado e disse-lhe para fazer tudo quanto Nossa Senhora pedisse, tendo esta dito que se construísse uma capela naquele local. O pai da pequena pastora, ao visitar o sítio da aparição, encontrou, entre as ortigas, uma imagem da Virgem que levou para o Casal de Santa Maria, onde vivia, mas a imagem desapareceu para ser encontrada, depois, novamente entre as ortigas. Ali foi construída uma pequena capela, mais tarde ampliada, à qual o Papa Pio VII, em 1801, concedeu jubileu a ganhar no primeiro domingo de Julho de cada ano, altura em que o local, apesar de praticamente deserto, é muito concorrido pelas gentes das redondezas mas ignorado da maioria dos peregrinos que demandam a Cova da Iria.

A última aparição depois de 1917, ter-se-á verificado também a poucos quilómetros de Fátima, na Ladeira do Pinheiro, e teve como protagonista terrena Maria da Conceição Mendes Horta, uma aldeã nascida em 1930, em Riachos, tida, por quem a conheceu na juventude, como traquina, preguiçosa, mas muito esperta.

Tudo terá começado na década de sessenta, quando uma imagem do Senhor dos Passos, que havia na igreja do hospital onde a Maria da Conceição disse ter estado internada com leucemia, lhe fez um sinal de que seria curada, o que efectivamente terá sucedido. Quando voltou para casa no sítio da Ladeira do Pinheiro, apareceram-lhe estigmas em forma de cruz na testa, peito e pernas; depois, foi Nossa Senhora, Jesus Cristo e outros santos e anjos que começaram a aparecer-lhe sobre uma azinheira e a falar com ela. Perante tais maravilhas, a Ladeira do Pinheiro em breve passou a ser um local de culto, frequentado, não só por crentes e curiosos, como também por sacerdotes católicos que ali se deslocavam para celebrar a Santa Eucaristia, conforme está documentado num álbum de fotografias.

Afirmando-se representante de Nossa Senhora na Terra, Maria da Conceição pretendeu que o seu culto fosse oficialmente reconhecido, para o que conseguiu ser recebida pelo Cardeal Cerejeira. As suas diligências, porém, não foram bem sucedidas: o cardeal te-la-á esbofetado, desconhecendo-se as causas de tão inusitada e surpreendente atitude, e a Igreja moveu-lhe uma feroz perseguição: uma força da GNR impediu, durante 10 anos, o acesso ao local e em 1966 a *Santa da Ladeira* esteve internada um mês no Hospital Júlio de Matos com o diagnóstico de neurose do tipo histérico.

Tal como sucedeu com Fátima, houve logo quem visse em tudo quanto ali se passava uma fraude grosseira; a leucemia nunca foi comprovada por nenhum hospital nem nenhum médico; o capitão que comandou a força da GNR afirmou que os estigmas eram feitos com mercurocromo e que a Maria da Conceição, quando disse estar paralítica, andava normalmente; quanto aos sacerdotes católicos, garantem pessoas que os conhecem muito bem que eram apaniguados da *Santa da Ladeira* que vestiam as batinas e se paramentavam ... apenas para a fotografia.

Com o 25 de Abril, cessaram os impedimentos mas o culto entrou em declínio e nem um novo *milagre* conseguiu sustentar esta tendência; no Verão de 1974, a *Mãe Maria*, como também era conhecida, deslocou-se à Lagoa de Óbidos onde lhe apareceu um *anjo do apocalipse*, com um pé sobre um rochedo e outro na água; a partir de então passou a comemorar-se esta visão com um banho sagrado naquela lagoa.

Em 1977, a Igreja Católica Ortodoxa de Portugal (que diz reunir 40.000 fieis) tomou conta do local e o culto voltou a florescer. Com o dinheiro que os fiéis entregavam, os quilos de ouro que a Maria da Conceição ia juntando, as lembranças que vendia, a exploração de um museu e os leilões que os padres ortodoxos ali faziam, ergueu-se uma catedral com capacidade para 9.000 pessoas, ainda inacabada, onde há dois altares, um ortodoxo, outro católico; construíram-se diversas casas onde hoje vivem 50 crianças africanas e 30 monjas e uma escola que a Maria da Conceição custeava; comprou-se uma propriedade de 5 hectares onde todos trabalham; e mantêm-se dois lares para idosos na vizinha Golegã, o que, sem dúvida, representa uma notável e meritória obra social. E, naturalmente, os fiéis não cessavam de procurar a *Santa da Ladeira*, fosse para lhes curar doenças físicas, fosse para os livrar de males espirituais, como a obsessão, a possessão diabólica e o mau-olhado, fosse para lhes resolver problemas mundanos, como amores desencontrados, fosse, apenas, para fruir o clima de paz, tranquilidade e bem estar que dela irradiava.

Em 6 de Agosto de 2003 a Igreja Católica Ortodoxa de Portugal desvinculou-se da Santa da Ladeira devido aos "actos de heresia e fomento da desordem e desgraça" verificados naquele local de culto, conforme noticiou o *Público* do dia seguinte. Quatro dias depois, Maria da Conceição faleceu no Hospital de Torres Novas, vítima de uma paragem cardio-respiratória, e o culto entrou em declínio já que Teresinha, a sua sucessora, não tem, de forma alguma, o carisma da Santa da Ladeira.

### **Simbólica da região**

No campo da simbólica natural, a Serra de Aire oferece dois motivos de interesse, as grutas e as carrasqueiras.

A gruta é um arquétipo da matriz materna e está ligado aos mitos da origem, do renascimento e da iniciação, cultivados por diversos povos. Na tradição iniciática grega a caverna representava o mundo, que, para Platão, é um lugar de ignorância, de sofrimento, de castigo, onde as almas são encerradas e acorrentadas<sup>ccxxxiv</sup>. Numerosas cerimónias iniciáticas, como as de Elêusis, por exemplo, começavam com a passagem do candidato por uma caverna, materializando, assim, o *regressus ad uterum*, no dizer de Mircea Eliade, o qual poderia, depois, ascender aos céus, como Jesus que, depois de descer aos infernos subiu aos céus. Mas a caverna é, também, um lugar de passagem do céu para a Terra; na China é pelas cavernas que as entidades celestes chegam à terra..

A caverna é um gigantesco receptáculo de energia, mas uma energia telúrica e não celestial, pelo que desempenhava, como ainda desempenha, um papel primordial nas operações mágicas. Era, e é, um templo subterrâneo, que conserva as lembranças do período glacial, verdadeiro segundo nascimento da humanidade; é um local propício à iniciação, ao enterramento simulado e às cerimónias de imposição do ser mágico<sup>ccxxxv</sup>; daí que, segundo René Guénon, existam "*cavernas e subterrâneos onde certos centros iniciáticos têm podido manter-se desde há séculos*"<sup>ccxxxvi</sup>.

O carvalho (*Quercus* L.) é uma árvore sagrada em numerosas culturas. Os druidas faziam do carvalho um verdadeiro templo: apanhavam o musgo com uma pequena foice de oiro e, antes das cerimónias sagradas, comiam as suas bolotas, um símbolo masculino (formato da glande peniana); por seu turno, os gregos acreditavam que os carvalhos eram habitados por ninfas<sup>ccxxxvii</sup>.

Algumas destas árvores ficaram famosas, em especial o carvalho de Dodona, que Zeus utilizava para manifestar a sua vontade, fazendo sussurrar a folhagem, e que Ulisses consultou quando decidiu regressar a Ítaca, e o carvalho da Cólquida, de onde pendia *o Velo de Ouro*, símbolo iniciático da Grécia Clássica, etc.

Para os dendrólatras, o carvalho possui privilégios especiais que a suprema divindade lhe concedeu, bem patentes no seu porte majestoso, na capacidade para atrair os raios, na resistência que oferece às tempestades, e na força que emana, razão por que foi desta madeira que Heracles fez a sua maça e Dagda, a divindade anã céltica, o seu bastão, com o qual era capaz de matar e ressuscitar nove homens de cada vez <sup>ccxxxviii</sup>.

É o símbolo, por excelência, da *árvore eixo do mundo*, instrumento de comunicação entre o Céu e a Terra <sup>ccxxxix</sup>; daí que tenha sido junto dos carvalhos de Moré e de Mambré que Abraão recebeu instruções de Jeová e lhe erigiu um altar (Gen 12, 6, Gen 18, 1 e Gen 13, 18).

Ora acontece que a carrasqueira, designação local para a azinheira nova, é a variedade *Quercus ilex* do carvalho.

## OS PROTAGONISTAS

Do exposto em II supra recordo as seguintes passagens.

### A Senhora

1. Apareceu sempre em cima de uma carrasqueira.
2. Aparentava ter uns quinze anos e não media mais do que um metro e dez de altura.
3. Quando falava, mantinha a boca fechada e não mexia os lábios.
4. A recomendação que mais insistentemente fez às crianças foi a de rezarem o terço.
5. Na aparição de 19 de Agosto, nos Valinhos, referiu-se a Vila de Nova de Ourém como *Aldeia*, topónimo há muito caído em desuso.

### Os videntes

1. Em 1916 e 1917, quando das aparições do *vulto da Estrumeira*, da *Senhora* e do *anjo*, todos as crianças tinham entre 7 e 12 anos - Jacinta 7, Francisco 9 e Lúcia, 10; Carolina, 12 e Conceição 7; das outras crianças, Maria, a mais nova, tinha 9 anos e Manuel, o mais velho, 12.
2. Lúcia e Jacinta disseram que o segredo que a Senhora lhes tinha transmitido não era para as crianças serem ricas, nem para irem para o céu, mas que era para seu bem e para bem das suas almas; que não sabiam se seria para bem da alma do senhor prior, e que, se fosse conhecido do povo, talvez ficasse triste, ou talvez ficasse na mesma.

### O vulto da Estrumeira e o anjo

1. *O vulto da Estrumeira* apareceu, sempre, em cima de azinheiras.
2. *O anjo* que a Carolina e a Conceição terão visto em 28 de Julho de 1917 apareceu junto ou em cima da carrasqueira onde a *Senhora* aparecia.

## ALGUNS CONCEITOS ROSICRUCISTAS

Para tornar compreensível a minha versão dos acontecimentos, tenho de expor, ainda que resumidamente, os conceitos rosicrucistas que a configuram.

## 1

Para além do mundo material que conhecemos, existem muitos outros cuja matéria, ou substância constituinte, se encontra noutra grau de densidade e de vibração que os nossos limitados órgãos de percepção sensorial não podem apreender, à semelhança do que se passa, por exemplo, com os raios ultravioletas e infravermelhos que não vemos, os sons emitidos pelo morcego que não ouvimos, etc. São, portanto, mundos invisíveis, mas que ocupam o mesmo espaço do mundo visível, compenetrando-se.

Segundo os Ensinamentos Rosacruz, e para os fins que prossigo, há que considerar sete mundos: de Deus, o mais subtil, dos Espíritos Virginais, do Espírito Divino, do Espírito de Vida, do Pensamento, dos Desejos e o Mundo Físico, o mais denso <sup>ccxi</sup>.

A principal diferença entre estes mundos é as leis da natureza não actuarem, nuns e noutros, da mesma forma; por exemplo, enquanto que no Mundo Físico um corpo está sujeito às leis da gravidade e da dilatação, outro idêntico não pesa nem se dilata no Mundo dos Desejos; no Mundo Físico o binómio espaço-tempo é uma constante em todas as leis, mas nos outros não é assim. Cada um destes mundos tem sete subdivisões que se podem agrupar em regiões; para o assunto que estou a tratar, basta determo-nos no Mundo Físico e nas suas duas regiões, a Etérea, <sup>ccxli</sup> a mais subtil, e a Química <sup>ccxlii</sup>.

## 2

O homem é um espírito, mais propriamente um tríplice espírito, o Ego, na terminologia Rosacruz, que vai adquirindo corpos para poder *descer* e actuar nos sucessivos mundos e regiões por onde tem de passar ao longo da sua Evolução, corpos esses que são formados pela substância constituinte da respectiva região ou mundo <sup>ccxliii</sup>.

Na actual fase evolutiva, o homem, ou melhor, o Ego, possui um corpo denso, um corpo vital, um corpo de desejos e um corpo mental <sup>ccxliv</sup>, que lhe permitem actuar nas regiões Química e Etérea do Mundo Físico, no Mundo de Desejos e no Mundo do Pensamento <sup>ccxlv</sup>.

Estes corpos sobrepõem-se uns aos outros e interligam-se por canais de comunicação, os *chakras* <sup>ccxlvi</sup>, para usar um termo hoje popularizado; trata-se, mais correctamente, de vórtices que transmitem energias de um corpo para outro e que, aos olhos de um clarividente, aparecem sobre a superfície do corpo vital do homem vulgar como se fossem depressões com uns cinco centímetros de diâmetro e um brilho mortiço; porém, se forem devidamente desenvolvidos, aumentam de tamanho, tornam-se proeminentes e passam a brilhar como se fossem redemoinhos refulgentes <sup>ccxlvii</sup>; destes vórtices saem como que pedúnculos que os ligam a determinados pontos do corpo denso. Por outro lado, a cada *chakra* etéreo corresponde um outro situado no corpo de desejos, um vórtice também, mas de quatro dimensões, cuja função é transmitir as energias do Mundo de Desejos ao corpo vital <sup>ccxlviii</sup>.

## 3

Quando o homem comum passa pela experiência a que chamamos morte, o Ego retira-se para o Mundo de Desejos envolto no corpo de desejos - que da forma ovóide que tinha em vida, passa para uma idêntica à do corpo denso - e na mente, enquanto os corpos denso e vital iniciam o seu processo de decomposição; a região do Mundo de Desejos para onde o Ego passa é denominada, na terminologia Rosacruz, Purgatório <sup>ccxlix</sup>; depois de aqui permanecer cerca de um terço do seu tempo de vida terrena, o Ego transita para a região mais subtil do Mundo de Desejos, o Primeiro Céu; seguidamente; deixa o corpo de desejos e usando, apenas, a mente passa para a região mais densa do Mundo do Pensamento, o Segundo Céu; por fim, o Ego abandona a mente e ascende à região mais subtil do mesmo mundo, o Terceiro Céu.

Quando o Ego se prepara para reencarnar, é desta região mais subtil do Mundo do Pensamento que inicia a sua *descida* até à Região Química do Mundo Físico, revestindo-se, sucessivamente, dos corpos de que necessita para actuar nos mundos e regiões que vai atravessando <sup>cccl</sup>.

## 4

"Cada planeta é o veículo físico de um exaltado espírito, de uma inteligência espiritual elevadíssima", diz Max Heindel<sup>ccli</sup>; assim sendo, o nosso planeta é o corpo denso de um grande espírito e, à semelhança do homem, está compenetrado por outros corpos constituídos por substâncias etéreas, de desejos, etc.<sup>cclii</sup>, pelo que existem diversos *chakras* que unem a Terra aos seus corpos vital e de desejos, pelos quais fluem as respectivas energias.

Será curioso lembrar que, nos finais da década de sessenta, o cientista britânico James Lovelock fascinou os ecologistas ao apresentar a chamada *hipótese de Gaia*<sup>ccliii</sup>, segundo a qual a vida reagiria, física e quimicamente, com o ar, as águas, as rochas, etc., otimizando as suas próprias condições, parecendo, assim, que a Terra se comporta como um organismo vivo, o que, na perspectiva Rosacruz, corresponde à mais rigorosa realidade.

## 5

Durante os primeiros tempos da sua vida, é vulgar a criança possuir um certo grau de clarividência que vai perdendo, gradualmente, com o passar dos anos.

É nesta fase que vê *coisas*, que tem um *pequeno amigo* que vem brincar consigo, que conta histórias que os pais, normal e infelizmente, consideram invenções tolas e pueris e que, tantas vezes, reprimem com severidade, o que leva a criança a retrair-se e a guardar para si tudo quanto possa ser motivo de censura. Se, pelo contrário, os pais compreendem esta fase do crescimento e ouvem o que os filhos têm para contar, a criança sente-se feliz e, por vezes, revela *coisas* maravilhosas<sup>ccliv</sup>.

A duração desta fase depende de diversos factores, um dos quais o ambiente familiar, mas prolonga-se, usualmente, até os catorze anos, idade em que o seu corpo vital fica completamente formado e perde a ligação consciente com os planos mais subtis.

## 6

O princípio fundamental para o fortalecimento do corpo vital é a repetição. Se o aspirante a uma vida superior nutrir repetidos pensamentos elevados e puros, fará com que os éteres superiores passem a predominar na constituição do seu corpo vital, o que, numa fase ulterior, levará à construção do que, na terminologia Rosacruz, se chama *corpo-alma*, uma espécie de veículo que lhe permitirá abandonar, voluntaria e controladamente, o corpo denso e entrar nos mundos mais subtis<sup>cclv</sup>.

Um dos métodos mais eficazes de pôr em prática o princípio da repetição é orar, *orar sem cessar*, como disse S. Paulo<sup>cclvi</sup>, não como aqueles que apenas bajulam Deus para conseguir dádivas materiais, mas orar de forma elevada, desinteressada e sentida<sup>cclvii</sup>. Rezar diariamente o terço é um meio de orar, orar repetidas vezes e de forma adequada.

Será curioso notar que o terço não é, de forma alguma, exclusivo do Cristianismo; como a própria palavra indica, trata-se da terça parte do rosário, um auxiliar oracional utilizado desde tempos imemoriais em diversas tradições religiosas<sup>cclviii</sup>.

## 7

Quando o homem formula um pensamento, faz vibrar as substâncias constituintes dos mundos subtis que vão actuar de forma específica: a do Mundo do Pensamento confere a esse pensamento uma determinada forma; a do Mundo dos Desejos atrai-o para as regiões mais elevadas se nele houver amor, ou arrasta-o para as mais baixas se houver ódio; a da Região Etérea do Mundo Físico vivifica-o, o que o leva a comportar-se como se fora uma entidade viva e autónoma<sup>cclix</sup>; é o que em terminologia Rosacruz se denomina um *pensamento-forma*<sup>cclx</sup>.

Um processo semelhante ocorre à escala terrena: "*quando muitas pessoas mantêm linhas de pensamento similares, estas agrupam-se e formam um grande todo*", diz-nos Max Heindel<sup>cclxi</sup>; é o que em terminologia esotericista se designa por *egrégora*<sup>cclxii</sup>, uma força mental criada e mantida activa pelos *pensamentos-forma* de todos os que regularmente se juntam num determinado local com um propósito comum e que exerce uma poderosa influencia sinérgica sobre os mesmos, muito superior ao conjunto dos *pensamentos-forma* individuais, influência essa que se faz sentir naqueles que vão a esse local mesmo que não partilhem desse propósito.

## A MINHA EXPLICAÇÃO

A correlação destes factos configura a minha versão dos acontecimentos.

A região onde se situa a Cova da Iria é um *chakra* da Terra por onde flui, constantemente, uma corrente de espiritualidade.

Uma pessoa vulgar poderá não sentir os efeitos dessa corrente, mas uma criança, ou um adulto mais sensitivo, podem ter alguns vislumbres de planos superiores que, muito provavelmente, não saberá interpretar por desconhecer aquilo que hoje em dia se insiste em chamar *ciências ocultas*. Daí as visões que, pelo menos desde os tempos dos berberes, se têm produzido na região em causa.

Reportando-me às duas aparições que ocorreram antes e depois de 1917, penso que a da Senhora da Ortiga é uma lenda, mas a sua origem pode ter sido a aparição de uma entidade espiritual a uma criança; quanto à *Santa da Ladeira*, embora me incline para uma fraude, acredito que a Maria da Conceição, cuja compleição física era comum a muitos médiuns femininos, tenha visto uma entidade dos mundos subtis, talvez sobre uma carrasqueira, o que a terá inspirado para fazer da Ladeira do Pinheiro uma *concorrente* de Fátima.

No que respeita aos Templários, as causas da sua instalação em Tomar são de natureza superior; a corrente espiritual e anagógica que flui nesta região ter-lhes-á permitido, não só um acesso melhor e mais fácil aos mundos subtis, como também outras realizações, provavelmente de natureza espagírica e alquímica, mas que fazem parte do seu segredo.

\* \* \*

Em 1916 e 1917, Lúcia, Jacinta, Francisco, bem como outros pequenos videntes que não passaram à história oficial das aparições, nomeadamente a Carolina e a Conceição, estavam na idade em que as crianças possuem um certo grau de clarividência, neste caso mais desenvolvida pela especificidade esotericista do local onde viviam.

É nestas condições que, em 1916, um grupo de crianças avistou, de forma fugaz e indefinida, uma entidade dos mundos subtis, o vulto da *Estrumeira*.

Em 13 de Maio de 1917, e nos cinco meses seguintes, Lúcia, Jacinta e Francisco avistaram uma outra entidade, a qual, ao invés da anterior, conseguiu manifestar-se de forma muito mais nítida e completa, talvez por saber utilizar melhor as propriedades ocultas de uma *árvore eixo do mundo*.

Lúcia, cuja clarividência era a mais desenvolvida, foi a única que conseguiu comunicar com a entidade; para tal, falava normalmente mas a sua interlocutora tinha de lhe transmitir telepaticamente a sua mensagem, que a Jacinta conseguia também captar, embora com maior dificuldade; daí que a *Senhora* - continuemos a chamá-la assim - quando *falava*, mantivesse a boca fechada e não mexesse os lábios, e Lúcia tivesse feito algumas confusões sobre o que lhe era *dito*. Quanto ao irmão do Francisco, João Marto, que esteve presente na aparição dos Valinhos, o facto de nada ter visto leva-me à conclusão de que já teria ultrapassado a fase da clarividência infantil ou que nunca a teve, como por vezes sucede.

A questão seguinte é saber quem seria a *Senhora* e o que queria.

A sua descrição física permite supor que tivesse sido uma menina de grande beleza, de baixa estatura, que viveu naquela região - recorde-se que se referiu a Vila Nova de Ourém como a *Aldeia*, topónimo há muito caído em desuso - e que faleceu em plena juventude; na altura das aparições, encontrar-se-ia, talvez, no Primeiro Céu, mas, por qualquer razão, quis manifestar-se no plano terreno e contactar crianças como ela fora em vida, da mesma idade e da mesma terra.

A *Senhora* disse às crianças para aprenderem a ler, ensinou-lhes uma oração e, principalmente, insistiu para que rezassem o terço, insistência esta que foi, inegavelmente, a tónica dominante da sua mensagem. Tendo em atenção o valor esotérico da repetição da prece, penso que as crianças estariam na presença de um espírito superior, talvez cristão, mas seguramente não católico.

A *Senhora* revelou-lhes um segredo o qual, em boa verdade, apenas foi conhecido por Lúcia<sup>cclxiii</sup> e por alguns altos dignitários do Vaticano. Tendo em consideração o que ficou dito e intuído, parece-me legítimo presumir que **esse segredo seria, precisamente, sobre as virtudes ocultas da oração e a forma mais eficaz de a praticar**, o que se coaduna, razoavelmente, com o que dele disseram as crianças em 1917: não era para serem ricas<sup>cclxiv</sup>, mas para seu bem e para bem das suas almas; se era para bem da alma do prior, era algo que não podiam saber, por ignorarem o grau de espiritualidade do pároco; se fosse conhecido do povo, talvez este ficasse triste por supor que o segredo o não beneficiaria, ou talvez ficasse na mesma por não crer no seu valor.

Penso que este verdadeiro segredo chegou ao conhecimento de alguns prelados provavelmente logo que Lúcia ficou sob a alçada da Igreja; tratava-se, porém, de algo insípido, discutível e principalmente muito pouco católico. Terá sido por esta última razão que a *Senhora* recomendou às crianças que o não revelassem, protegendo-as, assim, da incompreensão do meio católico em que viviam; quanto à Igreja, terá sido por todos os motivos que achou por bem arranjar outro *segredo*, mais saboroso e, acima de tudo, indiscutivelmente católico. E para criar um certo *suspense* à sua volta, dividiu-o em três partes, revelou as duas primeiras e guardou para si a terceira, deixando os crentes entregues às mais desvairadas e temerosas suspeições.

A *Senhora* disse às crianças que não ofendessem mais Nosso Senhor, que fizessem uns andores, que construíssem uma capelinha; prometeu converter alguns pecadores e melhorar a saúde de uns tantos doentes sem dizer quais; e garantiu que, no final, faria um *milagre* para que todos acreditassem nelas. Trata-se, evidentemente, do género e estilo de discurso, de certo modo prudente, que crianças rudes, ignorantes e católicas, melhor poderiam compreender e aceitar.

Na última aparição, a *Senhora* disse que a guerra acabaria nesse dia. Não sei como pôde tê-lo feito, e não sei por que em 13 de Maio, sobre o fim da guerra, respondera “*Não te posso dizer ainda enquanto te não disser também o que quero*”, e em 13 de Junho disse à Lúcia para aprender a ler “ (...) *para te dizer o que te quero*”; ora Lúcia não aprendeu a ler, nem os outros videntes o fizeram. Logo, as condições que a *Senhora* impôs para dizer o que queria e quando acabava a guerra, não foram satisfeitas; e, na verdade, não disse o que queria, mas disse quando acabava a guerra, porém enganando-se redondamente<sup>cclxv</sup>.

A única explicação que me ocorre para este intrigante facto é o engano ter partido da própria Lúcia. É perfeitamente natural que a criança estivesse preocupada com a sorte de familiares e amigos que tinham partido para África ou para a Flandres e ansiasse pelo fim do conflito; por outro lado, terminavam, nesse dia 13, as visitas de alguém que, na sua imaginação, poderia ajudá-la pondo um fim à guerra. Assim, neste estado de espírito, é possível que Lúcia tenha interpretado algo que a *Senhora* haja dito sobre a guerra, da forma que mais desejava - o seu fim imediato e o regresso, em breve, dos militares. Há, ainda, outro factor de peso a considerar, o de Lúcia ser um *canal de comunicação* rudimentar e inexperiente, portanto falível.

Finalmente, o *milagre do sol*.

Penso que a *Senhora*, por qualquer razão, não foi capaz de fazer com que as entidades que tinha anunciado fossem vistas pelas 50.000 pessoas, mas apenas por uma escassa meia dúzia e, ainda assim, de forma imperfeita. Nestas circunstâncias, admito que *alguém* veio em seu socorro e fez com que a multidão visse o sol a *bailar* e a *cair*, talvez por estar mais familiarizado com este género de *milagres*<sup>cclxvi</sup>. Porém, fosse como fosse, confesso que não sei como foi possível realizá-lo; só sei que nem o Sol nem a Terra se mexeram, nem se desviaram das suas rotas uma fracção de milímetro.



## VI

### UMA PALAVRA FINAL

Afinal, o que é hoje Fátima?

Fátima é apenas uma povoação que deu o seu nome a um pobre e desértico lugar da Serra de Aire onde milhares de pessoas, idas dos quatro cantos do mundo, e na sua esmagadora maioria movidas por uma hiperdulia acrítica mas sincera, formaram uma poderosa *egrégora* que transmuta, ainda que temporariamente, a sua agressividade, arrogância, desprezo, em gentileza, civilidade, respeito.

É este o verdadeiro *milagre de Fátima*, de que é credora, sem dúvida, a Igreja Católica Portuguesa que soube fazer deste pobre e desértico lugar, a Cova da Iria, um dos mais famosos santuários marianos do mundo cristão, redimindo-se assim, e de certa forma, das ridículas deturpações que ao longo dos tempos fez dos acontecimentos que estiveram na sua génese.

Nesta perspectiva, saber se Fátima é, ou não, um *chakra*; se as crianças fizeram a primeira comunhão pelas mãos do *Anjo de Portugal* ou do prior de Fátima; se viram Nossa Senhora ou a pequenita esposa do coronel Genipro empoleirada numa carrasqueira; se o famoso *segredo* era sobre o inferno, a devoção do Imaculado Coração de Maria e o massacre do papa e religiosos, ou sobre o valor esotérico da oração; se o *milagre do sol* foi mesmo um milagre ou apenas uma vulgar nave espacial de regresso a *Alfa Centauri*, são, certamente, questões importantes. Porém, o que considero verdadeiramente importante é o facto de Fátima ter passado a ser um manancial de bem-estar, paz e tranquilidade, um foco de esperança para aqueles que ali vão em busca de um milagre que alivie o seu sofrimento, e que, acima de tudo, possa vir a ser uma antevisão da Fraternidade Universal por que todos ansiamos.

Julho de 2009

## BIBLIOGRAFIA

- A.Martins Afonso, *Breve História de Portugal*, 5ª ed., Porto, Porto Editora, 1984,  
António de Macedo, *Instruções Inicialísticas*, Lisboa, Hugin - Editores, Lda, 1999,  
Armando Santinho Cunha, *A Simbologia das Plantas - Dos Antigos Mistérios à Maçonaria Actual*, Lisboa, Hugin - Editores, Lda, 1999,  
Carlos Ferrão, *História da 1ª República*, Lisboa, Terra Livre, 1976,  
*Christus*, revista mensal, Março de 1998, nº 11,  
Cónego C. Barthas, *Fátima, Os Testemunhos, os Documentos*, Lisboa, Ed. Aster, s/data,  
Costa Brochado, *As Aparições de Fátima*, Lisboa, Portugália Editora, 1952,  
*Diccionario Rosacruz*, Buenos Aire, Editorial Kier S.A., 1971,  
*Documentação Crítica de Fátima*, Vol. I, *Interrogatórios aos Videntes, 1917*, fixação dos textos, introdução e notas de Luciano Coelho Cristino, José Galdes Freire e Margarida Maria Amaral Santos, Santuário de Fátima, 1992,  
Erich von Däniken, *O Fenómeno das Aparições*, Mem Martins, Publicações Europa-América, s/data.  
Pe. Fernando Leite, S.J., *As Aparições de Fátima*, 11ª ed., Braga, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1978,  
Fina d'Armada, *Fátima, O que se passou em 1917*, Amadora, Livraria Bertrand, 1980,  
Fina d'Armada e Joaquim Fernandes, *As Aparições de Fátima e o Fenómeno OVNI*, Lisboa, Ed. Estampa, 1995,  
Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Editions Robert Laffont, S.A., 1982,  
José Galdes Freire, *Breve Guia de Fátima*, Santuário de Fátima, 1978,  
José Galdes Freire, *O Segredo de Fátima, A Terceira Parte é sobre Portugal?*, Santuário de Fátima, 1978,  
Juan G. Atienza, *A Meta Secreta dos Templários*, Lisboa, Litexa - Portugal, 1981,  
Mário de Oliveira, *Fátima Nunca Mais*, 6ª ed., Porto, Campo das Letras, Editores S.A., 1999,  
Maurice Guinguand, *O Ouro dos Templários, Gisors ou Tomar?* Lisboa, Livraria Bertrand, 1975,  
Max Heindel, *Astrologia Científica Simplificada*, 7ª ed., Buenos Aire, Editorial Kier S.A., 1975,  
Max Heindel, *El Cuerpo Vital y El Cuerpo de Deseos*, 2ª ed. Buenos Aire, Editorial Kier S.A., 1973,  
Max Heindel, *A Filosofia Rosacruz em Perguntas e Respostas*, 2 vol., S. Paulo, Brasil, Fraternidade Rosacruz, s/data,  
Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*, 28ª ed. Oceanside, CA, USA, The Rosicrucian Fellowship, 1977,  
*Memórias da Irmã Lúcia*, 3ª ed., compilação do Pe. Luís Kondor, SVD, Fátima, *Postulação*, 1978,  
*Mensagem de Fátima (A)*, Junta Central da Acção Católica Portuguesa, Lisboa, Ed. Logos, 1961,  
Michel Lamy, *Os Templários*, Lisboa, Editorial Notícias, s/data,  
Moisés Espírito Santo, *Os Mouros Fatimidais e as Aparições de Fátima*, Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa, 1995,  
René Guénon, *O Rei do Mundo*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Minerva, 1978,  
Dr. Rui Ramos, *A Segunda Fundação (1890 – 1926)*, Sexto Volume da *História de Portugal*, Direcção de José Mattoso, Lisboa, *Círculo dos Leitores*, 1994,  
Sebastião Martins dos Reis, *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*, Braga, Tip. Editorial Franciscana, 1970,  
Tomás da Fonseca, *Fátima*, Rio de Janeiro, Ed. Germinal, s/data.

## NOTAS

### Introdução

<sup>i</sup> C. Brochado, *As Aparições de Fátima*, p. 20

<sup>ii</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Vol. I, *Interrogatórios aos Videntes - 1917*, citado doravante como *Inter. Videntes - 1917*.

<sup>iii</sup> C. Brochado, *As Aparições de Fátima*, p. 21

### I – Enquadramento histórico das aparições

<sup>iv</sup> Sobre os dados históricos, cf. Afonso A. Martins, *Breve História de Portugal*, Carlos Ferrão, *História da 1ª República* e Dr. Rui Ramos, *A Segunda Fundação (1890 - 1926)*, 6º Vol. da *História de Portugal* dirigida por José Mattoso.

<sup>v</sup> C. Brochado, *As Aparições de Fátima*, pp. 228, 229 e 238

<sup>vi</sup> *Inter. Videntes - 1917*, p. 24

<sup>vii</sup> Fina d'Armada e J. Fernandes, *As Aparições de Fátima e o Fenómeno OVNI*, p. 23. Este facto foi confirmado pelo Padre Luís Kondor - figura preponderante da versão oficial das aparições de Fátima - em declarações à *Guia Gente* (p. 14), suplemento do *Público* de 13 de Agosto de 1999. O realce é meu.

<sup>viii</sup> Francisco tinha falecido em 4 de Abril de 1919 e Jacinta em 20 de Fevereiro de 1920.

<sup>ix</sup> O relatório final está datado de 14 de Abril de 1930.

### II – Os acontecimentos, segundo os relatos de 1917

<sup>x</sup> Tomáz da Fonseca, *Fátima*, pp. 279 e 280 e *Interrogatórios Oficiais de 1923*, citados por Fina d'Armada e J. Fernandes em *As Aparições de Fátima e o Fenómeno OVNI*, p. 26

<sup>xi</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc 2, p.12 e Doc. 47, p. 335. A altura foi calculada comparando a *Senhora* com Virgínia, uma amiga das crianças, de 12 anos e com 1 metro e 10 de altura; quanto à idade presumo que o seu cálculo se tenha baseado no aspecto do rosto e na estatura.

<sup>xii</sup> Id. Doc 1, p. 8

<sup>xiii</sup> Id. Doc 1, p. 8

<sup>xiv</sup> Id. Doc 32, pp. 273 e 274. Respeito a grafia das fontes consultadas.

<sup>xv</sup> Id. Doc 2, p.p. 11 e 12 e Doc 21, p. 257

<sup>xvi</sup> Id. Doc 12, p. 104

<sup>xvii</sup> Id. Doc 32, p. 275

<sup>xviii</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc 33, p. 278

<sup>xix</sup> O pai tinha falecido em 31 de Julho de 1919

<sup>xx</sup> Fina d'Armada, *Fátima*, pp. 31 e 355.

<sup>xxi</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc 31, p.271

<sup>xxii</sup> Tomás da Fonseca, *Fátima*, p. 30

<sup>xxiii</sup> Trata-se de uma obra escrita pelo Padre Manoel José Gonçalves Couto (1819-1897), na altura muito em voga nos meios rurais como forma de propagar a fé pelo terror. De facto, é um livro de verdadeiro horror, pese embora o ridículo do seu conteúdo. A título de exemplo, e citando Tomás da Fonseca, o autor da *Missão Abreviada*, ao descrever os sofrimentos do Senhor, desde a casa de Pilatos até ao Calvário, afirma ter recebido "*pontapés - 144; punhadas - 150; bofetadas - 102; angústias no coração - 72; lágrimas que chorou - 600.200; gotas de sangue - 230.000*"; etc. (cf. Tomás da Fonseca, *Fátima*, nota a p. 215).

<sup>xxiv</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc 19, p.p. 187 a 196 e Doc 12, p. 109.

<sup>xxv</sup> Moisés Espírito Santo, *Os Mouros Fatimidistas e as Aparições de Fátima*, p.21. Em minha opinião, esta *pose* reflecte a total normalidade das crianças.

<sup>xxvi</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc 19, pp. 187 a 196

<sup>xxvii</sup> Hora civil correspondente, na época, ao meio-dia solar.

<sup>xxviii</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc 1, p.8. O termo *mulher* foi o usado pelo Pároco de Fátima para se referir, pela primeira vez, à aparição; porém, no processo paróquial substituiu-o por *Senhora*, que passarei também a usar.

<sup>xxix</sup> C. Brochado, *As Aparições de Fátima*, p. 135

<sup>xxx</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc. 7, p. 55

<sup>xxxi</sup> Continuo a respeitar a grafia que consta da bibliografia consultada.

<sup>xxxii</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc 1, p. 9

<sup>xxxiii</sup> Id. Doc 4, p. 19

<sup>xxxiv</sup> Id. Doc 45, p. 320

<sup>xxxv</sup> Id. Doc 45, p. 321

<sup>xxxvi</sup> Id. Doc 31, p. 272

<sup>xxxvii</sup> Id. Doc 2, p. 11

<sup>xxxviii</sup> *Ibid.* pp. 11 e 12 e Doc 31, pp. 258 e 259

- xxxix Id. Doc 31, p. 259
- xl Id. Doc 31, p. 264. Este texto está confirmado no Doc 55, p. 392
- xli *Inter. Videntes, 1917*, Doc 7, p. 61. Será curioso notar que, segundo a nota 371 a este Doc 7, este acrescento não aparece nem nos apontamentos, nem na primeira redacção manuscrita do Dr. Formigão, mas somente na sua posterior revisão, o que, em meu entender, prova que o mesmo é absolutamente espúrio (Cf. *Inter. Videntes, 1917*, pp. 61, 62, 63 e, em especial, p. 69, onde se transcreve esta jaculatória ainda sem o acrescento.
- xlii Id. Doc 17, pp. 178 e 179
- xliiii Id. Doc 31, p. 272
- xliv Id, Doc 3, p. 15
- xlv Id. Doc 31, p.260
- xlvi Id. Doc 3, p. 13 e Doc 31, pp. 259 e 260
- xlvii *Inter. Videntes, 1917*, Doc 34, p. 282
- xlviii Id. Doc 31, p. 271. É possível que Jacinta não tivesse ouvido, ou percebido, o segredo.
- lix C. Barthas, *Fátima, os Testemunhos, os Documentos*, p. 75
- <sup>1</sup> *Inter. Videntes, 1917*, Doc 12, pp. 114 e 115, Doc 14, p. 136, Doc 16, p. 151 e Doc 17, p. 178.
- li *Inter. Videntes, 1917* Doc 54, pp. 377 e 378
- lii Id. Doc 54, pp. 379 e 380
- liii *Ibid.* p. 381
- liv Op. cit., legenda da 9ª gravura, entre pp. 80 e 81
- lv *Inter. Videntes, 1917*, Doc 31, p. 272
- lvi Id. Doc 33, p. 278
- lvii Id. Doc 17, pp. 179 a 181 e Doc 31, p. 263
- lviii Aldeia da Cruz, antigo nome de Vila Nova de Ourém; na bibliografia consultada não encontrei explicação para o facto da *Senhora* ter usado um topónimo há muito caído em desuso. O realce é meu.
- lix *Inter. Videntes, 1917*, Doc 17, p. 169
- lx Id. Doc 28, nota a p. 235
- lxi Id. Doc 4, pp. 18 e 19
- lxii Id. Doc 31, p. 272
- lxiii Id. Doc 5, pp. 21 e 22 e Doc 31, pp. 264 e 265
- lxiv Id, Doc 5, p. 22
- lxv Sebastião M. Reis, *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*, p. 63
- lxvi *Inter. Videntes, 1917*, Doc 28, p. 231
- lxvii Id. Doc 33, p. 278
- lxviii Id. Doc 57, pp. 402 e 403
- lxix Id. Doc 12, pp. 112 e 113
- lxx 50.000 é o número mais baixo dos citados nas obras que consulti, havendo quem tenha estimado os presentes em 100.000.
- lxxi F. Armada e J. Fernandes, *As Apaições de. Fátima e o Fenómeno OVNI*, p. 163
- lxxii *Inter. Videntes, 1917*, Doc 6, p. 24, Doc 13, p. 123, Doc 16, p. 148, Doc 31, pp. 266 e seg.
- lxxiii Id. Doc 6, p. 24
- lxxiv *Ibid.*, pp. 24 e 25
- lxxv *Inter. Videntes, 1917*, Doc 6, p. 25
- lxxvi *Ibid*
- lxxvii Id. Doc 31, p. 267.
- lxxviii Id. Doc 14, p. 122
- lxxix Id. *passim*.
- lxxx Vidé infra, III, Primeira Aparição, Acrescento I
- lxxxi *Inter. Videntes, 1917*, Doc 31, p. 268
- lxxxii Id. Doc 14, p. 131
- lxxxiii Id. Doc 14, p. 133
- lxxxiv Id. Doc 14, p. 129.
- lxxxv *Inter. Videntes, 1917*, Doc 21, pp. 205 e 206
- lxxxvi Id. Doc 14, p.131
- lxxxvii Sebastião M. Reis, *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*, p.62.
- lxxxviii T. Fonseca, *Fátima*, p. 254
- lxxxix Sebastião M. Reis, *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*, nota 8, p. 24
- xc C. Brochado, *As Aparições de Fátima*, p.130
- xcI *Inter. Videntes, 1917*, Doc 32, p.275.
- xcii *Inter. Videntes, 1917*. Doc 7, p. 54
- xciii Id., Doc 17, pp. 161 a 165. As crianças a que Lúcia aludiu eram as seguintes: na primeira vez, Teresa Matias e Manuel Pereira; na segunda, Manuel das Neves e Manuel de Jesus; na terceira vez, apenas João Marto, já nosso conhecido e que, tal como no ano seguinte iria suceder nos Valinhos, nada viu.
- xciv Id. Doc 17, p. 165
- xcv Id. *Descrição do Documento 17*, p. 157. À frente referir-me-ei a este ANJO.
- xcvi *Inter. Videntes, 1917*, Doc 3, p. 16.

- <sup>xcvii</sup> Id. Doc 31, p. 270  
<sup>xcviii</sup> Fina d'Armada, *Fátima*, p.358  
<sup>xcix</sup> Sebastião M. Reis, *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*, p. 61  
<sup>c</sup> Parece um pouco estranha a dúvida das crianças, já que as descrições do jovem e da imagem são bastante diferentes.  
<sup>ci</sup> E que levou oito anos para concluir os seus trabalhos ...  
<sup>cii</sup> Fina d'Armada e J. Fernandes *As Aparições de Fátima e o Fenómeno OVNI*, pp. 141 a 147  
<sup>ciii</sup> Não se sabe se estas promessas foram, ou não, cumpridas.

### III – Os acontecimentos, segundo a Igreja Católica

- <sup>civ</sup> O realce é meu, pois acho curioso que a Igreja, na sequência do relatório da comissão que *estudou* o caso da Cova da Iria, haja optado pelo termo *visões*, em vez de *aparições*, que estaria mais de acordo com a sua versão dos acontecimentos.  
<sup>cv</sup> Cf. v.g. *Inter. Videntes*, 1917, Doc 11, p. 88  
<sup>cvi</sup> Id. Doc 14, p. 130  
<sup>cvii</sup> *Inter. Videntes*, 1917, Doc 13 e 14, pp. 124 e 132. O Dr. Formigão fez esta pergunta concreta à Lúcia que respondeu que a *Senhora* nunca disse que rezassem o terço na igreja.  
<sup>cviii</sup> Dizem F. d'Armada e J. Fernandes que "*perante as mensagens «marianas», temos a sensação pura de uma certa dessincronização com os ensinamentos da Igreja Católica*" (cf. *As Aparições de Fátima e o Fenómeno OVNI*, p. 41).  
<sup>cix</sup> Vidé nota 7 supra, em que este sacerdote é referido.  
<sup>cx</sup> *Memórias*, p. 16; o realce é meu.  
<sup>cxii</sup> *Memórias*, p. 59  
<sup>cxiii</sup> Id. p. 109.  
<sup>cxiv</sup> Revista mensal *Christus*, nº 11, Março de 1998, p. 24. O realce é meu.  
<sup>cxv</sup> O leitor poderá estranhar este tom irónico; porém, a versão oficial da Igreja tem tantas e tão ridículas passagens que só o sarcasmo pode criticar.  
<sup>cxvi</sup> *Inter. Videntes*, 1917, Doc 7, p. 66. Por isso, nas declarações prestadas pelo Francisco em 11 de Outubro de 1917, o Dr. Formigão riscou "*As saias dão pelos joelhos*" conforme se lê na op. cit., Doc 11, nota 96, p. 93.  
<sup>cxvii</sup> F. Leite, *As Aparições de Fátima*, contracapa; o realce é meu.  
<sup>cxviii</sup> *Memórias*, pp. 51 e 52.  
<sup>cxix</sup> Id. p. 52  
<sup>cx</sup> Id. p. 60. A povoação de Fátima em festa não seria, propriamente, um lugar solitário onde a criança pudesse recordar as delícias de uma tão sublime primeira comunhão ...  
<sup>cxii</sup> Id. p.53  
<sup>cxiii</sup> Id. p. 59.  
<sup>cxiiii</sup> *Inter. Videntes*, 1917, Doc 11, p. 81  
<sup>cxv</sup> *Memórias*, p. 60  
<sup>cxvi</sup> *Memórias*, p. 62 e nota 21 à *Segunda Memória*, a p. 91  
<sup>cxvii</sup> *Inter. Videntes*, 1917, p. 5  
<sup>cxviii</sup> *Memórias*, p. 76  
<sup>cxix</sup> Id., pp. 68 e 69  
<sup>cx</sup> Id., p. 69  
<sup>cxii</sup> Id., p. 115  
<sup>cxiii</sup> Op. cit. p. 50.  
<sup>cxiiii</sup> *Memórias*, p. 109  
<sup>cxv</sup> *Irmã Lúcia*, in revista *Christus*, já cit., p. 19  
<sup>cxvi</sup> *Ibid.*  
<sup>cxvii</sup> Citada por António de Macedo, in *Instruções Iniciáticas*, p. 228  
<sup>cxviii</sup> *Memórias*, *passim*.  
<sup>cxix</sup> Hospital de Vila Nova de Ourém.  
<sup>cx</sup> *Memórias*, pp. 40, 42 e 43.  
<sup>cxii</sup> *Memórias*, p.100  
<sup>cxiii</sup> Op. cit. p. 106. Imagine-se o sobressalto com que o pobre Papa, certamente alheio aos problemas do mundo, recebeu tão terrível ameaça celestial...  
<sup>cxiv</sup> Op. cit. pp. 109 e 110. O autor vê neste *segredo* um prenúncio do *25 de Abril* !  
<sup>cxv</sup> *Memórias*, p.110  
<sup>cxvi</sup> Id. p. 126. Afinal, o Francisco ouvia, ou não? E a *Senhora* mudava, ou não, de expressão?  
<sup>cxvii</sup> Id. p. 128. Esta alegada visão foi posterior à do *inferno*, a qual diz a Igreja fazer parte do chamado *segredo* de Fátima, que abordarei mais à frente.  
<sup>cxviii</sup> *Inter. Videntes*, 1917, Doc 14, pp. 131 e 133 e Doc 34, p. 268  
<sup>cxix</sup> *Memórias*, p. 146  
<sup>cx</sup> Op. cit. Nota 1, p. 24  
<sup>cxii</sup> *Memórias*, pp. 88 e 89.  
<sup>cxiii</sup> Id. p. 146  
<sup>cxiv</sup> *Memórias*, p. 146.

- cl In *Fátima Nunca Mais*, pp. 12 e 14
- cli É evidente que, se não fosse Lúcia, ninguém conheceria nem amaria a Virgem Maria ...
- clii *Memórias*, p. 148
- cliii Id. pp. 148 e 149
- cliv *Memórias*, p. 149
- clv Ficamos sem saber se este pedido foi feito durante esta aparição ou a anterior ...
- clvi *Memórias*, pp. 173 e 179. Parte deste acrescento já tinha sido feito à segunda aparição, o que apenas denota o pouco cuidado posto em todas estas alterações.
- clvii Id. p. 94
- clviii Id. p. 150; o sublinhado é meu.
- clix Será curioso recordar que o culto ao Sagrado Coração de Maria já tinha sido estabelecido nos finais do século XIX pelo Papa Leão XIII, por pressão da irmã Maria do Divino Coração de Jesus e da Companhia de Jesus, através do *Apostolado da Oração*. Aquela religiosa era uma aristocrata alemã que viveu de 1894 a 1899 na Quinta da Rua do Vale Formoso, no Porto, que o pai lhe comprara, e onde os Jesuítas tinham instalado o *Recolhimento do Bom Pastor*.
- clx *Memórias*, p. 150. Não sei a que se refere o *etc.*
- clxi *Inter. Videntes, 1917*, Docs 32 e 33, pp. 273 a 279
- clxii Id. Doc 16, p. 150
- clxiii *Memórias*, p. 128
- clxiv Sebastião M. Reis, *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*, nota 1, p. 10
- clxv *Memórias*, p. 150
- clxvi Também um simples *ai!* para tão horripilante visão seria francamente pouco !
- clxvii *Memórias*, nota 8, p. 104
- clxviii Refere-se à aurora boreal que na noite de 25 para 26 de Janeiro de 1938 iluminou o hemisfério norte, desde o Canadá à Checoslováquia, incluindo Portugal
- clxix *Memórias*, p. 101
- clxx Cf. revista *Christus*, já cit., p. 22
- clxxi José Geraldês Freire, *O Segredo de Fátima, A Terceira Parte é sobre Portugal?*, pp. 25 e 26
- clxxii In revista *Christus*, já cit. p. 36. Creio que o Cardeal Ratzinger se tenha referido ao verdadeiro segredo, de que tomou conhecimento provavelmente logo que Lúcia ficou sob a alçada da Igreja, e não à *terceira parte*.
- clxxiii *Memórias*, p. 154
- clxxiv Id. p. 154 .
- clxxv *Memórias*, p. 156..
- clxxvi Id. p. 155
- clxxvii Cf. *Os Protagonistas*, supra.
- clxxviii *Memórias*, p. 156
- clxxix Id. p. 156. Afinal, a *Senhora* mudava de expressão, conforme a Irmã Lúcia se lembrou ... vinte e tal anos depois !
- clxxx Id. pp. 156 e 158
- clxxxi *Memórias*, pp. 54 a 58.
- clxxxii C. Barthas, *Fátima, Os Testemunhos, os Documentos* , p. 19
- clxxxiii O realce é meu.
- clxxxiv Apesar do seu gongorismo, o *Anjo de Portugal* falava melhor o português do que *esta Virgem*.
- clxxxv *Memórias*, pp. 173 a 180.
- clxxxvi *Memórias*, pp. 181 e 182.
- clxxxvii *Outro segredo?* !
- clxxxviii Infelizmente não posso satisfazer a natural curiosidade do leitor em saber o que seria uma *comunicação íntima*, porque o livro não o diz.
- clxxxix *Memórias*, pp. 181 e 182
- cx c Compreende-se, agora, por que razão Nossa Senhora andava sempre com o coração na mão ...
- cxci Cf. *Primeira Aparição*, nesta parte.

#### IV – Os acontecimentos, segundo outras versões

- cxcii In *Fátima*, pp. 192 e seg.
- cxciii Id. p. 193
- cxciiv Vidé II, *Os Protagonistas*.
- cxci v T. Fonseca, *Fátima*, p. 203. É totalmente errado; recorde-se que foi precisamente no início de 1917 que o CEP marchou para a Flandres.
- cxci vi In *Fátima*, pp. 284 e 424
- cxci vii *Fátima Desmascarada*, citado por Fina d'Armada em *Fátima*, já cit., pp. 53 e 54.
- cxci viii *Fátima Nunca Mais*, p. 59.
- cxci x Id. p. 133.
- cc Id. p. 159.
- cci T. Fonseca, *Fátima*, pp. 244 e seg.

<sup>ccii</sup> Do grego ουρανος – céu

<sup>cciii</sup> Fina d'Armada, *Fátima*, p. 170. *Foo fighters* foi o nome que pilotos da Segunda Guerra deram a algumas estranhas luzes que avistaram nos céus e lhes parecia serem aviões, sem, contudo, conseguirem identificar se seriam amigos ou inimigos; daí que a expressão *foo* me pareça uma corruptela de *foe*, inimigo. Assim, e porque *fighter* significa avião de caça, não vejo o que *foo fighters* possa ter a ver com «olhos voadores» ...

<sup>cciv</sup> Fina d'Armada, *Fátima*, p. 345

<sup>ccv</sup> Id. pp. 346 e 347. Outro *segredo* vindo do espaço ?

<sup>ccvi</sup> Fina d'Armada, *Fátima*, p. 341.

<sup>ccvii</sup> Ibid.

<sup>ccviii</sup> Fina 'Armada e J. Fernandes, *As Aparições de Fátima e o Fenómeno OVNI*, p. 34. Se os *extraterrestres* dominam toda uma tecnologia que os oculta de quem eles querem, então por que foi necessária a vinda do *anjo*?

<sup>ccix</sup> Não posso deixar de citar o seguinte comentário de Moisés Espírito Santo a esta tese: "*digamos que os extraterrestres possuirão tecnologias avançadas, mas os humanos batê-los-ão em imaginação!*" (cf. *Os Mouros Fatimidias e as Aparições de Fátima*, legenda da fig. 13)

<sup>ccx</sup> Fina d'Armada e J. Fernandes, *As Aparições de Fátima e o Fenómeno OVNI*, p. 51; o sublinhado é meu.

<sup>ccxi</sup> Op. cit. p. 57

<sup>ccxii</sup> Em 24 de Junho de 1947, Kenneth Arnold, um homem de negócios do Idaho, pilotava o seu avião no Estado de Washington quando avistou uma formação de nove objectos voadores, com a forma de pratos prateados, e que a uma velocidade muito superior à que então podia ser alcançada, voavam sobre o Monte Rainier, aos saltos, como se tivessem sido lançados a rasar as águas tranquilas de um lago.

Alguns dias depois, em 7 de Julho, Mac Brazel, um rancheiro que vivia próximo da Base Aérea de Roswell, no Novo México, informou o *sheriff* local de que havia destroços espalhados pelos seus campos, não lhe parecendo que tivessem uma origem terrena. O *sheriff* avisou o comandante da base, o qual, de imediato, enviou pessoal da *intelligence* militar recolher todo o material e despachá-lo para análise.

No dia seguinte, a Força Aérea, pelo seu porta-voz tenente Walter Haut, emitiu um comunicado oficial em que, surpreendentemente, declarava ter entrado na posse de um disco voador. Porém, ao fim desse mesmo dia, o general Roger Ramsey, de Forth Worth, Dallas, fez um desmentido formal, dizendo que os destroços em causa não eram mais do que os restos de um vulgar balão meteorológico. Mas em 1994, 47 anos depois, a Força Aérea tornou pública uma nova versão, segundo a qual os destroços pertenciam a um ultra-secreto globo experimental espião, destinado a detectar explosões atómicas soviéticas; e em 1997, o Departamento de Defesa convocou uma conferência de imprensa, durante a qual o coronel John Haynes, da Força Aérea, distribuiu um exemplar de *The Roswell Report: Case Closed (Relatório Roswell: Caso Encerrado)* onde se expunha, com detalhe, o *Projecto Mogul*, no âmbito do qual a Força Aérea havia feito diversas experiências, não só com globos espões, mas também com manequins, cujos restos haviam sido confundidos com cadáveres de extraterrestres que, em 1947, algumas testemunhas disseram ter visto na Base Aérea de Roswell.

Este caso tem sido objecto de inúmeras especulações que o cinema tem aproveitado para, com mais ou menos sensacionalismo, explorar o *dossier OVNI*. Recorde-se, por exemplo, um documentário transmitido em 1997 por uma das nossas televisões, em que se documentava a recolha dos destroços e dos corpos de extraterrestres, um dos quais ainda com vida, mas que acabou por sucumbir, após o que foi autopsiado. O programa terminou com os comentários de médicos portugueses sobre essa autópsia, que teria sido filmada na íntegra.

<sup>ccxiii</sup> Suponhamos que o presumido planeta de Alfa Centauri é do tamanho da Terra; reduzamos as dimensões dos dois planetas ( $\varnothing$  12.756 km) e a distância de 40.681.440.000.000 km (4,3 anos-luz) a valores que possamos compreender; teremos, então, que esta viagem espacial corresponderia, sensivelmente, à que uns tantos micro organismos fariam se se deslocassem, pelos céus vazios, de uma cabeça de alfinete localizada na Guiné-Bissau, por exemplo, até outra situada na Cova da Iria!

<sup>ccxiv</sup> Em 1158, Fátima foi feita prisioneira por D. Gonçalo Hermingues, o *Mata-Mouros*, o qual, à frente de um grupo de cavaleiros, tinha atacado os mouros de Alcácer do Sal. Apaixonado pela sua formosa cativa, D. Gonçalo pediu a sua mão a Afonso Henriques que a concedeu se ela se convertesse ao Cristianismo. Enamorada, também, do cavaleiro, Fátima recebeu o baptismo, trocou o nome por Oureana e casou com D. Gonçalo. O rei doou-lhes as terras e a vila de Abdegas que passaram a chamar-se Oureana, mais tarde, Ourém. A bela moura, porém, morreu cedo e D. Gonçalo, por desgosto, fez-se monge de Cister, em Alcobça. Em 1171 o Abade enviou-o para uma aldeia próxima de Ourém, a fim de aí fundar um priorado, tendo este construído uma capela para onde trasladou o corpo da sua amada Oureana, e a aldeia passou a chamar-se Fátima em memória do primitivo nome da jovem moura.

<sup>ccxv</sup> O Sufismo (do árabe *tasawwuf*) é um movimento nascido nos princípios do século X e largamente espalhado pelo mundo islâmico, apesar da sua aceitação nem sempre ser pacífica, principalmente nos meios sunitas. Desde o século XIII que os sufis se têm-se agrupado em diversas irmandades, ou *tariqas*, na África do Norte, Turquia, Irão, Ásia Central e Índia.

O Sufismo é difícil de definir ou caracterizar; as suas principais componentes são o misticismo, a tradição e os rituais, e contém inúmeros pontos comuns a outros movimentos ascéticos, ou místicos, não islâmicos, como o Gnosticismo, o Neoplatonismo, o Maniqueísmo, o Budismo e, principalmente, o Nestorianismo cristão. Os sufis crêem desfrutar de uma amizade especial por parte de Deus (*walaya*) e serem capazes de alcançar uma espécie de união espiritual, comunhão, ou comunicação com Deus e com a Gnose, isto é, o conhecimento directo da divina verdade (*haqiqa*).

A via que conduz à Gnose é uma sucessão de estágios e estados espirituais (*maqamat* e *halat*), percorrida sob a supervisão de um mestre sufi (*shaykh*, ou *pir*) que já alcançou a Gnose, e começa com o arrependimento do iniciando e a benção miraculosa (*baraka*) do mestre, por si recebida do seu mestre e assim sucessivamente até Ali ibn Abi Talib e o próprio Mahomed. A maioria dos sufis segue as práticas do monasticismo não celibatário, da glorificação da pobreza, pelo que confiam a sua

sobrevivência a Deus (*tawakkul*), da auto-humilhação pública e da identificação de Deus com o Amor; a música, a dança e a poesia (*sama*) desempenham, também, um papel importante na vida de um sufi.

Uma das técnicas utilizadas pelos sufis, a *dhirk* (recitação, repetição), consiste em se colocarem numa determinada posição corporal e depois, seguindo um rosário de contas (*subga*), repetirem, milhares de vezes, fórmulas verbais contendo o nome de Deus até atingirem o êxtase que lhes abre as portas dos mundos supra-sensíveis e dos seres espirituais.

Os sufis mais conhecidos são os derviches (do turco *darwish*), que significa pedinte, que constituem numerosas irmandades com as suas próprias regras, crenças, ritos e métodos de iniciação; as mais conhecidas são a dos *Qadiris*, ou derviches *uivadores*, fundada em 1165 A.D., a dos *Rifais* dos séculos XII e XIII, que comem vidro e carvões incandescentes e engolem espadas, e a dos *Mevlevis*, ou *Maulawis*, fundada pelo poeta e místico persa Jalal ad-Din Muhammad ar-Rum, a que pertencem os famosos derviches *rodopiantes*, que utilizam a dança para atingirem o êxtase.

<sup>ccxvi</sup> In *Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima*,. *passim*

<sup>ccxvii</sup> Ibid. p. 349

<sup>ccxviii</sup> Ibid. p. 98. Com base nesta obra, os chiitas do Irão, num comunicado ao Vaticano, terão reclamado, como seu, o Santuário de Fátima (cf. *Semanário* de 7 de Junho de 1997, 2º caderno, p. 7)

<sup>ccxix</sup> Fina d'Armada, *Fátima*, já cit., pp. 55 e seg.

<sup>ccxx</sup> Fina d'Armada, *Fátima*, p. 58. Os *espíritos* estavam enganados; nos princípios de 1917 a paz ainda vinha longe.

<sup>ccxxi</sup> Fina d'Armada, *Fátima*, p. 58.. A interpretação da autora pode estar correcta, sem dúvida, embora na altura os espíritos não fossem alvo de especiais perseguições, ao contrário do que se iria verificar durante o Estado Novo. Mas o anúncio no *Diário de Notícias* também poderia referir-se, por exemplo, ao amor de duas criaturas que esperavam que a *guerra* que a família lhes fazia fosse terminar ...

<sup>ccxxii</sup> Ibid. p. 59.

## V – A minha versão dos acontecimentos

<sup>ccxxiii</sup> Ao leitor mais interessado sobre este assunto recomendo, vivamente, a obra fundamental de Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo Conception*, da qual existem edições em português com o título *Conceito Rosacruz do Cosmo*.

<sup>ccxxiv</sup> Infelizmente não consegui obter mais informações sobre este templo.

<sup>ccxxv</sup> In *A Meta Secreta dos Templários*, pp. 47 a 68.

<sup>ccxxvi</sup> Id., nota 6 ao capítulo 4, p. 233.

<sup>ccxxvii</sup> Id. pp. 67 e 68.

<sup>ccxxviii</sup> Id. p. 67.

<sup>ccxxix</sup> Juan G. Atienza, *A Meta Secreta dos Templários*, p. 67.

<sup>ccxxx</sup> Id. p. 11.

<sup>ccxxxi</sup> As pinturas e as figuras esculpidas que hoje se vêem, são espúrias, tendo sido feitas cerca de trezentos anos mais tarde apenas para agradar à Igreja Católica.

<sup>ccxxxii</sup> In *O Ouro dos Templários, Gisors ou Tomar?*, pp.203 a 206.

<sup>ccxxxiii</sup> Cit. por T. Fonseca em *Fátima*, pp. 209 e seg.

<sup>ccxxxiv</sup> Cf. a *Alegoria da Caverna* de Platão, in *A República*, Livro VII, 514.

<sup>ccxxxv</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, ent<sup>a</sup> *Caverne*, pp. 180 a 184.

<sup>ccxxxvi</sup> René Guénon, *O Rei do Mundo*, pp. 79 e 80.

<sup>ccxxxvii</sup> A. Santinho Cunha, *A Simbologia das Plantas - Dos Antigos Mistérios à Maçonaria Actual*, pp. 21 e 23.

<sup>ccxxxviii</sup> Ibid.

<sup>ccxxxix</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant *Dictionnaire des Symboles*, ent<sup>a</sup> *Chêne*, p. 221,

<sup>ccxl</sup> Alguns destes mundos estão popularizados com outras designações, caso do Mundo dos Desejos, p. ex., mais conhecido como *Mundo Astral*.

<sup>ccxli</sup> Os éteres que constituem esta região nada têm a ver com o produto laboratorial vulgarmente conhecido por éter.

<sup>ccxlii</sup> Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo Conception*, Cap I, pp. 24 a 55, *passim*.

<sup>ccxliii</sup> Se aplicarmos o célebre axioma hermético "*O que está em cima é como o que está em baixo*", poderemos dizer que o que se passa com o Ego é como o que se passa com um homem vulgar, que viva nos trópicos e tenha de se deslocar a uma região polar; inicia a viagem em camisa e calções, veste uma camisola e umas calças quando chega à zona temperada, mas ao atingir a região polar tem de envergar um casacão e umas calças para a neve; no regresso, despe a roupa mais pesada, depois a mais leve até que volta a casa de novo em camisa e calções.

<sup>ccxliv</sup> O corpo mental encontra-se, ainda, numa fase primária de constituição, pelo que será mais correcto designá-lo, apenas, por mente.

<sup>ccxlv</sup> Esta actuação decorre durante a vida terrena e a fase em que, usando a linguagem vulgar, está morto.

<sup>ccxlv</sup> *Chakra* é um termo sânscrito que significa *roda*.

<sup>ccxlvii</sup> O exemplo mais conhecido é-nos dado pelo *chakra coronário*, o vórtice da glândula pineal, cujo fulgor foi representado, por pintores clarividentes, como uma auréola em torno da cabeça de santos, hoje obrigatória na iconografia vulgar.

<sup>ccxlviii</sup> Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo Conception*, pp. 56 a 86

<sup>ccxlix</sup> Este termo não deve ser confundido com o que foi usado pela Igreja Católica.

<sup>cccl</sup> Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*, Cap III, pp. 87 a 133, *passim*.

<sup>cccli</sup> Max Heindel, *Astrologia Científica Simplificada*, p. 13.

<sup>ccclii</sup> Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*, p. 53, Max Heindel, *El Cuerpo Vital y El Cuerpo de Deseos*, p. 35, etc.



<sup>ccliii</sup> Do grego Γαῖα, sub. fem. poético da deusa *Gaia*, Terra.

<sup>ccliv</sup> Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*,. p. 140, Max Heindel, *A Filosofia Rosacruz em Perguntas e Respostas*, Vol I, Perg. 139, p. 267, etc.

<sup>cclv</sup> São as chamadas *viagens astrais*.

<sup>cclvi</sup> 1 Tes 5, 17.

<sup>cclvii</sup> Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*,. p. 434, Max Heindel, *A Filosofia Rosacruz em Perguntas e Respostas*, Vol II, Perg. 135, pp. 390 e seg, *Diccionario Rosacruz*, Ent<sup>a</sup> *Cuerpo-Alma*, p. 42 e *Oración*, pp. 118 e 119, etc.

<sup>cclviii</sup> António de Macedo, *Instruções Iniciáticas*, pp. 205 e seg., onde o leitor poderá encontrar informações úteis e deveras interessantes sobre a origem do rosário e o seu conteúdo esotérico.

<sup>cclix</sup> É frequente o romancista confessar que, por vezes, as suas personagens parecem ganhar vida e actuar de acordo com a sua própria vontade que pode não ser a do seu criador.

<sup>cclx</sup> Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*,. pp. 88 e 89.

<sup>cclxi</sup> Max Heindel, *A Filosofia Rosacruz em Perguntas e Respostas*, Vol I, Perg. 121, p. 239.

<sup>cclxii</sup> *Egrégora* é um substantivo também usado em outros contextos, como seja o nome dos anjos que se uniram às filhas de Seth, citados no *Livro de Enoque*, ou os pais dos *nephilim*, seres terríveis que nos esmagavam sem piedade por não saberem da nossa existência, como diz Eliphaz Levi em *Le Grand Arcane* (1868), etc.

<sup>cclxiii</sup> Será que a desgraçada freira, depois de uma longa e triste vida de clausura e das mentiras com que lhe *lavaram* o cérebro, ainda se lembraria do **verdadeiro** segredo ?

<sup>cclxiv</sup> *Nem para irem para o céu*, disseram as crianças, o que, confesso, me causa alguma perplexidade.

<sup>cclxv</sup> Em 13 de Outubro de 1917 o conflito estava longe de terminar. Em 6 de Abril de 1917, os EUA tinham declarado guerra à Alemanha e, em 7 de Dezembro, ao Império Austro-Húngaro; somente em 9 de Fevereiro do ano seguinte é que, na sequência da revolução bolchevista, a recém criada Ucrânia iria assinar a paz com a Alemanha e em 3 de Março a Rússia faria o mesmo. O armistício só seria assinado em 11 de Novembro de 1918, portanto, mais de um ano após a última aparição.

<sup>cclxvi</sup> O milagre do sol não é inédito, como disse na Introdução. De facto, segundo Erich von Däniken, em 1933, em Onkerzeele, Bélgica, a senhora Nieke von der Dijk, depois de ter várias visões, viu o *sol* tomar a cor verde-avermelhada e começar a rodar; em 1950, em Cassalichio e Acquaviva, Itália, milhares de pessoas afirmaram *ter visto* uma nuvem abrir-se e o *sol* girar e brilhar co todas as cores; em 1950, nos jardins do Vaticano, o Papa Pio XII viu o *sol* girar como na Cova da Iria (cf. *O Fenómeno das Aparições*, pp. 260 a 262)..

## António José de Carvalho Monteiro



António José de Carvalho Monteiro, nascido em Lisboa em 4 de Março de 1934, é Estudante Rosicrucista , associado à The Rosicrucian Fellowship, desde 1977. É autor de diversos artigos e ensaios divulgados na Revista AMIZADE ROSACRUZ, alguns dos quais se encontram disponíveis na página [http://www.fraternidaderosacruz.org/antonio\\_monteiro.htm](http://www.fraternidaderosacruz.org/antonio_monteiro.htm)

· **A Ordem Rosacruz**, Publicações Europa-América, Lda, Mem Martins, 1981

· **O Que é Fátima?**, Hugin Editores, Lisboa, 2000

O estudo de diversas correntes ocultistas as quais o autor se dedicou desde uma longínqua juventude levaram-no à conclusão de que a mais lógica, abrangente e elucidativa é a Filosofia Rosacruz, na qual se insere um conjunto de conhecimentos espiritualistas que, entre 1909 e 1919, foram dados a conhecer por Max Heindel através de uma notável bibliografia em que se destaca a obra básica The Rosicrucian Cosmo-Conception (Conceito Rosacruz do Cosmos).

Mas os ensinamentos de Max Heindel não se limitam a transmitir-nos conhecimentos ocultistas – incentivam-nos a desenvolver as nossas potencialidades espirituais e intelectuais, uma das quais é a intuição metafísica que nos permite fazer a nossa própria interpretação de alguns passos ocultistas menos desenvolvidos ou até omissos; se o fazemos da forma correcta, ou não, um dia veremos!

O autor considera A Filosofia Rosacruz uma corrente de pensamento ocidentalista e cristão que visa a evolução espiritual do ser humano através do desenvolvimento harmonioso da via ocultista e da via mística.

É nesta ordem de ideias que a presente série **“Reflexões de um Estudante Rosicrucista”** se insere, contendo um conjunto de artigos de sua responsabilidade onde analisa, em termos eminentemente especulativos, determinados assuntos, tendo em vista uma conclusão interpretativa tão lógica quanto possível, já que, como diz Max Heindel, “a lógica é o melhor mestre em qualquer mundo”.

Para além destes exercícios espiritualistas o autor, cuja obra o qualifica como um avançado Estudante Rosicrucista (2), apresenta alguns textos meramente informativos, bem como um resumo do Conceito Rosacruz do Cosmos aspirando ajudar aqueles que começam a interessar-se por estes assuntos, razão pela qual sugere que seja o primeiro texto da série a ser lido.

O décimo-sexto volume desta série é dedicado à uma profunda pesquisa sobre AS APARIÇÕES DA COVA DA IRIA. As opiniões expressas neste E-Book são de inteira responsabilidade do autor .

---

## **Reflexões de um Estudante Rosicrucista**

Por António Monteiro

-

Volume I - Síntese do Conceito Rosacruz do Cosmos

Volume II - Christian Rosenkreuz – Estudo biográfico

Volume III - A Ressurreição de Lázaro

Volume IV - O Nome Germelshausen

Volume V - A Tábua de Esmeralda

Volume VI - Os Versos de Ouro de Pitágoras

Volume VII - Os Mistérios, Um Poema Inacabado de Goethe

Volume VIII - O Evangelho Secreto de Marcos

Volume IX - Evangelho de Judas

Volume X - O Evangelho de Tomé

Volume XI - Maria Madalena e o Santo Graal - Uma Análise Especulativa de O Códico Da Vinci

Volume XII – As Imagens de Jesus

Volume XIII – Interpretação do Fausto , de Goethe

Volume XIV - Max Heindel, uma pequena biografia

Volume XV - A Evolução do Homem no Globo D - correlação entre as investigações ocultas e antropológicas

Volume XVI – As Aparições da Cova da Iria.

## ALGUNS TERMOS ROSICRUCISTAS

### ROSA CRUZ

1. S. 2 gen. Composto simbolizante em que Rosa representa o espírito e Cruz o corpo físico. A composição significa que o espírito se encontra livre da necessidade de renascer num corpo físico e pode prosseguir que impôs a si próprio. O Rosacruz é aquele que atingiu a quarta iniciação maior mas permanece no mundo físico integrado na Ordem Rosacruz. O m. q. Irmão Maior.

2. Adj. Relativo à Ordem Rosacruz. O m. q. Rosa-Cruz, símbolo gráfico da ligação do espírito com o corpo físico

### ROSACRUZ

S. 2 gen. Composto simbolizante por justaposição, em que Rosa representa o espírito e Cruz o corpo físico. A justaposição significa que o espírito se encontra livre da necessidade de renascer num corpo físico, mas permanece ligado a este mundo a fim de cumprir uma missão espiritualista

### ROSICRUCISMO

S. masc. Sistema filosófico e esotericista, de índole cristã e ocidentalista, que visa a evolução espiritual do ser humano através da harmonização da via ocultista e da via mística. O m. q. Filosofia Rosacruz.

Preferível ao anglicismo Rosacrucianismo.

(Do lat. rosa, rosæ + crux, crucis)

### ROSICRUCISTA

1. S. 2 gen. Aquele ou aquela que atingiu qualquer iniciação menor na Escola de Mistérios Rosacruz. O m. q. Irmão Leigo.

2. Adj. Relativo ao Rosicrucismo. Preferível ao anglicismo Rosacruciano. (Do lat. rosa, rosæ + crux, crucis)

### ESTUDANTE ROSICRUCISTA

S. 2 gen. Aquele ou aquela que estuda o Rosicrucismo mas não é iniciado na Escola de Mistérios Rosacruz. O m. q. estudante regular, probacionista ou discípulo. a sua evolução nos mundos superiores. O Rosa Cruz é aquele que, tendo atingido a quarta iniciação maior, passou para um mundo superior a fim de evoluir em condições diferentes das terrenas.

**"Ao discípulo da antiga sabedoria é ensinado a perceber que o homem não é essencialmente uma personalidade, mas um espírito."**

**- Manly P. Hall**



**E-Book publicado com a expressa autorização do autor.**

As opiniões expressas neste E-Book são de inteira responsabilidade do autor .

**Venda proibida**

Download gratuito, disponível através do seguinte endereço:

[www.fraternidaderosacruz.org/am\\_aadcdi.pdf](http://www.fraternidaderosacruz.org/am_aadcdi.pdf)



## **Fraternidade Rosacruz Max Heindel**

Centro Autorizado do Rio de Janeiro



Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210

Telefone celular: (21) 9548-7397

[www.fraternidaderosacruz.org](http://www.fraternidaderosacruz.org)

E-mail: [rosacruznhrio@gmail.com](mailto:rosacruznhrio@gmail.com)

Filiada a Rosicrucian Fellowship

2222 Mission Avenue, Oceanside, CA 92054-2399, USA

(760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)

[www.rosicrucian.com](http://www.rosicrucian.com)    [www.rosicrucianfellowship.org](http://www.rosicrucianfellowship.org)

